

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**André Rocha Rodrigues**

**A gente não tem parada:** etnografia e deslocamentos (de)  
travestis.



SÃO CARLOS – SP.  
Primavera de 2020.

André Rocha Rodrigues

**A gente não tem parada: etnografia e deslocamentos (de)  
travestis.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

**Linha de pesquisa: Antropologia Urbana**

**Orientador: Luiz Henrique de Toledo**

SÃO CARLOS – SP.

Primavera de 2020.

Rodrigues, André Rocha

A gente não tem parada: etnografia e deslocamentos (de) travestis / André Rocha Rodrigues -- 2020.  
182f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Henrique de Toledo

Banca Examinadora: Luiz Henrique de Toledo, Silvana  
de Souza Nascimento, Iracema Hilário Dulley, Júlio Assis  
Simões, Igor José de Renó Machado

Bibliografia

1. Antropologia urbana. 2. Deslocamentos. 3. Estudos de  
gênero. I. Rodrigues, André Rocha. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato André Rocha Rodrigues, realizada em 18/12/2020.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCar)

Profa. Dra. Iracema Hilário Dulley (UFSCar)

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (UFSCar)

Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento (USP)

Prof. Dr. Júlio Assis Simões (USP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

*À Rosemeire.*

## AGRADECIMENTOS

Lévi-Strauss, no célebre *Tristes Trópicos*, afirma que o etnógrafo adquire uma espécie de desenraizamento crônico em função da brutalidade das mudanças a que se expõe; e um amigo antropólogo disse que as interlocutoras oferecem ao antropólogo experiências de mundos possíveis. Concordando com essas afirmações, expresso meu sincero e profundo agradecimento a todas as travestis, em particular as que participaram deste trabalho, por me apresentarem outros mundos possíveis, possibilitando desprendimento de supostas raízes pessoais e me percebendo também em movimento. Agradeço especialmente à Britney pela receptividade, bom humor, generosidade, carinho, amizade e trocas de conhecimentos. Esse trabalho seria impossível sem você.

Eu precisaria de muitas vidas para agradecer meus pais, Cícera e Luiz, e mesmo assim não seria suficiente. Agradeço por quê de um jeito muito bonito, mesmo sem jamais imaginar que um dos seus filhos estaria em uma universidade pública, vocês nunca duvidaram. Incentivaram e apoiaram todas as minhas escolhas com amor, carinho e respeito. Vocês foram, são e sempre serão minha inspiração e força. Muito obrigado!

Agradeço especialmente a Rosemeire Salata, por ser muito mais que amor. Por todos os dias, assim como água. Por ser amiga, amante, companheira e parceira. Pelo incentivo, apoio, discussões e conversas sobre essa tese e o mundo inteiro. Por ler e fazer comentários sobre o texto. Por ouvir atentamente minhas dúvidas, debater ideias e me provocar a melhorar cada dia.

Agradeço muitíssimo ao Kike, o antropólogo meu amigo que citei no início desses agradecimentos. Obrigado por me orientar nesse trabalho, oferecer excelentes conversas, indicações, observações e trocas. Pela confiança, respeito, atenção, senso de humor, poesia, música e amizade. Aprendi e aprendo muito com você. Obrigado.

Ao Wagner Xavier Camargo pela disposição em criar junto comigo o “Elke: grupo de estudo em gênero e antropologia” e mesmo em meio a tantos compromissos e agenda lotada, cumprir um cronograma pretensioso de estudos. Agradeço também à Alexandra, Gisa e Silvana, pela amizade, leituras compartilhadas, conversas e debates.

Aos queridos Pedro Mourthé e Izadora Acypreste, os melhores amigos que fiz no PPGAS da UFSCar. Obrigado pelos cafés, cervejas, conversas, risadas, discussões, diálogos e convergências inesperadas entre nossos trabalhos. Tenho um orgulho danado em ser contemporâneo de vocês.

Um agradecimento especial ao Estevão Chaves que fez a linha para mim em Franca/SP, me recebendo e explicando as regiões da cidade. Muito obrigado.

À professora Silvana de Souza Nascimento e ao professor Igor José de Renó Machado pelas leituras e excelentes observações, comentários e críticas no exame de qualificação que enriqueceram este trabalho e ajudaram no seu encaminhamento.

À professora Catarina Morawska Vianna pelas ótimas aulas sobre Marilyn Strathern e antropologia contemporânea que foram fundamentais para esse trabalho. Ao professor Júlio de Assis Simões por me aceitar como aluno especial na USP, proporcionar ótimos debates e se dispor a conversar sobre meu tema de pesquisa.

Às professoras Ana Lúcia Castro e Renata Medeiros Paoliello, e aos membros do GEPAC da Unesp Araraquara. As conversas sobre os projetos de pesquisa em andamento e as leituras compartilhadas de Nietzsche, Deleuze e Derrida foram inspiradoras.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (processo nº 2016/08210-2) pelo imprescindível financiamento para a realização desse trabalho.

E agradeço ao Bartolomeu por me levar para caminhar todas as manhãs e me fazer companhia enquanto escrevia essas linhas.

## RESUMO

As travestis que estão inseridas nos mercados do sexo demonstram existir uma íntima relação entre a atuação nesses mercados e deslocamento territorial. Os estudos sobre o tema costumam abordar o deslocamento com base nas noções de estratificação, *status* e distinção. Situado na discussão sobre esse vínculo entre mobilidades e travestis, apresento uma ampliação da noção de deslocamento de modo a destacá-lo como relação, sentido e conhecimento a fim de compreender alguns dos processos internos de produção da pessoa travesti, o que implica pensar nos deslocamentos geográficos, mas não só neles. Com base no conhecimento produzido pelas travestis sobre *não ter parada, não se prender a lugar nenhum, fazer a linha, sair doida e viajar para conhecer*, analiso os vários significados que o deslocamento pode fazer revelar sobre a dinâmica dos movimentos existenciais das travestis, associados às atividades de trânsito entre cidades e lugares. Identifiquei evidências desses deslocamentos entre cidades brasileiras, e realizei trabalho de campo em três delas: São Carlos/SP, Campo Grande/MS e Franca/SP. A etnografia ajudou a alargar o entendimento e a noção de deslocamento para compreender melhor a dinâmica deslocada de experiências onde mobilidades, relações e a produção do corpo-gênero das travestis ocorrem durante os deslocamentos, não como fim último ou em função deles.

**Palavras-chave:** travestis; deslocamentos; estudos de gênero; etnografia.



## **ABSTRACT**

The travestis who work in the sex market reveal a close relation between their activities in these markets and territorial displacement. Studies usually address this subject based on the notions of stratification, status and distinction. With basis on the discussion on mobility and travestis, I present an expansion of the notion of displacement in order to highlight it as relation, sense and knowledge in order to understand some of the internal production processes of the travesties. That meant thinking about geographical shifts, but also the travestis' knowledge which derives from not having a safe port, not really belonging anywhere, getting a reference for the next thing, moving on recklessly and traveling to learn. I analyze the various meanings that displacement can reveal about the dynamics of existential movements of travestis, associated with transit activities between cities and places. I have identified evidence of these displacements between Brazilian cities and carried out fieldwork in three of them: São Carlos/SP, Campo Grande/MS e Franca/SP. The ethnographic study helped broaden the understanding and notion of displacement to better understand the displaced dynamics of experiences where mobility, relations and the travestis' production of the body-gender occur, not as the motivation for the displacements, but in the midst of them.

**Keywords:** travestis; displacements; gender studies; ethnography.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fragmento do mapa de São Carlos/SP.	17
Figura 2	Região ocupada por travestis no centro de Campo Grande/MS.	62
Figura 3	Propaganda da festa “Join Smoke”.	65
Figura 4	Região Leste de Franca. Destaque para as regiões ocupadas por travestis.	72

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM – Amazonas

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ATMS – Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul

CORSA – Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor: Grupo pela Conscientização e Emancipação da Minorias Sexuais

CUTS – Central Única das Trabalhadoras Sexuais

DAM – Departamento de Antropologia e Museologia

FATEC – Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo

GLBT – Gays, Lésbicas Bissexuais e Transgêneros

GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes

GLT – Gays, Lésbicas e Travestis

HIV/AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (Queer, Intersexo, Assexual)

MG – Minas Gerais

MGL – Movimento de Gays e Lésbicas

MHB – Movimento Homossexual Brasileiro

MS – Mato Grosso do Sul

MT – Mato Grosso

ONG – Organização não governamental

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PR – Paraná

Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

SC – Santa Catarina

SESC – Serviço Social do Comércio

SP – São Paulo

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNICEP – Centro Universitário Central Paulista

UNODC – Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

USP – Universidade de São Paulo

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	15
<i>A Rua</i> .....	15
<i>Os deslocamentos</i> .....	21
1. O DESLOCAMENTO COMO MÉTODO .....	30
<i>Primeiras inserções</i> .....	34
<i>Um homem negro cis hétero em campo?</i> .....	38
<i>Apreensão do código modal dos deslocamentos</i> .....	42
2. “A GENTE NÃO TEM PARADA”: OS DESLOCAMENTOS COMO RELAÇÃO. ....	50
<i>Deslocamentos dentro do deslocamento</i> .....	51
<i>“Se o capeta vier, eu como o cu dele”</i> .....	70
<i>“Ficar parada é um absurdo”</i> .....	77
<i>Deslocamento como relação</i> .....	83
3. “FAZER A LINHA” E “SAIR DOIDA”: OS DESLOCAMENTOS COMO SENTIDO.....	91
<i>Linhas que não formam redes</i> .....	94
<i>Linhas múltiplas</i> .....	102
<i>Linhas, pessoa e parentesco</i> .....	109
<i>Linhas travestis</i> .....	116
4. “VIAJAR PARA CONHECER”: AS RELAÇÕES ENTRE O CORPO-GÊNERO EM TRANSIÇÃO E OS DESLOCAMENTOS.....	123
<i>O corpo-gênero</i> .....	125
<i>Gênero travesti?</i> .....	130
<i>Corpos-gênero em transição nos deslocamentos</i> .....	137
<i>Cidades travestis</i> .....	145
O TROPO TRAVESTI, À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	170

*O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas –  
mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.*

*É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.*

*Riobaldo*

*Do I contradict myself?  
Very well then I contradict myself,  
(I am large, I contain multitudes.)*

*Walt Whitman*

## INTRODUÇÃO

### *A RUA*

Existe um bom clichê acadêmico sobre pesquisas, o qual afirma que temos apenas uma noção de como iniciaremos os trabalhos, mas não temos nenhuma certeza de como será o resultado. Eu não fugi desse lugar comum. Quando iniciei meu trabalho ainda no mestrado na interlocução com as travestis, em 2013, não fazia ideia que o interesse em saber como se deu a ocupação da região da Avenida Getúlio Vargas, em São Carlos/SP, por mulheres e travestis que atuavam nos mercados do sexo<sup>1</sup>, me colocaria a pensar deslocamentos (de) travestis.

Minhas questões iniciais e um tanto prosaicas, orbitavam sobre “Por que aqui?” e “Desde quando isso acontece aqui?”, ou seja, uma abordagem mais próxima do que se convencionou chamar de uma “sócio antropologia urbana clássica” sobre segregação e apropriação de espaços em uma cidade média no interior paulista. Então, dispus-me a pensar os processos e as interfaces da segregação espacial urbana em São Carlos/SP, no que diz respeito ao mercado do sexo situado na Avenida Getúlio Vargas e seus arredores. Além disso, nessa esteira, refletir sobre o processo histórico que permitiu e permite a produção social desse espaço. Com isso, o objetivo foi investigar os significados desses territórios em relação à cidade e como a população são-carlense, sobretudo dos bairros próximos à Avenida Getúlio Vargas, convivia com esse tipo de ocupação.

São Carlos é um município destacado no interior do estado de São Paulo, na região Centro-Leste, e à distância rodoviária de 230 quilômetros da capital paulista. Com uma

---

<sup>1</sup> Utilizo a expressão “mercados do sexo” no sentido de Piscitelli (2013), o qual se refere à troca de bens, materiais e simbólicos, intensamente marcados por uma economia de mercado. Nos mercados do sexo, as relações presentes na indústria do sexo (serviços prestados em bordeis, boates, bares, discotecas, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornô, e prostituição de rua) coexistem com outras manifestações de mercados, comércio, dádiva e intercâmbios. Isso “remete a uma noção de economia em termos amplos, constituída por trocas entranhadas no social” (Piscitelli, 2013: 30).

população de 246.088 habitantes (IBGE, 2017), distribuídos em uma área total de 1.137.332 km<sup>2</sup>, é a 13<sup>a</sup> maior cidade do interior do estado em número de residentes. Os dois *campi* da Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e a FATEC, além de uma instituição de ensino superior particular, o Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), e outros polos de educação a distância de diversas universidades, especialmente particulares, tornam intensa a atividade universitária no município, que conta com uma população flutuante de mais de vinte e nove mil graduandos e pós-graduandos (IBGE, 2017), sendo boa parte atraída de outras cidades e estados. Além da atividade universitária que movimenta o setor imobiliário e de serviços, São Carlos possui um considerável parque tecnológico e industrial.

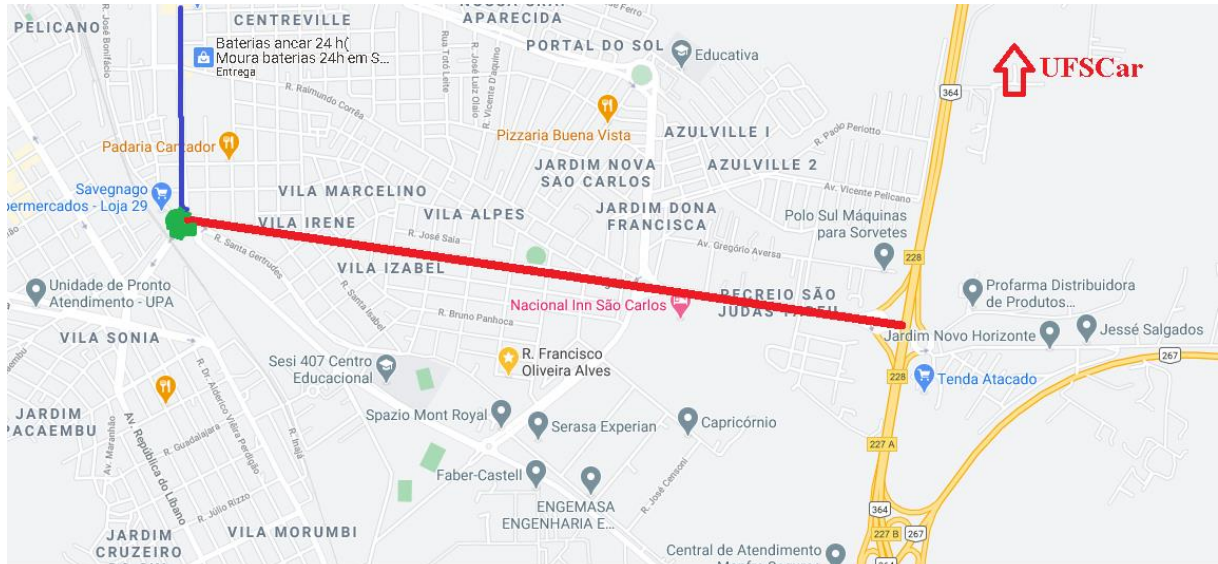
Assim, localizada nessa cidade, com aproximadamente três quilômetros de extensão, a Avenida Getúlio Vargas conecta vários bairros. Ao iniciar na Praça Itália<sup>2</sup>, faz ligação entre Centro e Vila Luftalla e, mais à frente, faz intersecções entre Vila Irene, Vila Isabel, Jardim São Paulo, Vila Alpes, Parque São José, Recreio São Judas Tadeu e Jardim Maracanã. Na altura de dois quilômetros, no sentido do Centro à Rodovia, uma rotatória dá acesso ao Distrito Industrial Miguel Abdelnur e aos bairros Jardim Nova São Carlos, Castelo Branco e Azulville. E, ao atravessar a Rodovia Washington Luís, chega-se ao Jardim Novo Horizonte.

---

<sup>2</sup> Espécie de complexo viário com uma rotatória principal que liga o início da Avenida São Carlos e o início da Avenida Getúlio Vargas.



**Figura 1:** Fragmento do mapa de São Carlos/SP. Em azul: Avenida São Carlos; Vermelho: Avenida Getúlio Vargas; Amarelo: Rodovia Washington Luís (No encontro entre Avenida São Carlos e Avenida Getúlio Vargas, em verde: Praça Itália).



**Fonte:** Google Maps. Acesso 08 outubro 2020.

A proposição inicial era pensar a cidade e como ela produzia, via e se relacionava com a ocupação realizada por mulheres e travestis na região da Avenida Getúlio Vargas, sobretudo no período noturno. Entretanto, com o tempo, além da proposta inicial, voltei o olhar para como as mulheres e travestis que ocupavam a região produziam, viam e se relacionavam com aquele espaço e com a cidade. Dessa forma, realizei um movimento “da cidade das pessoas para as pessoas da cidade” (Rodrigues, 2019a), no qual, dentre outras coisas, notei a predominância de travestis na região (cerca de oitenta por cento), muito em função das transformações urbanísticas e conflitos internos entre as trabalhadoras sexuais (travestis e mulheres), o que fez com que a observação deslocasse o foco para as interlocutoras majoritariamente travestis.

As travestis, ao se apropriarem do espaço, possuíam uma nomenclatura própria para se referir à região que ocupavam: “*Tudo é rua. Pra fora de casa é rua. Sempre quando vamos sair, a gente fala ‘vamos pra rua’. Ai você vai ouvir ‘a rua foi bem’ ou ‘a rua não foi bem’, é assim*”,

explicou-me Raabe<sup>3</sup>, travesti, branca, na faixa dos 20 anos, uma das interlocutoras do trabalho. Além de uma classificação própria, as travestis produziam maneiras particulares de produzir e experienciar a *Rua*<sup>4</sup>. Larissa Pelúcio (2009), ao fazer pesquisa na mesma região, também menciona que a *Rua* possui essa plêiade de significados. Busquei identificar quais eram esses significados e como eram elaborados.

A categoria *Rua* não se apresenta como unívoca oposição a *Casa*, ao menos não como nos termos damattianos (DaMatta, 1991)<sup>5</sup>. Mesmo por quê, quando Raabe diz “*pra fora de casa [tudo] é rua*”, ela aponta para casa como um contexto muito peculiar. A *casa* a qual ela se referiu poderia dizer respeito a uma espécie de pensão administrada por uma travesti mais velha, a qual servia de residência para Raabe e outras travestis que vinham de outras cidades<sup>6</sup>; poderia, ainda, dizer respeito à própria casa das travestis que moravam na cidade há mais tempo e possuíam residência fixa; e também *casa* era usada para se referir a boates que são utilizadas como espaço de trabalho, inclusive com quartos para efetivação dos programas.

Apesar de inúmeras tentativas, não consegui acesso às casas, especialmente as que abrigavam as travestis de outras cidades. Em São Carlos/SP, as cafetinas que administravam as duas casas existentes que tive conhecimento, a princípio, disseram não haver vagas, posteriormente, argumentaram que eram novas na administração e que colocar uma pessoa *estranha* dentro da casa poderia não ser muito bom para a imagem delas. Em Franca/SP, Kelly, única cafetina que consegui o contato, nem sequer respondeu minhas mensagens. Em Campo Grande/MS, Gaby não denegou logo de início meu pedido de me hospedar em sua casa

---

<sup>3</sup> Todos os nomes citados nesta pesquisa de pessoas envolvidas no trabalho de campo foram trocados com o objetivo de preservar o anonimato das interlocutoras.

<sup>4</sup> As palavras grafadas em itálico ao longo de todo o trabalho correspondem às expressões de minhas interlocutoras.

<sup>5</sup> Segundo DaMatta, o código da Casa é fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio, ou seja, é emocional. A casa é o espaço onde exigimos nossa presença e opinião; é onde se quer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família, um espaço com direito inalienável e perpétuo.

<sup>6</sup> Para se hospedar na casa, a travesti paga um valor fixo por semana que varia de trinta a oitenta reais, a depender da localidade e da casa. Normalmente, com um ou, no máximo, dois programas realizados, as travestis conseguem essa quantia. Esse valor corresponde a ter um lugar para dormir (algumas casas oferecem refeições), proteção e o direito de trabalhar na região da *Rua*, que é de domínio da cafetina que administra a casa. As regiões da *Rua* são divididas entre cafetinas locais, distinguindo espaços para travestis, mulheres e michês.

temporariamente. Entretanto, sempre demorava para responder minhas mensagens e, muitas vezes, só reagia aos meus chamados após três tentativas minhas. Suas respostas eram sempre evasivas, dizendo que naquela semana não havia vagas, ou apenas que estava muito ocupada e mais tarde me responderia – o que, de fato, nunca acontecia. Chegamos até a nos encontrar pessoalmente, mas de forma muito rápida na *Rua*. Nessa ocasião, ela se desculpou por não retornar meus contatos, disse que estava muito ocupada e saiu logo em seguida.

Posteriormente, na *Rua*, em Campo Grande/MS, soube que Gaby não quis me hospedar por dois motivos principais: o primeiro é porque “*ela é cafetina, né? Tem medo de ser denunciada*”<sup>7</sup>, explicou-me Britney; o segundo, de acordo com Keith, que estava hospedada na casa da Gaby quando conversamos, é que, além da *Rua*, elas atendem clientes em casa, por meio de anúncios em *sites* especializados em oferecer serviços sexuais. Portanto, minha presença poderia até não ser um problema para elas, mas possivelmente seria incômodo para algum cliente, sobretudo para os que exigem discrição e sigilo.

Larissa Pelúcio (2009), Julieta Vartabedian (2012) e Don Kulick (2008) obtiveram acesso as casas e demonstraram como elas constituem um espaço rico de sociabilidade, um espaço moral significativo. Letícia da Luz Tedesco (2008) e Letizia Patriarca (2015) têm trabalhos muito interessantes sobre casas. Tedesco (2008), preocupada com a produção de sentido e representações sobre o que vem a ser trabalho e exploração nos mercados do sexo em Porto Alegre/RS, mostra as relações construídas e estabelecidas em diferentes espaços (público e privado). A autora faz a distinção casa/rua como especificidade local, não como categorias para pensar a apropriação do espaço. Ela mostra como há um discurso feito pelos donos de casas (*drink bar/pensão/boate*) e pelas trabalhadoras sexuais sobre a diferença entre o trabalho e a exploração em cada um desses espaços. Patriarca (2015) mostra como as casas que oferecem serviços sexuais em Campinas/SP e suas donas podem ser um suporte econômico e afetivo para

---

<sup>7</sup> É importante lembrar que exercer trabalho sexual no Brasil não é crime, porém, exploração sexual de terceiros é crime e a cafetina pode ser enquadrada como “exploradora sexual”. Por isso, o receio.

as construções identitárias das trabalhadoras sexuais, representando um apoio seguro diante de violências policiais e de clientes, que acometem suas experiências no mercado do sexo.

Contudo, como disse, não obtive nenhuma inserção em casas, nem para a pesquisa do mestrado, nem para este trabalho de doutorado, de modo a impossibilitar algum relato etnográfico e/ou análise mais detida. Ainda que fosse possível tecer considerações sobre como minha presença na casa afetaria a imagem de uma nova pessoa na administração, ou sobre o medo da denúncia por ser cafetina, ou ainda sobre a relação com os clientes nas casas, assumo a não visitação e não permanência como uma limitação do trabalho, pois não me sinto autorizado a falar sobre algo que não presenciei *in loco*.

Voltando à *Rua*, no contexto travesti, notei que o termo possuía caráter polissêmico, viabilizando, além do contraste com a proposta de Roberto DaMatta (1991), outros diálogos, como com a categoria “pedaço”, de Magnani (2012), e com o “código-território”, de Néstor Perlongher (2005).

Apesar de ser também espaço de trabalho e impessoalidade, a *Rua* não é o resto do mundo fora da casa, pelo contrário, é, assim como o pedaço, o espaço intermediário entre o privado e o público, concentra pessoas e permite relações mais personalizadas e duradouras. E, na medida em que a *Rua* também é um território apropriado e produzido pelas travestis e que se torna referência de espaço dos mercados do sexo em São Carlos/SP, ela também contém o “código-território”, pois é também uma territorialidade expressa em um código peculiar, que fornece atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento, produzindo subjetividades, representando de igual modo um movimento de desterritorialização e promovendo também uma espécie de reterritorialização. Com base nesses diálogos, concluí que

A *Rua* apresenta possibilidades que extrapolam os limites colocados por alguns conceitos e categorias clássicas da antropologia urbana (Casa & Rua; Pedaço; Código-território). Contudo, faz isso sem negá-las; aliás, muito pelo contrário, contém nela, de alguma forma e em determinados momentos, aspectos de cada categoria já

anunciada. [...] O aspecto original encontrado na categoria *Rua* é como ela realiza conjunções e justaposições de outras categorias e sua heterogeneidade [...]. A *Rua* apresenta um espaço dinâmico onde o mesmo lugar pode ser pessoal e impessoal e produzir seus próprios códigos. Como visto, ela é rua, mas também pedaço e também código-território. Por ser ou conter nela todas essas categorias, ela não é nenhuma delas. Ela é *Rua*. Sua dinâmica e fluidez se dá justamente porque se negocia, muitas vezes com rigor formal, algo que é construído para ser muito íntimo e pessoal e, assim, as fronteiras se inter cruzam e se resolvem (Rodrigues, 2019b: 520-521).

Assim, realizei essas reflexões de modo a contribuir com o tema sobre apropriação do espaço em cidades médias com base na experiência das travestis. Retomando anotações e diários de campo após o exame de defesa da dissertação, percebi que menos de dez por cento das travestis com quem trabalhei eram naturais de São Carlos/SP. Comecei a pensar sobre a possibilidade de explicar a originalidade da *Rua* em função da renovação constante de pessoas presentes no espaço e a pouca permanência das travestis em cada lugar.

### ***OS DESLOCAMENTOS***

Desde nossa primeira conversa, Raabe me disse que não era são-carlense, estava na cidade havia poucas semanas e planejava não ficar muito tempo. Notei que essa fala reaparecia em muitas entrevistas e descobri que não ser do lugar era uma recorrência sempre evocada com ênfase. Muitas afirmavam ter origem em diferentes cidades, como Manaus/AM, Florianópolis/SC, Franca/SP, Ribeirão Preto/SP, São Bernardo do Campo/SP, Lima (Peru), São Paulo/SP, Campo Grande/MS e diziam que já haviam passado por tantas outras cidades, o que, em alguns casos, incluía outros países (como Itália, por exemplo)<sup>8</sup>.

Certa vez, conversando com Raabe pela rede social Facebook, após tentativas frustradas de reencontrá-la na *Rua*, ela me disse que não estava mais em São Carlos/SP. Perguntei o porquê

---

<sup>8</sup> Itália, Espanha e França são alguns dos países inclusos nos deslocamentos realizados por travestis brasileiras. Ver Teixeira (2008), Pelúcio (2009).

de ter ido embora e recebi enfática resposta: “*A gente não tem parada, não sou daí, sou de Franca, agora estou em Piracicaba. Fui só pra conhecer e conquistar alguma coisa. Não me prendo a lugar nenhum [...]*”. Não dei a devida atenção para tal declaração naquele momento, também não atentei para a importância do fato de existir uma casa que abrigava travestis bem próxima à Avenida Getúlio Vargas.

Marilyn Strathern (2014) afirma que “lapses”, dos quais esse pode servir de exemplo, fazem parte do exercício da pesquisa de campo, pois, não saber o que se vai descobrir é uma verdade da descoberta.

O exercício da pesquisa de campo é, portanto, antecipatório, na medida em que é aberto ao que virá depois. No meio tempo, o aspirante a etnógrafo reúne material cujo uso não pode ser previsto, fatos e questões coletados com pouco conhecimento de suas conexões. O resultado é um “campo” de informação ao qual é possível retornar, do ponto de vista intelectual, para fazer novas perguntas sobre desenvolvimentos posteriores cuja trajetória de início não era evidente (Strathern, 2014: 353-54).

As informações sobre o constante deslocamento geográfico e, conseqüentemente, pouco tempo de permanência nas cidades e lugares, assumiram esse estado inicial e imprevisível, destacado por Strathern (2014). Entretanto, essa condição se configurou, além de um campo aberto, em um retorno necessário para novas perguntas.

Há uma produção substancial sobre a multiplicidade dos mercados do sexo e prostituição de rua no Brasil<sup>9</sup> que já apontaram que esta atividade possui nos espaços públicos urbanos suas especificidades, pois implica alto grau de mobilidade e rotatividade de pessoas. Os trabalhos específicos sobre travestis (Pelúcio, 2009; Kulick, 2008; Nascimento, 2014; Vartabedian, 2012; Benedetti, 2012; Silva, 1993; Teixeira, 2008) atestam, inclusive, a dificuldade de realizar pesquisa de campo com travestis em função de sua alta mobilidade.

---

<sup>9</sup> Entre outros trabalhos importantes, destaco Fonseca (1996), França (2014), Patriarca (2015), Piscitelli (2013), Olivar (2013), Sales (2013), Santos (2012), Osborne (2004), Emakunde (2002) e Askabide (2006).

Colocar atenção sobre o fato dessas pessoas estarem em constante trânsito, de “*não ter parada e não se prenderem a lugar nenhum*”, suscitaram ainda outra ordem de indagações, a saber, a possibilidade da existência da categoria *Rua* nas cidades e lugares presentes nesses deslocamentos, e a potência que tal noção carregaria para a fabricação da pessoa travesti. Com base nisso, propus o projeto que resultou nesta tese.

Com a retomada do trabalho de campo para o doutorado, a constatação de haver *Rua* em outras cidades foi se tornando lateral na pesquisa, pois apontava recorrências sobre apropriações do espaço urbano, com especificidades, mas trazendo reflexões que eu já havia feito. Busquei, então, analisar os vários significados que os deslocamentos poderiam encerrar naquilo que os fazem revelar a dinâmica dos trânsitos existenciais das travestis. Percebi que os deslocamentos eram de importância central no contexto travesti, mostrando-se como relação e sentido, e, além disso, revelando aspectos cruciais da construção dos corpos e da pessoa travesti.

A relação entre espaços e corpos também já havia me ocorrido ainda que preliminarmente durante a pesquisa de mestrado. Dentro da *Rua* criada pelas travestis havia uma série de classificações dos territórios inventadas de modo a especificar regiões, como *Rua de trás*, *Rua do fundo*, *Rua de dentro*, *Rua de baixo*. A Avenida Getúlio Vargas era chamada de *Rua da frente*, e correspondia ao lugar onde travestis de até trinta anos de idade trabalhavam com mais roupas; *Rua de trás* e *Rua de dentro*, espaço de travestis com pouca roupa e também de até trinta anos de idade; *Rua do fundo*, o lugar de travestis com mais de trinta anos de idade (consideradas velhas); e *Rua de baixo*, o espaço das mulheres.

De maneira indireta (ou não proposital), as divisões produzidas pela *Rua* contribuía para a própria produção dos corpos. Contudo, só posteriormente, ao realizar novas incursões etnográficas para essa pesquisa foi que problematizei a respeito das relações entre os deslocamentos espaciais e as transformações nos corpos, trazendo, inclusive, uma reflexão sobre os corpos travestis e as cidades.

Dessa forma, a tese agora apresentada segue como um desdobramento de uma trajetória de pesquisa iniciada em 2013. Como já anunciado, no início não havia a menor pretensão de pensar os deslocamentos executados pelas travestis, mas, ao longo do trabalho, os trânsitos realizados por elas se tornaram tão preeminentes que foi impossível ignorá-los. A princípio, considerei apenas os deslocamentos geográficos, mas as travestis me mostraram muitas outras ordens de sentido e significado.

Ao me debruçar sobre os deslocamentos (de) travestis, saltou-me aos olhos a característica de não se constituírem tão somente projetos contextuais de cada indivíduo, mas como intrínseco e componente da pessoa travesti. Decorre disso o fato de as travestis se deslocarem por cidades que, a princípio, não são comuns de aparecerem nos trabalhos sobre travestis, transexuais e até mesmo sobre homossexualidades. Como lembra Nascimento (2018), a maioria das pesquisas sobre esses temas são focadas em capitais e regiões metropolitanas, apresentando-os como sendo fenômenos tipicamente urbanos. Contudo, um urbano estreitamente associado às metrópoles.

Hélio Silva (1993; 1996; 2007), buscando entender a relação entre uma identidade travesti e a sociedade, mostrou que nas grandes cidades as travestis não precisavam mais se esconder, como faziam até meados da década de oitenta do Século XX. Nos anos noventa do mesmo Século, uma série de trabalhos relacionava diretamente travestis, prostituição e metrópoles, afirmando que se tratava de um fenômeno específico de grandes cidades (Oliveira, 1997; Pirani, 1997; Jayme, 2001; Kulick, 2008; Florentino, 1998).

A partir dos anos 2000, as pesquisas sobre travestis diversificaram os temas, abordando questões relativas à construção do corpo, identidade e sexualidade, diferenças geracionais, migração, formas de violência etc. (Benedetti, 2005; Carrara & Vianna, 2006; Bento, 2006; Teixeira, 2011; Duque, 2011; Siqueira, 2009; Lima, 2009; Leite Jr., 2011). Entretanto, esses trabalhos ainda focavam e realizavam suas pesquisas em grandes cidades. Somente a partir de



2005 que cidades do nordeste e cidades médias começaram a figurar nas pesquisas sobre travestis (Vale, 2005; Maia, 2006; Nascimento, 2014; Patrício, 2008; Patrício, 2008; Pelúcio, 2005; Cardozo, 2009, Guerra, 2015).

Com o desenvolvimento do trabalho, percebi que as travestis se deslocam por diferentes cidades, não importando muito se grandes ou pequenas, se capital ou interior, ou se há uma predileção pelas principais capitais do país. Por isso, as três cidades onde realizei trabalho de campo (São Carlos/SP, Franca/SP e Campo Grande/MS), parecem destoar um pouco das paisagens presente nos principais trabalhos na área, os quais focavam algumas capitais e regiões metropolitanas<sup>10</sup>. Os deslocamentos acontecem ao longo de linhas que elas criam, sem necessariamente possuir um projeto, ou planejamento prévio, tampouco por meio de redes construídas, estáveis e articuladas. Durante esses deslocamentos, outros tantos são vivenciados, incluindo relações, corpos e gênero, destacando-se, assim, a condição de deslocamento constante como o que constrói a pessoa travesti.

A etnografia ajudou a perceber que as travestis não se deslocam com o objetivo de modificar seus corpos, ou para construir uma identidade de gênero, ou para aquisição de bens materiais e simbólicos, por distinção ou única e exclusivamente para trabalhar. Todas essas coisas ocorrem durante os deslocamentos, não como propósito e/ou finalidade última. Também por isso não discuto aqui questões relativas ao trabalho sexual em si.

Embora haja uma estreita relação entre trabalho sexual e travestis<sup>11</sup>, durante todo o trabalho de campo não participei de nenhuma reflexão, elaboração ou conversa sobre trabalho sexual com as travestis. Quando questionada sobre como via a atividade de prostituição, “*É trabalho, né? A gente ganha nosso dinheiro, paga nossas contas. É trabalho*”, respondeu Keith.

---

<sup>10</sup> A “escolha” dessas cidades é explicada em “O deslocamento como método”, no qual abordo o aporte metodológico da tese.

<sup>11</sup> Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), cerca de noventa por cento das travestis no Brasil atuam nos mercados do sexo.

Contudo, quando perguntei sobre a regulamentação do trabalho sexual<sup>12</sup>, “Ah, aí não, por que certeza que o governo vai querer ficar com parte do dinheiro, né?”, continuou Keith.

A nomenclatura que Britney preferia era “*profissional do sexo*”, embora também tivesse confessado que, sobre a regulamentação do trabalho sexual, “*nunca pensei nisso, na verdade*”. Sempre que eu tentava propor esse assunto, havia recusas e até mesmo piadas debochadas, “*imagina, colocar na carteira [de trabalho], puta? Ah, não tem nem cabimento uma coisa dessas, André! Cê vai lá na entrevista e o moço pergunta se você tem experiência e você fala ‘ah, eu era puta, aprendo rápido!’*”, disse Jackeline rindo alto. Contudo, não costumavam elaborar questões sobre o trabalho exercido ou sobre regulamentação da atividade.

A expressão comum utilizada pelas travestis para se referir à atividade que exerciam era *programa*, as pessoas que solicitavam o *programa* eram chamadas de *clientes* ou *mariconas*, em função da preferência sexual do *cliente*. *Maricona* é o cliente masculino que gosta de ser penetrado por uma travesti.

Todavia, uma observação importante a ser pontuada a respeito da configuração brasileira sobre a relação entre travestis e mercados do sexo é ressaltar que não se trata de pessoas vitimizadas e passivas, não são “mulheres miseráveis que fazem qualquer coisa por um prato de comida e que não tiveram nenhuma outra oportunidade na vida a não ser realizar os desejos sexuais bizarros de homens maus e pervertidos” (Prada, 2018: 35). Pelo contrário, como mostram os trabalhos de Olivar (2014) e Piscitelli (2014), essas pessoas possuem agência e desenvolvem uma noção ampliada das trocas que envolvem sexo, dinheiro e afeto.

As travestis com quem trabalhei relataram inúmeras e diferentes razões para estarem nos mercados do sexo. Camila desabafou que foi por conta de uma desilusão amorosa, seu companheiro a traiu e ela resolveu adentrar nos mercados do sexo, porque, segundo ela, “*além*

---

<sup>12</sup> Existe um projeto de lei nº 4211/12 sobre a regulamentação do trabalho sexual proposto pelo então deputado Jean Wyllis (PSOL – RJ). O projeto foi redigido pela equipe do deputado e pela Rede Brasileira de Prostitutas e defendido como principal bandeira de luta da Central Única das Trabalhadoras Sexuais (CUTS).

*de gozar, eu ganho dinheiro*". Raabe trabalhava como vendedora em loja de departamentos em um *shopping* de Franca/SP antes de atuar fazendo *programas*. Carol deixou o emprego na fábrica de sapatos porque, segundo ela, a *Rua* era mais interessante financeiramente. Além disso, quando a conheci, mantinha um salão de cabeleireira durante o dia e atuava na *Rua*, fazendo *programas*, à noite.

Quando conheci Virgínia, em Campo Grande/MS, ela tentava construir linhas para viajar para São José do Rio Preto/SP um dia após confirmar um emprego em uma lanchonete e aguardar a entrevista para ser vendedora em uma loja de roupas. Britney já havia deixado um trabalho de atendente de *telemarketing* para viajar e, durante o tempo que mantivemos contato, ao longo da pesquisa que resultou nesta tese, trabalhou como educadora social na Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul (ATMS) por dois períodos distintos e também como atendente de delivery em uma lanchonete.

Em todos esses casos as travestis relataram que, em contextos de trabalhos, elas atuavam *de mulher* ou *montadas*, como elas me disseram. Isso me fez pensar que não eram essas "mulheres miseráveis", sem perspectiva de vida e que só lhes havia sobrado os mercados do sexo. Além disso, tal fato demonstra que não há uma relação causal entre "virar" ou "ser" travesti e estar fadada às "mazelas" dos mercados do sexo. Isso não quer dizer que eu esteja minimizando o preconceito e a transfobia<sup>13</sup> que travestis e transexuais sofrem na busca de emprego ou atuando no mercado de trabalho formal, apenas pontuo que não há, necessariamente, uma relação de causa e efeito estrita entre travestis e mercados do sexo, sobretudo no contexto pesquisado.

Aliás, o lugar onde esta tese se encontra é justamente contrário à ideia de relações causais. A etnografia ajudou a perceber que as travestis possuem um alto nível de criatividade e sofisticação, deixando evidente que não há nenhuma simples relação direta entre

---

<sup>13</sup> Segundo o Boletim 03/2020 da ANTRA, o Brasil registrou 89 assassinatos de pessoas trans no primeiro semestre de 2020, com aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado.

deslocamentos e trabalho, ou seja, não se viaja apenas para trabalhar. Também não há relação causal entre as transições corporais e os mercados do sexo, ou seja, não modificam os corpos em função de uma imposição implacável do mercado. Há *clientes* que apreciam determinadas formas e determinados corpos, mas as travestis não modificam seus corpos única e exclusivamente para agradar os *clientes*. Não existe ainda relação causal entre os deslocamentos e as transições dos corpos, isso quer dizer que as travestis não viajam para modificar seus corpos ou traçam uma rota que visa esse objetivo.

A dimensão do trabalho aparece na tese, pois realizei pesquisa de campo enquanto elas trabalhavam. Entretanto, destaco que as travestis não se resumem à atividade laboral ou à especificidade da atividade que desenvolvem, a qual as colocaria em uma suposta precariedade que as obrigaria a se deslocarem constantemente. Assim, o que ressalto é um modo de compreender e estar no mundo que não comporta somente aspectos econômicos, mas múltiplas ordens de relações imbricadas de vida. Se o trabalho pode ser um dos motivos para os deslocamentos, é fundamental entender o trabalho como parte integrante da vida, não como uma infraestrutura determinante e produtora de todas as outras relações.

Nesse sentido, o que segue é um esforço para retratar os deslocamentos realizados pelas travestis que convivi, de modo a captar a complexidade dos movimentos, destacando a engenhosidade, profundidade e sapiência de minhas interlocutoras. Sistematizei esse argumento apresentando no primeiro capítulo que trata de como foi possível realizar a pesquisa. Apresento uma discussão metodológica sobre como se deu minha inserção, meu lugar em campo e por meio de metáforas musicais discuto como acontecem os deslocamentos e a maneira como fiz para descrevê-los.

No segundo capítulo, por meio do relato etnográfico, coloco em evidência os deslocamentos presenciados em São Carlos/SP, Franca/SP e Campo Grande/MS, demonstrando possíveis significados sobre o *não ter parada* e *não se prender a lugar nenhum*. Argumento

que o deslocamento no contexto travesti é uma relação e não uma função ou um movimento instrumentalizado, calculado, visando um objetivo último.

No terceiro capítulo, utilizo as criações travestis sobre o *fazer a linha* e o *sair doida* para pensar os deslocamentos e como eles são construídos, demonstrando como, no contexto travesti, os deslocamentos são provedores de sentido, o qual transforma e possibilita relações. Realizo nesse capítulo um diálogo entre a produção travesti e outras produções intelectuais, como o conceito de rede, as reflexões sobre linhas, o fazer a vida e a malha, elucubrações sobre rizomas e linhas de devir; considerações sobre a categoria pessoa e os estudos sobre parentesco.

No quarto capítulo, debruço-me sobre o que chamei de *epistemologia travesti* por meio do *conhecer* travesti. Essa forma de conhecimento enseja o deslocamento do corpo, não só geográfica e espacialmente, mas um corpo em *transição* por meio de ingestão de hormônios, cirurgias plásticas, intervenções físicas e apreensão de técnicas corporais. Argumento que há um deslocamento do corpo-gênero das travestis no decorrer dos deslocamentos geográficos e encerro apontando as relações entre o corpo e a cidade, as quais possibilitam pensar em uma cidade travesti.

## 1. O DESLOCAMENTO COMO MÉTODO

A realização do trabalho de campo só foi possível após a apreensão do código dos deslocamentos praticados pelas travestis. Todo o texto da tese é permeado por relatos e reflexões sobre como realizei os meus próprios deslocamentos para compreender o contexto e elaborar considerações sobre a dinâmica criada pelas travestis, de modo a tornar perceptível que também o método desenvolvido se deu ao longo das linhas criadas no decorrer da pesquisa.

Quando atentei para o fato de que as travestis não tinham parada, soube que essa pesquisa seria realizada em diferentes cidades e lugares. Portanto, não existia inicialmente uma preocupação em delimitar um espaço ou um campo fixo para a etnografia. George Marcus (1995) denominou de “etnografia multi-situada” os trabalhos realizados por um mesmo pesquisador em diferentes regiões. Sua proposta era não se restringir a um recorte etnográfico, mas seguir coisas, pessoas, metáforas, histórias, biografias e conflitos, de modo a contribuir para os estudos sobre o “sistema mundial”, tentando etnografá-lo, mas evitando uma representação holística (Marcus, 1995).

A proposta é interessante. Entretanto, assim como vários outros autores (Falzon, 2009; Coleman & Von Hellermann, 2011), ao se depararem com seus problemas empíricos específicos, realizaram mudanças e observações na proposta de Marcus (1995), com minha pesquisa não foi diferente: eu também efetuei minhas próprias adaptações para realizar o trabalho. Nesse sentido, denominar um tipo de etnografia soa um tanto improdutivo, uma vez que cada trabalho assume um nome em função da especificidade da etnografia (Vianna, 2010). Dessa forma, meu trabalho, por exemplo, poderia ser chamado de “etnografia deslocada” e, por isso, “não importa discutir se a pesquisa que desenvolvi pode ou não ser definida como ‘etnografia multi-situada’. O que importa é que meus percursos foram empiricamente motivados” (Biondi, 2014: 52).

Motivações empíricas me obrigaram a adotar esse método de deslocamentos sucessivos, o qual me mostrou que seria necessário realizar trabalho de campo em cidades e espaços distintos, e, além disso, mostrou como acessar esses espaços, possibilitando uma melhor compreensão do contexto. Ademais, as experiências empíricas orientaram a “escolha” das cidades onde o trabalho foi realizado. Com base no trabalho de campo realizado em São Carlos/SP, criei relações que possibilitaram seguir para Campo Grande/MS e Franca/SP, mas essas cidades não foram escolhidas por algum motivo específico. Os deslocamentos para esses municípios e lugares se deram em função de relações contingenciais, tal qual fazem as travestis. Também da mesma maneira que elas fazem, eu não determinava de antemão um período fixo de dias para permanecer em cada cidade ou quantas visitas realizaria.

A percepção das mudanças ocorridas em São Carlos/SP deu o tom de como seria a pesquisa. As modificações na cidade, na região da Avenida Getúlio Vargas, o extinto De Ponta Cabeça Bar se transformando em Rampa's Bar, as travestis que não retornavam meus contatos (e, quando retornavam, após uma longa demora, informavam que não poderiam falar comigo, ou se tentávamos marcar um encontro, faltavam com ou sem justificativa), tudo isso em conjunto me deu a impressão, apesar de eu já possuir alguns contatos e conhecer a cidade que seria o ponto de partida, que eu estava começando do zero.

A despeito de tudo o que possam ter-lhe dito sobre o trabalho de campo, a despeito de todas as descrições de outras culturas e de experiências de outros pesquisadores que ele possa ter lido, o antropólogo que chega pela primeira vez em campo tende a sentir-se solitário e desamparado. Ele pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar sua língua, mas permanece o fato de que como pessoa ele tem de começar do zero (Wagner, 2012: 44).

Minha condição era semelhante à descrita por Roy Wagner (2012) no trecho citado anteriormente. Todavia, é importante salientar que essa condição se configurou em função dos deslocamentos existentes nesse contexto. Para tentar superar essa pequena dificuldade inicial,

insisti com as travestis que eu sabia que moravam em São Carlos, embora viajassem também, mas com menos frequência, pois, segundo elas, já estavam *velhas* (com mais de 30 anos) para viajar sempre. Assim, Charlotte, Alexandra e Maria Madalena foram importantes para me atualizar sobre as mudanças na *Rua* e na cidade.

Quando consegui estabelecer, do meu ponto de vista, uma boa relação com Britney, comecei não apenas a saber um pouco mais sobre como operam os deslocamentos, mas também a me deslocar por entre a malha de relações, seguindo suas linhas. Para que eu realizasse o trabalho de campo, foi necessário apreender o código dos movimentos e das táticas que muitas delas realizam para produzir os meus próprios deslocamentos. Isso implicou compreender o não utilitarismo característico dos deslocamentos das travestis, o que, a princípio, parecia um problema, pois eu tinha um objetivo claro e específico, que era realizar a pesquisa. Contudo, para atingir esse objetivo, foi necessário me desvencilhar da ideia de um planejamento rigoroso e seguir as relações que eu consegui estabelecer.

Para que eu retornasse à capital do Mato Grosso do Sul, dependi da minha relação com Britney, inclusive para eu me deslocar dentro da cidade também. Só conheci a “Corrida das Drag”<sup>14</sup> porque Britney *fez a linha* entre Andrômeda e eu. Sobre Franca/SP, obtive algumas informações de um amigo, mas ninguém me receberia. Conhecia Raabe, que passara a morar na Itália e não respondia mais meus contatos e Britney, que *faria a linha* com Jackeline e Kelly sobre mim, mas não o fez. Inclusive, estar ligado de alguma forma à minha interlocutora de Campo Grande/MS e à Raabe não foi uma informação favorável ao andamento da pesquisa.

O trabalho de campo só foi possível em Franca/SP depois de diversificar as estratégias de interlocução e realizar deslocamentos no período em que estive na cidade. As conversas “desinteressadas” com Carol e minha recorrente presença ajudou a estabelecer relações com outras travestis e a me deslocar com elas pela cidade durante a noite.

---

<sup>14</sup> A ser descrita no próximo capítulo.



“*Só bebendo pra aguentar esse frio*”, reclamava constantemente Jackeline. Em uma das noites frias de inverno, convidou-me para irmos até o bar mais próximo para usar um banheiro e pegarmos uma bebida. Caminhamos até um boteco que não possuía placa indicando o nome do estabelecimento, apenas um anúncio de “Salgado Frito só R\$2,50” na parede do lado de fora. O lugar era pequeno e mal iluminado. Abrigava uma mesa de bilhar, um *jukebox* e um balcão que separava a única mulher presente naquele momento do restante dos homens, que revezavam entre tentar acertar as bolas com tacos e beber a cerveja que a moça do balcão lhes servia.

Jackeline chegou e foi para o banheiro, após cumprimentar a balconista. Eu fiquei na calçada, do lado de fora, encostado em um carro estacionado em frente ao local. Um grupo de quatro homens cantava alto e desafinado, acompanhando o violão tocado por um deles. Enquanto esperava Jackeline, cantei junto “*Oh! Oh! Seu moço do disco voador me leve com você pra onde você for. Oh! Oh! Seu moço, mas não me deixe aqui enquanto eu sei que tem tanta estrela por aí*”. Logo após a canção de Raul Seixas, um deles direcionou o violão para mim dizendo “*cê canta bem, rapaz! Toca uma pra gente cantar!*”. Por sorte, eu sei tocar violão e, quando um deles disse “*eu queria cantar uma dos Racionais*”, comecei “*Um homem na estrada recomeça sua vida...*” enquanto observava Jackeline pegar a bebida no balcão e ir para *Rua*.

Naquele momento, julguei necessário estabelecer algum tipo de relação com as pessoas do bar para não causar um estranhamento maior naquele contexto e, talvez, criar uma situação perigosa para mim. Esse episódio descrito serve para ilustrar a ordem dos deslocamentos também realizados para executar a pesquisa. Deslocamentos geográficos: de São Carlos/SP para Franca/SP; do centro de Franca/SP para a região leste, na Vila Santos Dumont; da esquina da Rua Estevão Marcolino para o bar na Rua Diogo Feijó. Deslocamentos de relações: que envolvem Raabe, Britney, Jackeline e os cantores do boteco com salgado barato.

### *PRIMEIRAS INSERÇÕES*

É oportuno, nesse momento, demonstrar como se deu minha primeira entrada em campo<sup>15</sup>, pois isso ajuda a ilustrar os deslocamentos efetuados para realizar a pesquisa. Estabelecer algum tipo de relação mais próxima com as travestis demorou um pouco, pois não obtive ajuda de qualquer intermediário direto, não fui apresentado por alguém e não estava vinculado a nenhum grupo organizado, sejam órgãos institucionais ou governamentais ou até mesmo coletivos ou movimento social.

Por um tempo, eu as observava na *Rua* em São Carlos/SP, caminhando ou no (antigo) “De Ponta Cabeça Bar”, onde costumava chegar, cumprimentar o dono do estabelecimento, que atendia pela alcunha de Coxinha, pedir algo para beber, sentar em uma mesa, alternando o olhar entre a Avenida Getúlio Vargas e a televisão. Não era rara a frequência de travestis do local, entretanto, elas apenas me olhavam, compravam algo e saíam. Mesmo quando permaneciam por mais tempo, não costumavam interagir comigo.

Em uma noite, já perto das 00h, duas travestis entraram no bar, pediram cerveja, colocaram músicas no *jukebox* e começaram a dançar. Enquanto se divertiam, lançavam olhares em minha direção, eu ria e devolvia o olhar. Em um dado momento, convidaram-me para me sentar à mesa com elas. Perguntaram o meu nome, apresentaram-se, Marta e Dalila, e perguntaram o que eu fazia e o porquê do caderno. Eu expliquei. “*Antropologia? Nunca ouvi falar*”, disse Marta de forma desconfiada e pegando o copo com cerveja. Eu ri.

Dalila perguntou se eu era “*entendido*”, mas não ouvi muito bem, pois o som estava bem alto, mas ela repetiu: “*você é entendido?*”. Fiquei sem saber exatamente o que responder e Marta me ajudou gritando, “*entendido é gay. Ela quer saber se você é gay*”. Respondi que era hétero, mas não fui convincente na resposta. As duas insistiram: “*É gay sim. Tem o maior jeito*

---

<sup>15</sup> Partes do relato a seguir constam em Rodrigues (2015).

*de gay*” – resolvi não discutir. O som estava realmente muito alto e era quase impossível conversar.

Elas me disseram que não eram de São Carlos/SP, mas de Manaus/AM; vieram porque uma amiga as convidara. Perguntei se trabalhavam na Avenida Getúlio Vargas, responderam que sim, mas, sempre que tentava perguntas mais objetivas e interessadas, elas respondiam monossilabicamente e mudavam o rumo do diálogo, pareciam estar sempre desconfiadas de algo. Enquanto tentava desenvolver a conversa, um rapaz se aproximou da mesa e chamou Dalila para jogar bilhar. Ele conversou comigo, disse que me viu escrevendo e que tinha um amigo *rapper* que ficava nos bares anotando coisas para escrever letras de *rap*, mas que eu não tinha cara de *rapper*. Continuamos conversando, ele disse que não era de São Carlos/SP, estava a trabalho na cidade, hospedado em um hotel próximo ao bar. Dalila ficou enciumada ao ver o rapaz conversar comigo. A noite estava movimentada no De Ponta Cabeça Bar, outra travesti entrou, mas só usou o banheiro, pegou uma dose e saiu. Enquanto pegava a dose, Dalila falou com ela, pegou um copo e se sentou em outra mesa.

Nós três (Marta, o rapaz e eu) a chamamos para sentar conosco novamente, mas ela apontou para mim e disse “*Não. Não gostei dela*”. Eu ter dito que não era *entendido* não a convenceu mesmo, pois ela já usava o pronome feminino para se referir a mim. Fui até ela e perguntei o que estava acontecendo “*Não aconteceu nada. Os incomodados que se mudem, não é mesmo? Eu estava incomodada e sai*”. “Por quê? O que eu fiz?”, perguntei assustado. “*Nada. A outra menina que veio aqui falou que você é conhecido aqui. Se faz de repórter para pegar os bofes das meninas*”, respondeu virando o rosto. Atônito, pedi desculpas, paguei uma parte da conta e me despedi. Fiquei com medo de uma possível briga por algum desentendimento. Após isso, demorou um tempo para eu ser convidado para me sentar à mesa delas (e de outras travestis) novamente.

A situação melhorou quando conheci Paulão, que se apresentou dizendo “*Boa noite. Meu nome é Paulão e sou violento*” e, em pé, de frente para minha mesa, quis saber quem eu era e o que eu fazia ali. No meio da conversa, que mais parecia um interrogatório, Alexandra, uma travesti negra, natural de São Carlos/SP, que já havia me visto várias vezes no bar, mas sem estabelecer contato, participou da conversa ao ouvir minhas respostas para Paulão: “*você faz pesquisa igual a Larissa?*”, perguntou ela. Larissa Pelúcio realizara pesquisa também na Avenida Getúlio Vargas sobre o modelo do programa de prevenção de AIDS para travestis em 2007<sup>16</sup>. Alexandra estava em São Carlos/SP naquela ocasião, ausentara-se por um período, mas retornara em 2013. Ela já havia notado minha presença na região e sabia que eu não me “*fazia de repórter para pegar os bofes das meninas*”, nem era um “*policial disfarçado a procura de traficantes*” (como supôs outra travesti) e ela sabia também que eu não havia contratado os trabalhos de nenhuma das meninas da *Rua* e feito mal para alguém. Por isso, sua interferência na conversa com Paulão teve o intuito de me proteger, pois, segundo ela, eu era “*uma pessoa do bem*” e Paulão era perigoso, envolvido com atividades ilícitas e organizações criminosas, segundo ela.

Apesar da aparente simpatia dela por mim, nunca consegui uma entrevista formal com Alexandra. Por várias vezes combinamos, mas ela desmarcava minutos antes do horário combinado ou simplesmente não aparecia para entrevista. Ainda assim, a relação que estabeleci com ela ajudou a me aproximar de outras travestis, pois os olhares não eram mais de desconfiança e muitas vezes surgiam até recomendações para falar com outras travestis. Até mesmo Paulão, que eu julgava estar desconfiado sobre mim, em uma noite me pediu que o levasse a uma farmácia, pois estava com muitas dores nas costas. Aceitei o pedido, ainda que receoso, pois Alexandra dissera que ele era perigoso.

---

<sup>16</sup> Essa pesquisa originou o livro intitulado “*Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*” (2009).

Tentei os bairros mais próximos, mas, sem sucesso, já era tarde e as farmácias nas imediações estavam fechadas. Seguimos, então, para a Avenida São Carlos, no centro, em busca de algumas drogarias que ficam abertas vinte e quatro horas. No caminho, Paulão perguntou sobre meu trabalho, contou-me suas aventuras sexuais com *gays* e travestis, da sua saudade da irmã que faleceu, sua crença no espiritismo, suas atividades ilícitas e seu envolvimento com drogas.

Quando saímos da farmácia, uma viatura da polícia passou por nós, na Avenida São Carlos, então ele me pediu para que virasse na Rua Geminiano Costa, para que não ficássemos no “*rastro da polícia*”. Saímos da Rua Geminiano Costa e pegamos a Avenida Comendador Alfredo Maffei, seguindo até o final dela, em direção ao bairro Castelo Branco. Nesse bairro, subimos a Avenida Germano Fehr Jr. Todo esse trajeto foi orientado por ele.

Depois de andarmos mais um pouco, chegamos a uma rotatória da Avenida Getúlio Vargas novamente e rumamos para as ruas paralelas, ou melhor, as “*ruas de dentro e de trás*”. Segundo Paulão, por ser dia de pagamento, “*só tá na rua viado ruim, as boas estão trabalhando*”, mas, ao virar uma das ruas, encontramos duas travestis e uma mulher, as três já conhecidas por mim, Iara, Marta (as duas travestis) e Raquel, mulher. Elas perguntaram para onde eu iria, pediram-me carona e eu as levei.

Parei em frente ao bar e saíram todos rapidamente do carro. A *Rua* estava com um relativo movimento e as travestis, como de costume, pegaram cerveja, colocaram música no *jukebox* e dançaram. Paulão, sorridente, pagou algumas cervejas para elas, ficou um pouco no bar, quis me retribuir o favor de alguma forma, pagando-me uma cerveja ou algo no bar, mas eu disse que não era necessário. Ele agradeceu mais uma vez e foi embora. Dessa forma, eu segui me deslocando em diferentes situações e estabelecendo relações que inclusive possibilitaram eu retornar para São Carlos/SP em 2017 e, depois, Campo Grande/MS e Franca/SP.

### *UM HOMEM NEGRO CIS HÉTERO EM CAMPO?*

Desde o primeiro convite para me sentar com elas à mesa do bar, minha presença oscilava entre dois significados majoritários e um eventual. Os dois significados majoritários eram, em um dado momento, ser interpretado como um cliente em potencial ou alvo de algum tipo de sedução – várias vezes, fui questionado se não “*fiquei*” ou gostaria de sair com algumas das travestis; eram comuns pequenos assédios, como envio de *nude selfie* (fotografias e vídeos em posições sensuais ou nus) pelo celular e redes sociais, movimentos de mãos que tentavam dissimuladamente me tocar com propósito libidinoso ou até mesmo colocando minhas mãos nos seios e nádegas para que eu verificasse a “naturalidade” e “perfeição” dos implantes de silicone. O segundo significado era ser interpretado em outro momento como um homossexual não declarado que gostava e queria saber mais sobre o *mundo das travestis*. Apenas eventualmente era interpretado como alguém que estava realizando uma pesquisa, ainda assim como uma espécie de repórter, jornalista, nunca como antropólogo.

Certamente, minha condição de homem, se não “facilitou”, também não atrapalhou a realização do trabalho. Não encontrei nenhum empecilho para transitar nos territórios ocupados por travestis que atuam nos mercados do sexo no período noturno. Um homem negro, vestindo bermuda (ou calça jeans), camiseta (ou blusa de moletom) e tênis, caminhando durante a madrugada por regiões onde são ofertados serviços sexuais e, às vezes, substâncias ilícitas, não causa tamanha estranheza. Não foram poucas as ocasiões que observei pessoas fumando maconha ou *crack* ou em outras me ofereceram cocaína (“*se quiser pó, tá tendo*”), o que me leva a crer que minha aparência física, vestuário e comportamento não destoava muito dos demais. O consumidor “padrão”<sup>17</sup> dos serviços sexuais e substâncias ilícitas que vai até esses

---

<sup>17</sup> Não realizei um estudo aprofundado sobre os clientes. Essa afirmação é baseada apenas na observação e nas informações de minhas interlocutoras. Pelúcio (2005) se refere aos clientes das travestis como “*t-lovers*”, segundo a autora, o termo derivou de “*t-girl*”, usado por algumas ONG norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* eram, consequentemente, os *t-lovers*. Confira mais sobre isso em Pelúcio (2009).

lugares, na maioria das vezes, possui automóvel e raramente sai de dentro dele (em campo nunca presenciei algum “cliente” fora de seu carro). Dessa forma, pode ser que eu tenha sido confundido com alguém viciado que anda sem rumo, obcecado para conseguir mais uma dose (popularmente chamado de “nóia”), mas isso é só uma digressão com base em uma impressão muito particular, não posso afirmar com certeza. A única percepção sobre mim que tenho evidências de ser verdadeira era a que ouvia das travestis, que, como já relatado, era ora de cliente e alvo de sedução, ora homossexual.

Na verdade, homossexual não é bem o termo correto. Fui questionado se era *entendido*, *ativo ou passivo*, *uma gay* ou, ainda, se eu era *casado com buceta*. Nunca se era homossexual, cis ou trans. Em uma ocasião em que havia um grupo de travestis em uma esquina e muitas conversas paralelas eram desenvolvidas, uma delas sobre a aceitação ou não de realizar programas com casais formados por homens e mulheres, Laysla argumentava que “*até topo, mas não me peça pra ficar com mulher, porque não gosto de buceta! Deus me livre de buceta!*”. Ao lado, Britney e eu conversávamos sobre meu casamento, Laysla interrompeu o papo dizendo “*Eu achei que você era uma gay*”. “*Não, ele é casado*”, respondeu Britney. “*Mas casado com buceta?*”, insistiu Laysla na pergunta de forma metonímica.

Aqui, chego a uma questão importante. Já tem um tempo considerável, pelo menos desde os anos 1980, que há, na Antropologia, o debate sobre a necessidade de maior reflexividade por parte do antropólogo. Marcus e Cushman (1982) aconselham os etnógrafos a terem mais senso crítico na forma e no discurso etnográfico. Esse senso crítico, no decorrer do debate e pelos autores (Fabian, 1983; Scholte, 1974), assumiu uma tendência a equiparar reflexividade com maior autoconsciência, tomando-a como uma qualidade pessoal, um posicionamento político do antropólogo em seus escritos.

A questão é legítima e é necessário pensar a maneira como a autoridade etnográfica é construída em referência às vozes daquelas que compartilharam a informação e o papel que lhes

atribuo no texto. Contudo, “devemos fazer mais do que apenas nos preocupar com ‘vozes’ e ‘falantes’, ou com a cumplicidade com os ditos informantes” (Strathern, 2014: 137). É preciso saber como as próprias palavras das pessoas lhes “pertencem” para não se apropriar dessas palavras de forma equivocada.

Como já afirmei, em meu trabalho de campo, em momento algum fui identificado como um “homem negro cis hétero”. Uma problematização maior sobre essa categorização poderia sugerir um caminho em direção à autoantropologia, autoconhecimento ou reflexividade. “Não importa de onde o antropólogo venha; não pode ser autoconhecimento em um sentido reflexivo porque não se baseia nas técnicas específicas por meio das quais as pessoas conhecem a si mesmas” (Strathern, 2014: 154). Ou seja, seria autoantropologia se as travestis utilizassem as palavras e termos (cis, trans, hétero, homossexual) da mesma forma que a antropologia (academia e movimentos sociais) as utiliza.

Nesse sentido, uma maneira de produzir um método com base nos deslocamentos de sentidos realizados por elas foi “levar a sério” minhas interlocutoras, considerar a criatividade e sofisticação do pensamento que elas desenvolvem. Assim, por “levar a sério” o que elas me disseram, não neutralizando seu discurso, não o tomando como opinião, nem como proposição, mas como “atividade de simbolização ou prática de sentido: como dispositivo autorreferencial ou tautegórico de produção de conceitos” (Viveiros de Castro, 2002: 131), não se faz necessário um debate aprofundado sobre as implicações de um “homem negro cis hétero” pesquisando travestis nos mercados do sexo. Isso porque, no limite, o “homem negro cis hétero” não existe no contexto observado.

Contexto aqui é usado no sentido amplo do termo, não apenas para designar um “ambiente” de significado no qual um símbolo é utilizado e que escapa a fronteiras e definições precisas.



Emprego o termo no sentido mais amplo possível, aplicando-o a qualquer punhado de elementos simbólicos que ocorram juntos de alguma maneira, seja formando uma sequência ou entidade reconhecível (a “cadeia sintagmática” de alguns autores), seja entrando em oposição como aspectos contrastantes de uma distinção (a base de uma relação “paradigmática”) [...].

Um contexto é uma parte da experiência - e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los. Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecido parecem se pertencer mutuamente assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas “pertencem” a um circo. Alguns elementos são partes menos convencionais de um contexto que outros, embora isso varie no tempo e no espaço (Wagner, 2012: 111-112).

Não se trata apenas de uma atmosfera que envolve e rodeia pessoas e coisas, na qual um símbolo é utilizado e foge dos limites e conceituações, mas pensar contexto em um aspecto abrangente, empregando-o para qualquer conjunto de elementos simbólicos que ocorram no mesmo lugar, de alguma maneira formando uma continuidade reconhecível. Um contexto é, ao mesmo tempo, parte da experiência e algo que ela constrói; é um ambiente no interior do qual pessoas e elementos simbólicos se relacionam entre si, e é justamente constituído pelo ato de relacioná-los. Cada parte identificável de um contexto reconhecido se pertence mutuamente da mesma forma que mesas, cadeiras, copos, cervejas, mesas de sinuca pertencem a um bar.

Dessa forma, a categorização “homem negro cis hétero” está fora do contexto observado, e utilizar categorias de outro contexto a fim de tornar acessíveis e inteligíveis a “estranheza” e o caráter “exótico” das instituições e práticas sociais dos grupos estudados reforça o dualismo assimétrico “nós” (observador) “elas” (observadas). Isso porque, dessa forma, atesta-se que as categorias e modos de pensar de um determinado contexto não são capazes de explicar o mundo para as pessoas desse contexto, sendo necessário explicitar didaticamente que há uma estrutura ou algo maior que está para além das pessoas que elas não são capazes de enxergar por ignorância e, por isso, necessitam de uma voz iluminada para guiá-las.

### *APREENSÃO DO CÓDIGO MODAL DOS DESLOCAMENTOS*

No conto “A Carta Roubada”, Edgar Allan Poe mostra um delegado de polícia pedindo ajuda a Dupin e seu amigo na investigação da carta. Poe descreve como Dupin chamou atenção de seu amigo afirmando que só seria possível resolver o caso com “uma identificação do intelecto do raciocinador com o de seu oponente” (Poe, 1981: 222). Não considero minhas interlocutoras como “oponentes”, mas penso que só foi possível algum entendimento com certa identificação de intelecto. Só foi possível algum entendimento quando fui “afetado”, no sentido colocado por Favret-Saada (2005). O trabalho teve prosseguimento quando fui afetado pelas mesmas forças que afetam as interlocutoras, quando me senti, de fato, dentro do contexto. Não me coloquei no lugar delas ou desenvolvi alguma empatia ou apreensão emocional ou cognitiva dos afetos delas, mas fui afetado por algo que as afeta e, assim, pude estabelecer com elas certa modalidade de relação, concedendo “estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (Favret-Saada, 2005: 160).

O que estou querendo demonstrar é que só consegui realizar a pesquisa porque me apropriei da experiência do deslocamento como método. Com base na percepção dos deslocamentos como relação e sentido, tomei-os como forma de conhecimento e não entraves involuntários de pesquisa. Assim, da mesma forma que elas também o fazem, eu *viajei pra conhecer* as travestis.

Holbraad & Pedersen (2017), ao comentarem a obra de Roy Wagner, sugerem que pensemos a vida social humana em termos musicais. Eles se perguntam se a antropologia pode se reproduzir com base em sua própria cultura, assim como um solista de jazz que inventa novas músicas com base em escalas e arpejos já estabelecidos. Para tentar exemplificar a sofisticação dos deslocamentos travestis e como eles diferem da maioria das tentativas de explicá-los,

realizarei uma breve analogia<sup>18</sup> com categorias musicais<sup>19</sup> mostrando que os deslocamentos realizados pelas travestis se aproximam mais do jazz modal e suas modulações inventivas de escalas do que do jazz tonal e seu campo harmônico limitado.

Há uma discussão técnica sobre o chamado “jazz modal” e sua relação com o “tonalismo” ou “música tonal”. A música tonal se destaca por possuir uma “nota centro” e pela melodia acompanhada por acordes formados pela superposição de tríades (conjunto de três notas), formando uma progressão harmônica. A “nota centro” costuma ser chamada de o “tom” da música, ou seja, é a nota da escala diatônica (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si) que predomina e estabelece o ponto de partida da progressão melódica (geralmente, a parte cantada da música) e determina qual será a estrutura de acordes que sustenta, organiza e limita as possibilidades de mudança de melodia e alterações de harmonias (acordes). Há uma infinidade de outras progressões melódicas que são descartadas pela música tonal em função de um tipo de organização e hierarquização. Na música tonal não são usados aleatoriamente todos os sons da escala diatônica. Algumas dessas notas, dependendo da harmonia, serão usadas de forma estratégica, de acordo com uma hierarquia interna à tonalidade.

A maneira como se comportam os movimentos das notas e acordes dentro de um sistema tonal remete a pensar os deslocamentos de travestis de forma utilitária. Ou seja, é considerar

---

<sup>18</sup> Segundo Roy Wagner, a analogia, ou um conjunto de analogias, que “traduz” um grupo de significados básicos em outro é o resultado da relação que o antropólogo constrói entre duas culturas e em consequência as “cria” para ele, a qual emerge precisamente desse seu ato de “invenção”, do uso que faz de significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo, e pode-se dizer que essas analogias participam ao mesmo tempo de ambos os sistemas de significados, da mesma maneira que seu criador (Wagner, 2012: 53). Ou seja, a analogia é da ordem da relação entre os termos. “A ideia de ‘relação’ é importante aqui, pois é mais apropriada à conciliação de duas entidades ou pontos de vista equivalentes do que noções como ‘análise’ ou ‘exame’, com suas pretensões de objetividade absoluta” (Wagner, 2012: 40).

<sup>19</sup> Analogia com música não é novidade na Antropologia. Há inúmeras e talvez a mais conhecida seja a realizada por Lévi-Strauss no célebre “As Mitológicas”, as quais são formuladas em termos musicais, cuja presença remete a um aspecto central da análise. Na abertura de O Cru e o Cozido, Lévi-Strauss justifica a comparação dos mitos a uma grande partitura (Lévi-Strauss, 2004: 35). As partes de O Cru e o Cozido são organizadas com denominações musicais: Abertura, Canto Bororo, Sonata das Boas Maneiras, Fuga dos Cinco Sentidos, Sinfonia Breve, Cantata etc. “Em 1988, em entrevista a Didier Eribon, Lévi-Strauss explicou por que em sua Abertura faz referência a Wagner, a quem reconhece como uma grande influência em sua formação. Afirmou que ‘Wagner não só construiu suas óperas sobre mitos, mas deles propõem um recorte que o emprego dos leitmotive torna explícito: o leitmotive prefigura o mitema’. A estrutura dos mitos teria, então, a ver com uma organização musical” (Laraia, 2006: 168).

que as travestis necessariamente têm que sair de cidades pequenas ou do interior em direção às metrópoles e depois seguir para a Europa, em busca de ganhos materiais, simbólicos, distinção e fabricação do corpo. O raciocínio é que sempre há um mesmo ponto de partida e chegada, há um padrão de construções de tensões e resoluções, há um motivo centro que estabelece o deslocamento como obedecendo uma função de um lugar para outro dentro de uma hierarquia e estrutura pré-estabelecida a partir da pessoa centro.

O *jazz* modal é caracterizado por poucas mudanças de acordes, no qual um único acorde pode ser mantido por muitos compassos. Não há uma progressão de acordes estrita ou predeterminada. Como já dito, a harmonia tonal coloca cada acorde em uma função e cada um ocupa um lugar em uma hierarquia estabelecida com base no tom da música, e cada acorde ou nota é parte de um movimento em direção ao tom. A nota que representa o tom age como centro de gravidade a qual todos os outros acordes gravitam em sua volta. No *jazz* modal, por outro lado, todos os acordes são iguais. Ele ainda mantém uma nota central, uma tonalidade, mas sem função ou hierarquia harmônica prévia de movimentos e gravitações de notas. Não há progressões harmônicas predeterminadas. Pode até parecer menos sofisticado ou entediante o fato de possibilitar menos acordes, mas isso possibilita uma liberdade para a movimentação tanto do solista, de improvisação, da criação de melodias e também de arranjos de acordes.

A harmonia tonal restringe o solista porque cada acorde tem uma função estrita e inevitavelmente segue para a tônica dominante. Quando se pensa em uma progressão de acordes movendo em direção da tônica, a improvisação é limitada ou restrita a alguns caminhos, pois é necessário evitar algumas notas para não soar dissonante na relação de cada acorde tocado. Ou seja, início, criação de tensões e suspensões terão que estar em diálogo o tempo todo com a progressão harmônica padronizada. A improvisação e criação de melodias fica escrava do campo harmônico.

Removendo a funcionalidade dos acordes, o *jazz* modal permite que o solista foque exclusivamente na melodia e não se preocupe com a estrutura harmônica subjacente. Isso também é chamado entre os músicos de “pensar horizontalmente”, ou pensar a partir das escalas ou em termos modais. Na verdade, isso força o músico a criar melodias interessantes, não apenas delineando os acordes ou modificando o solo para caber em cada acorde tocado, mas utilizando diferentes modos e diferentes escalas por meio de modulações criativas, pensadas rapidamente no momento da ação, após ouvir a última nota tocada por outro músico.

Isso pode parecer um tanto desafiador de início porque não será possível contar com a progressão dos acordes para deixar o solo ou a melodia interessante. Contudo, as possibilidades são imensas quando não há um roteiro de notas para executar ou evitar. Além disso, como não há uma progressão de acordes que gravitam em torno de uma tônica e estes não têm que correr em direção de uma resolução de tensão, a melodia e a improvisação podem ser começadas ou terminadas em qualquer nota da escala, pois não está em função de uma determinada progressão de acordes. Isso não quer dizer liberdade indiscriminada, pois o solista ainda terá que estar dentro de uma escala existente (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si), do ritmo e tempo da música.

O fato de não haver uma “imposição” de acordes e campos harmônicos pré-definidos em função das notas da melodia possibilitou que artistas como Miles Davis, Cannonball Adderley e John Coltrane criassem o que se convencionou chamar de “*cool jazz*”. Nesse estilo, não há exatamente uma estrutura pré-definida, o que garante liberdade para o artista criar a partir de escalas que derivam da primeira nota, gerando modulações sobre cada escala escolhida, ao invés de acordes como base para composição de melodias e improvisações.

O exemplo sempre lembrado é a obra-prima *Kind of Blue*, de Miles Davis, mas creio que *My favorite things*, para efeito de comparação, é melhor para tornar mais explícito, sobretudo se ouvirmos primeiro a “versão tonal”, de Rodgers and Hammerstein, para o filme *The sound of music* (Noviça Rebelde, em português), e depois a “versão modal”, de John

Coltrane, para a mesma música. Em 1960, Coltrane formou seu próprio quarteto para explorar ainda mais a maneira modal de tocar, pois estava em busca de direções mais livres<sup>20</sup>. Ele transformou *My Favorite Things* em uma valsa oriental hipnótica. A melodia é ouvida inúmeras vezes, mas, ao invés de tocar solos sobre as mudanças de acordes escritos, Coltrane toca solos estendidos sobre os intervalos dos dois acordes tônicos, Mi menor e Mi maior, tocados no tempo da valsa, criando uma nova música com linhas melódicas imprevisíveis.

Da mesma forma, as travestis modulam de cidade em cidade, de lugar em lugar, improvisando linhas melódicas a partir da nota que o último solista tocou, ou a partir da travesti mais próxima no momento da ação do deslocamento. Sem restrições, estruturas, rotas ou hierarquias pré-determinadas. Dessa forma, compreendi melhor quais sentidos são gerados nas afirmações *não ter parada e não se prender a lugar nenhum*.

Laysla (de Curitiba/PR) não havia planejado viajar para Campo Grande/MS até conhecer Renata em sua cidade natal. Renata era natural de outra cidade, mas passou um tempo em Campo Grande/MS e em Curitiba/PR, onde conheceu Laysla e lhe falou que a capital sul-mato-grossense era *bem* (uma cidade boa). Renata *fez a linha* com Gaby, uma das cafetinas de Campo Grande/MS para receber Laysla. Com o consentimento de Gaby, Laysla *saiu doida* para Campo Grande/MS, mesmo sem a companhia de Renata, que havia viajado para outra cidade. O trajeto Curitiba/PR para Campo Grande/MS não se configura uma rota estável e reconhecida de deslocamentos para travestis. Tampouco as linhas entre Layla, Renata e Gaby se tornam referência para outras travestis, ou seja, tais deslocamentos não operam no interior de uma estrutura reconhecível e replicável. Da mesma forma que os solos criados pelos instrumentistas

---

<sup>20</sup> Ainda dentro da estrutura tonal, John Coltrane já havia criado o que foi chamado pelo historiador e jornalista Ira Glitter de “*sheets of sound*”, ou “folhas de som”, no qual o saxofonista empregou linhas de improvisação extremamente densas, porém, padronizadas, que consistem em arpejos de alta velocidade e padrões de escala tocados em rápida sucessão, fazendo com que cada nota não fosse percebida como um ponto isolado, mas uma superfície, uma folha contínua, ou até mesmo uma linha.

do *jazz* modal não se orientam por uma estrutura harmônica e não reproduzem seus improvisos em outras apresentações.

Os movimentos executados por minhas interlocutoras são de muitas ordens e se sobrepõem uns aos outros. Modulam de escalas em escalas e fazem com que o próprio deslocamento assuma outra conotação. Os deslocamentos realizados por Keith, por exemplo, são sem precedentes ou repetições. Ela saiu de Coxim/MS para Chapadão do Sul/MS e seguiu por Campo Grande/MS, cidades do interior do Paraná, Cuiabá/MT, São Paulo/SP etc., sem obedecer a uma estrutura ou seguir uma rede estabelecida, mas com base nas linhas que ela construiu ao longo dos deslocamentos.

Os movimentos realizados pelas travestis não são utilitários, ou se dão com base no pressuposto da estabilidade, tentando postular um sentido para o deslocamento, tal qual um sistema tonal. Com essa analogia, aproximando os deslocamentos realizados pelas minhas interlocutoras do *jazz* modal, quero produzir uma imagem que contribua para comunicar que o movimento é pensado pelas travestis de outra maneira, sobretudo considerando sua complexidade e realizando um esforço de apreensão como método, mesmo porque não havia outra maneira de fazê-lo.

No início da retomada do trabalho de campo para essa pesquisa, cometi o erro de nutrir expectativas a respeito de reestabelecimento de contatos. Pressupunha que me deslocaria de cidade em cidade obedecendo um roteiro e cronograma. O equívoco se deu por eu subestimar a complexidade do pensamento das ações realizadas pelas travestis e querer seguir um método que não se aplicava naquele contexto.

Gregory Bateson (2008), ao investigar o travestismo Iatmul, em Naven, afirma que a complexidade da sua descrição da cultura nativa não era inteiramente uma criação de seus próprios pensamentos e que seu método de pensamento (estrutural, etológico e sociológico) era seguido pelos próprios nativos (Bateson, 2008). Da mesma forma, entendo que tomar o

deslocamento como método me aproxima das minhas interlocutoras na medida em que entendo como elas possuem um modo de pensar e agir complexos, o que me forçou a captar esse código e (re)produzi-lo na minha maneira para conseguir compreender minimamente alguns aspectos dos deslocamentos de travestis nos mercados do sexo.

Contudo, é importante pontuar que “deslocamento” como categoria é uma “invenção” minha, no sentido wagneriano do termo. Segundo Roy Wagner (2012), a invenção é articulação entre o domínio do que é “dado” (ou do que existe empiricamente) e o domínio do controle humano do pensamento. A “invenção” de Wagner não consiste nem na imposição de uma forma ativa externa a uma matéria inerte, nem na descoberta de uma pura novidade, nem na fabricação de um produto final a partir de uma matéria-prima qualquer, mas “como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio de observação e aprendizado, e não como uma espécie de livre fantasia” (Wagner, 2012: 43).

Quando o antropólogo se insere em um contexto diferente do seu, ele percebe novas potencialidades e possibilidades de se viver e, com o decorrer da pesquisa, identifica as particularidades do seu próprio contexto e os códigos do local onde desenvolve o trabalho. É durante o chamado “choque cultural” que o antropólogo começa a entender e a inventar a si mesmo e o novo contexto onde está inserido para realizar a pesquisa. Para controlar esse choque, a antropologia sugere a “objetificação” daquilo que está sendo entendido como contexto, de modo que é possível dizer que o pesquisador está “aprendendo” a gramática do contexto ao mesmo tempo que ele o objetifica, assim, é perfeitamente possível afirmar que o antropólogo em campo está inventando o contexto.

Seguindo essa linha argumentativa, o “deslocamento” é a invenção que emerge da relação entre os contextos acadêmicos e das travestis na tentativa de construir uma representação compreensível dos atos observados no contexto das travestis inseridas nos mercados do sexo. Ressalta-se que, para manter uma coerência ética e teórica, se considero que



sou capaz de realizar invenções e que o contexto acadêmico no qual estou inserido me fornece ferramentas e me permite elaborações criativas, é preciso ponderar que as travestis são inventivas, assim como o contexto em que estão inseridas lhes oferece instrumentos potentes de inovações e criatividade. Justamente porque reconheço que minhas interlocutoras são extremamente criativas é que se torna possível a invenção em um movimento dialético com o pensamento e modos de vida travesti.

Nesse sentido, *deslocamento* também pode ser entendido como “rótulo novo para um velho modo de pensamento” (Bateson, 2008). Ou seja, é um modo de explicar cientificamente o que foi observado durante o trabalho de campo, mantendo a plena consciência que faz parte de um conjunto de “construções analíticas de acadêmicos; e que os povos que nós estudamos não o são” (Strathern, 2006: 23).

Portanto, ainda que o método utilizado busque apreender a complexidade intelectual das relações de minhas interlocutoras, ele é um constructo antropológico que tenta dar conta da intrincada realidade social do contexto apresentado. Esse empreendimento é apresentado na redação da tese, de modo a fazer com que o texto seja também um desdobramento gráfico e estético da pesquisa realizada. Espero ter conseguido apresentar uma escrita sintética, espontânea, com períodos curtos, com rápidas mudanças e deslocamentos, explicitando os movimentos e viagens das travestis e do pesquisador. A inserção de citações das interlocutoras no decorrer do texto, sem excesso de formalismos, além de corroborar o fato de que se trata de uma tese com elas e não sobre elas, contribui para que o texto seja fluido e lido com facilidade. A presença de divisões entre capítulos e subtítulos se deve a um formalismo necessário, mas também pode ser entendido como placas com nomes de cidades ou estados, denotando que o antropólogo ainda é orientado por uma maneira de pensar localizada dentro de unidades discretas, mas o texto ambiciona fluir e se deslocar pelas páginas, por meio de linhas e inspirado pelos deslocamentos travestis que não possuem parada.

## 2. “A GENTE NÃO TEM PARADA”: OS DESLOCAMENTOS COMO RELAÇÃO.

Desde o começo da pesquisa, notei cinco expressões recorrentes entre as travestis: “*não ter parada*”, “*não se prender a lugar nenhum*”, “*viajar*”, “*conhecer*”, “*transição*”, “*fazer a linha*” e “*sair doida*”. Todos esses termos fazem referência à instabilidade e podem ser lidos como metáforas de movimentos. Com base neles “*inventei*” (Wagner, 2012) a categoria deslocamento para pensar esse contexto, por justamente expandir e possibilitar tratamento abrangente para considerar tanto os deslocamentos entre cidades, como também os deslocamentos ocorridos durante esses deslocamentos geográficos.

Quando não consegui reencontrar na mesma cidade as travestis que já havia estabelecido contato, soube que elas “*não têm parada*”, “*não se prendem a lugar nenhum*”, ou seja, não permanecem por períodos prolongados na mesma cidade. Assim, soube que há um “*viajar*” constante entre cidades e que se viaja não apenas por motivos financeiros, mas também para “*conhecer*” e obter experiências. Depois de um tempo em um determinado lugar elas “*saem doida*” em direção a outro espaço e para que os deslocamentos ocorram é necessário que uma travesti “*faça a linha*” para outra.

Com isso concluí que existem deslocamentos de várias intensidades e extensões no contexto das travestis inseridas nos mercados do sexo. Apresentarei os deslocamentos a seguir por meio de relatos etnográficos, destacando o deslocamento como relação, não como função, ou como algo planejado, fruto de um projeto que traça rotas e objetivos, mas como produtor e produto de relações.

### *DESLOCAMENTOS DENTRO DO DESLOCAMENTO*

Quando comecei a pesquisa para o doutorado, julguei que reiniciar o trabalho de campo não seria algo complicado, pois poderia voltar à São Carlos/SP, cidade que conheço bem e onde já possuía alguns contatos estabelecidos. Contudo, não encontrei a facilidade esperada (ou almejada). Diversas mudanças na cidade, na região da Avenida Getúlio Vargas e, sobretudo, mudanças das pessoas se mostraram como novas dificuldades.

A pesquisa de campo teve início em junho de 2017. Antes disso, porém, já estava tentando retomar alguns contatos, mas nada substancial. Mantive “amizade” pela rede social *facebook* com várias travestis, mesmo após a defesa do mestrado e sem nem ter iniciado o doutorado. Entretanto, quando fui procurá-las muitas delas haviam desativado a conta. Outras mantiveram a conta ativa, mas não demonstravam nenhum tipo de atividade, deduzi então que não estavam fazendo uso da conta e por isso mesmo não respondiam minhas mensagens.

Em fevereiro de 2017, consegui conversar rapidamente com Raabe pelo *facebook*, ela me disse que estava em Franca/ SP, sua cidade natal. Minha intenção era ir até lá para entrevistá-la, mas ela não pretendia ficar muito tempo na cidade, já que estava viajando muito. Em um espaço curto de tempo (menos de 4 meses) havia estado em São Carlos, Belo Horizonte/MG, Piracicaba/SP, Uberaba/MG, Passos/MG, e retornado a Franca/SP.

Passados alguns dias, voltamos a nos falar, agora por aplicativo de mensagens no telefone celular. Ela estava em Araxá/MG, e me questionou por que a procurava para conversar, já que existem muitas travestis que estão nos mercados do sexo que também viajam bastante. Eu poderia ir até Franca se quisesse, e ela me indicaria algumas pessoas. Expliquei que era mais fácil, pois já nos conhecíamos, mas a conversa não se estendeu muito. Tentei novamente o contato dias depois, mas a resposta obtida foi “*Ai, tô meio ocupada esses dias, resolvendo as coisas da minha viagem*”. Um mês depois, mais ou menos, vi pelo *facebook* que ela estava viajando para a Itália.

Em meados de junho retomei as incursões regulares à cidade de São Carlos/SP. Fiz questão de observar por um tempo considerável não só a região da Avenida Getúlio Vargas, mas também regiões centrais, tendo como objetivo notar modificações ocorridas no município desde abril de 2015 (data de minha última visita com finalidade de realizar etnografia). Impressionei-me com a diferença. Em pouco mais de dois anos a cidade parecia outra, com outras cores, outras luzes, diferente sentido das ruas, novos prédios, construções antigas demolidas, novos nomes e novas fachadas para “velhas” lojas. O centro parecia mais silencioso e com mais placas de “aluga-se” nos prédios, pensei ser o efeito da “crise econômica”, mas na região próxima à rodoviária (região norte) notei uma proliferação de franquias de *fast-food*, tais como *Subway*, *Domino's*, *McDonald's*, e na região próxima à praça XV de novembro (início da região noroeste), boutiques de roupas de grifes famosas e preços altos.

Segundo informações da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, o plano diretor (de 2005) para habitação é crescer para o vetor norte, ou seja, em direção à Rodovia SP – 318, sentido Ribeirão Preto/SP, e noroeste, sentido bairro Santa Felícia, precisamente atrás do campus 2 da USP. Em dois anos houve um crescimento considerável nos sentidos propostos pelo plano diretor e a cidade assumiu traços mais cosmopolitas em função das lojas, franquias e arquitetura. A região da Avenida Getúlio Vargas fica na zona sul de São Carlos/SP, ou seja, não é alvo do plano de crescimento. Talvez por isso, as mudanças observadas ali não foram semelhantes às comentadas anteriormente.

A *Rua* aparentemente parecia a mesma, mulheres na parte de baixo, travestis com mais roupas na parte de cima, com menos roupas (mesmo sob o inverno moderado são-carlense) nas partes de dentro e atrás. Entretanto, após algum tempo andando pelo lugar e depois de alguns dias de trabalho de campo foi possível notar algumas transformações.

A primeira diferença observada, tal como citado, foi o nome do bar localizado na *Rua da frente*. Antes chamado “De ponta cabeça bar”, agora “Rampa's bar”. Já havia passado em

frente ao estabelecimento algumas vezes em 2016, mas estava fechado. Entrei em contato com o “Coxinha”, dono do lugar, perguntando se ela havia fechado o comércio ele me disse que estava abrindo com menos frequência, mas que ainda estava lá. Em fevereiro de 2017 falei com ele novamente e contou que o bar estava “arrendado” porque ficou estressado por permanecer muito tempo no mesmo ramo. Agora trabalhava com compra e venda de carros usados.

O “Rampa’s bar” possui apenas algumas semelhanças de estrutura física, mas é diferente do “De ponta cabeça bar” em muitos aspectos. A disposição física das mesas, cadeiras e *jukebox* é outra, a mesa de bilhar não existe mais, a decoração é diferente, a televisão é menor e a pintura das paredes agora exibem além das ofertas, o novo nome do estabelecimento.

Paulo é o novo dono e tem uma postura bem diferente de Coxinha em relação aos negócios. O “De ponta cabeça” iniciava suas atividades no fim da tarde, só servia lanches e bebidas e em noites de pouco movimento fechava cedo. “*Tô louco pra ir pra minha casa*”, dizia Coxinha antes de nos despedirmos. Paulo abre o bar já pela manhã, serve almoço (“prato feito”) e permanece aberto até de madrugada servindo lanches, bebidas e porções. Depois de um tempo de minhas visitas constantes, contou que trabalha com bar, lanchonete e restaurante há algum tempo e, atualmente, também mora no próprio local. Quando fecha as portas, estende o colchão ao lado do *freezer* e dorme. Assim que acorda já abre o “Rampa’s”.

Houve mudança também no público que frequenta o lugar. Antes eram homens mais jovens e as travestis costumavam ir até lá para se divertir (beber, dançar ao som das músicas colocadas no *jukebox*, jogar bilhar, conversar etc.). Coxinha costumava dizer que as travestis “*chamavam clientes*”, pois estes ao passarem de carro pela Avenida e observar que elas estavam lá, voltavam por causa das mesmas e sempre acabavam consumindo algo. Hoje os frequentadores são homens mais velhos, esporadicamente mulheres (há uma cozinheira na hora do almoço), as poucas travestis que vão só realizam alguma compra e saem, não permanecem no estabelecimento. Paulo afirma que não gosta que travestis fiquem por lá, pois “*se ficar cheio*

*de travesti aqui nenhuma família vai parar pra tomar um lanche ou comer alguma coisa...”.*

Frente a essas alterações, o espaço do bar onde eu ficava para observar as movimentações da *Rua*, durante a etnografia anterior, perdeu seu caráter estratégico.

Como no “Rampa’s” não encontrava nenhum rosto conhecido mesmo após várias noites de lanches, refrigerantes, cervejas, amendoins, novela e futebol na televisão, circulei pela região por mais tempo e encontrei Maria Madalena em uma esquina. Ela é uma travesti de 62 anos, branca, profissional do sexo que foi uma das minhas interlocutoras durante a pesquisa do mestrado. Natural de Florianópolis/SC, antes de chegar a São Carlos esteve no Rio de Janeiro/RJ, Santos/SP e São Paulo/SP, mas gostou de São Carlos/SP, já viajou muito e hoje não quer mais saber de se mudar. Conversamos por cerca de uma hora. Comentamos sobre os falecimentos de Vera e Sandra. Vera era a travesti cafetina que administrava a casa que recebia as travestis de outras cidades que tinham a intenção de trabalhar na *Rua* em São Carlos. Ela tinha pouco menos de 40 anos, e faleceu em função de infecções advindas de complicações nos implantes de silicone industrial em seu corpo. Sandra era uma travesti que trabalhava na *Rua* nos mercados do sexo, estava em depressão e cometeu suicídio, enforcando-se em sua casa. Segundo Maria Madalena, após o falecimento de Vera a *Rua* foi dividida entre duas cafetinas, mas uma delas é “*muito fraca*”<sup>21</sup>. *Não vai aguentar muito tempo*”. Ela afirmou que a violência e o número de roubos na *Rua* aumentaram, mas não fez relação direta da morte de Vera com o aumento da violência.

Em outra noite encontrei Charlotte sozinha em uma esquina das *ruas de dentro*. Charlotte tem 34 anos, branca, é natural de São Carlos/SP, viajou por um período a trabalho, foi até para a Itália, mas em função da família prefere ficar em São Carlos/SP. Ela também falou sobre Vera, as duas novas cafetinas e os muitos roubos que estavam ocorrendo. Segundo Charlotte, os roubos ocorrem porque as travestis que são de fora (da cidade) precisam pagar a

---

<sup>21</sup> Não qualifiquei ou expliquei o significado de “*fraca*” para mim.

cafetina para ter casa e ficar na *Rua* e, em noites de pouco movimento, se não conseguiram nem o dinheiro da casa, roubam os clientes. Isso se transforma em outro problema, pois ao saber do número de roubos, há justamente uma diminuição no número de clientes. Daí que ela, olhando para a rua, disse “*Tá vendo? Olha como tá a Rua. Parada, parada! Vou ali na frente ver um negócio. Depois a gente se fala, me chama no face [book]*”. Só tive tempo de concordar e dizer tchau. Desde que nos conhecemos, em 2014, Charlotte não gosta muito de entrevistas ou conversas direcionadas (interessadas). Sempre quando eu dizia sobre marcarmos uma entrevista ela desconversava. Tentei chamá-la para conversar pelo *facebook*, mas por semanas não respondeu minhas mensagens.

Consegui encontrar Alessandra caminhando pela *Rua*. Alessandra é travesti, negra, tem pouco menos de 40 anos de idade e reside em São Carlos há mais de 10 anos. O encontro também foi rápido, ela havia acabado de realizar um programa e demonstrava pressa. Nossa conversa também teve o tom de atualizações sobre a *Rua*, considerações sobre a Vera, que segundo Alessandra demorou muito para procurar médico e de como as coisas estão desde que ela se foi: duas cafetinas, muitos roubos, muita travesti nova e em excesso na *Rua*. Segundo Alessandra, Vera costumava administrar o número de travestis que abrigava em sua casa e conseqüentemente controlava a quantidade de pessoas que ficaria na *Rua*, mas agora está tudo “*meio desorganizado*”.

Ela contou que logo após o falecimento de Vera, algumas travestis a procuraram sugerindo que ela administrasse a casa, por ser da cidade, ser mais velha e “conhecer todo mundo”, mas ela recusou, “*ah, André, é muito rolo, muita dor de cabeça! Não quis, não*”, respondeu quando eu perguntei o porquê da recusa. Antes que continuássemos a conversa pediu que eu a levasse no posto de combustível, que fica na Avenida Getúlio Vargas, para “*comprar um negócio*” e depois a deixasse em outro lugar. Entramos no carro e rumamos para o posto. Nem retirei o cinto de segurança, ela entrou e saiu rapidamente da loja de conveniência

segurando o que supus ser uma garrafa de alguma bebida destilada. Em seguida pediu que eu entrasse no bairro Vila Isabel pelas *ruas de dentro* e encostasse numa esquina. Dali para baixo ela foi sozinha, dizendo “*hoje eu quero ficar bem louca!*”.

Demorou algumas noites para eu reencontrar Charlotte, não que rendesse mais tempo de conversa que da última vez, mas serviu para esclarecer que eu tinha o contato antigo dela no *facebook* e não a conta atual. Charlotte estava em uma esquina da *Rua de dentro*, acompanhada de mais duas travestis que eu não conhecia, mas não fez questão de me apresentar. Encerrou o papo rapidamente dizendo “*chama no face [book] pra gente conversar mais*” e já olhando para a *Rua*, talvez a fim de avistar algum cliente.

Tentei manter contato com Charlotte a fim de saber mais sobre como se deu a viagem dela para a Europa e como foi o trabalho lá, mas por vários dias não a vi na *Rua* e, depois que ela enviou algumas fotos suas (nuas) para mim, segundo ela, “*por engano*”, nossa comunicação por meio da internet diminuiu bastante por parte dela.

Outro reencontro foi com Paulão, aquele indivíduo que se envolvia com algumas atividades (tráfico de drogas, furtos etc.) e que encontrei no Rampa’s bar numa daquelas noites de 2014. Como já afirmei, quando o conheci as meninas me alertaram sobre o fato dele ser “*uó*” (“problema”) e para eu ter cautela no trato com ele. Nunca tivemos nenhum tipo de desentendimento. Ele estava muito bêbado e não sei se me reconheceu, mas veio até a mesa em que eu estava sentado, me cumprimentou e começou a falar sem parar. Sua indignação era com um grupo que, segundo ele, não tinha “*disciplina*” porque haviam “*cobrado*” um rapaz na *Rua*, no meio da tarde “*com criança olhando e tudo*”. O “*cobrar*” está relacionado a tirar satisfação sobre algum problema ou dívida de qualquer ordem, no caso relatado a cobrança foi seguida de homicídio com arma de fogo.

Segundo Paulão, essa atitude é típica de lugar que não tem “*disciplina*”, ou seja, não obedece a uma regra, não há uma pessoa como reguladora, ou um código de conduta



estabelecido, pelo qual preza, entre outras coisas, por preservar crianças desse tipo de exposição. Recontou a história várias vezes e afirmou enfaticamente que isso não acontece onde ele está porque ele e seus companheiros têm “*disciplina*”. Noves fora os desacordos entre as “cobranças” dos conhecidos de Paulão, chamou-me atenção o fato dele estar com sua companheira (travesti) no bar. Eu não a conhecia. Ela tentava levá-lo embora enquanto ele repetia as histórias e, quando eu já estava ficando cansado de ouvi-lo, disse para ele ir com ela. Foi nesse momento que ele me disse que eram casados e que ela cuidava bem dele.

Um dos últimos reencontros em São Carlos/SP foi com Raquel, uma mulher que costuma trabalhar perto das travestis. Não obedece à divisão entre mulheres e travestis por “ser da cidade”, na verdade ela é natural de São José do Rio Preto/SP, mas está em São Carlos/SP há mais de 15 anos. Ela reclamou que o movimento estava fraco, mas se conformou dizendo que era normal, pois era terça-feira e fim de mês, então “*ninguém tem dinheiro*”. Nossa conversa também foi rápida, porque ela havia acabado de fechar um programa pelo telefone e só estava esperando o cliente passar de carro para pegá-la. Quando perguntei das travestis que eu conhecia, ela respondeu que quase todas haviam ido embora, “*elas não param, né, André? Estão sempre viajando... Aqui tudo muda muito*”.

No Rampa’s Bar havia uma mulher chamada Marcela ajudando Paulo lavar louça e arrumar algumas coisas. Ela, diferente de Paulo, costumava ser mais amigável com as travestis que realizavam pequenas compras no bar. Ao cumprimentar uma travesti, Marcela comentou que ela (a travesti) estava sumida e a resposta foi que chegara aquele dia em São Carlos/SP, pois tinha passado umas semanas fora e já estava planejando ir embora outra vez, ainda naquela semana. Dessa vez iria para São Paulo/SP, não ficaria mais em São Carlos/SP, “*essa cidade já era*”, falou caminhando para fora do bar e se despedindo.

Tentei também retomar o contato com outra travesti ao observar postagens suas no facebook referentes a algumas viagens. Conheci Britney em São Carlos/SP em um momento

não muito favorável para ela. Em uma noite quente de quinta-feira entrei no (antigo) “De ponta Cabeça Bar” com Raabe e vimos Britney desacordada, deitada sobre cadeiras ao fundo do estabelecimento. Nós a levamos para a casa da cafetina com meu carro e nos certificamos de que ela iria ficar bem. A ajuda foi totalmente desinteressada, mas a partir desse momento Britney e eu estabelecemos uma relação. No dia seguinte havia uma mensagem sua no meu *facebook* agradecendo o gesto. Tempos depois, quando a procurei novamente para retomar o trabalho de campo, fui muito bem recebido, “*você me ajudou aquele dia, vou te ajudar agora*”.

Britney nasceu em Campo Grande/MS, tem 33 anos e atua nos mercados do sexo há cerca de dez anos. Quando começou, “*ainda não era travesti*”, apenas ingeria “*hormônios femininos*” e se apresentava como “*Drag Queen/transformista*” em boates voltadas para o público LGBTQIA+ em Campo Grande/MS. Por ter “*parentes*” em Dourados/MS (cerca de 230km de Campo Grande) e conhecer Flávia, uma das cafetinas da cidade, foi até lá passar um tempo trabalhando.

Flávia é natural de Aquidauana, outra cidade do interior do Mato Grosso do Sul, mas estava em Dourados/MS no *debut* de Britney nos mercados do sexo. Flávia, amiga de Vera (uma das cafetinas de São Carlos/SP), disse que a “*novata*” se daria bem em São Carlos/SP, a cidade era boa e ela ganharia um bom dinheiro por lá. Britney conta que Flávia “*fez minha cabeça. Vim pra Campo Grande, fiz minhas malas, peguei o que tinha pra pegar e quando foi dia 07 de Janeiro de 2013, acho, fui lá pra São Carlos eu e uma amiga minha*”.

Britney era amiga de Raabe, nosso encontro foi fortuito e ocorreu em uma situação em que ela precisava de ajuda. Tempos depois soube que quando nos encontramos pela primeira vez ela estava “*virada*”, ou seja, acordada há mais de 48 horas sob efeito de álcool e outras substâncias. Contudo, desse encontro surgiu uma relação de reciprocidade e um convite para conhecer Campo Grande/MS.

De São Carlos/SP a Campo Grande/MS foram pouco mais de 12 horas de cochilos entrecortados por inúmeras paradas do ônibus. Fazia calor, às 7 horas da manhã o sol já estava alto. Esqueci-me da diferença de uma hora a menos de fuso em relação à Brasília e acordei Britney com mensagens comunicando minha chegada. Nossa conversa foi breve, combinamos de nos encontrar na *Rua* à noite.

Já no local combinado, após 10 minutos de espera, avistei Britney saindo de um carro e caminhando em direção à esquina onde eu a esperava. Estava com um vestido preto curto “*básico*”, sandália de salto alto, e carregava uma bolsa de mão. No cruzamento das ruas 7 de setembro e 14 de julho, no centro da cidade, nos cumprimentamos. Rapidamente me contou a dinâmica da *Rua*, suas divisões, perigos, facilidades, horários e pessoas. A conversa fluiu como se tivéssemos nos vistos há poucos dias. Rimos, lembramos do dia que nos conhecemos e fiquei sabendo que em São Carlos/SP, após o terceiro mês de sua estadia, as coisas não foram tão boas, “*muita coisa negativa aconteceu comigo em Sanca [São Carlos/SP] e por este motivo não voltei mais*”. Segundo ela, se “*envolveu com pessoas erradas*”, teve problemas com drogas e um leve desentendimento com a cafetina responsável pela casa que oferecia aluguel de quartos para travestis de outras cidades ou “*de fora*”, como ela me disse.

Em Campo Grande/MS, Britney e eu nos encontrávamos todas as noites. Conversávamos na esquina mesmo. Em pé ou sentados em um degrau de uma loja que permanecia fechada no período noturno. De vez em quando caminhávamos até um bar localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa (duas quadras abaixo) para pegar alguma bebida e voltávamos. Minha presença não atrapalhava ou espantava os clientes, quando ela saía eu ficava na esquina conversando com outras travestis e michês, ou caminhava pela região.

Campo Grande é a capital do Mato Grosso do Sul com 885 mil habitantes, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Está situada ao sul da região Centro-Oeste do Brasil. Além da capital estar geograficamente próxima da fronteira do

Brasil com o Paraguai e a Bolívia, o Estado do Mato Grosso do Sul também concentra grande comunidade indígena de várias etnias (atikum, guarani kaiowá, guarani ñandeva, guató, kadiwéu, kiquinau, ofaié e terena), o que propicia uma grande variedade de sotaques, trocas culturais e muitos clientes.

A cidade é a principal referência para estudos, negócios e lazer para muitos municípios menores da região. O trânsito de mercadorias, dinheiro e pessoas é constante. Por isso há clientes para os mercados do sexo todas as noites. Contudo, é importante pontuar que os clientes não são apenas pessoas advindas de outras localidades. Nas noites de quarta-feira, por exemplo, o movimento é grande e a maioria dos consumidores é formada por homens jovens de Campo Grande/MS que são comprometidos, mas agem de forma secreta, “*A namorada nem sonha, porque as meninas vai, fica lá e eles mete o loco que vai assistir jogo com os amigos, né? Tira uma foto, tira uma selfie e sai doido, né? ‘Ah eu vou ali, não sei o que...’ e os meninos, ‘ah vai lá de boa’, fala, né? Achando que ele vai pegar mulher, ele vai e pega travesti. É desse jeito*”, revelou Britney, explicando a maneira como muitos de seus clientes enganam suas companheiras e amigos.

Os serviços dos mercados do sexo ofertados na *Rua* em Campo Grande/MS podem ser encontrados em várias localidades no período noturno: ao longo da Avenida Costa e Silva – do bairro Vila Olinda até próximo ao centro; em algumas quadras da Rua Calarge – no bairro Vila Glória, sobretudo, próximo à Escola Estadual Vespasiano Martins; aos derredores do terminal rodoviário (ainda que de forma intermitente); em alguns lugares da Avenida Júlio de Castilho e no centro, onde Britney costuma ficar, próximo à Praça Ary Coelho, como já especificado, na esquina das ruas 7 de setembro e 14 de julho.

O centro durante o dia é ocupado majoritariamente por atividades comerciais e serviços. Há presença de muito comércio ambulante pelas calçadas, lojas com “preços populares” e um “camelódromo” – prédio construído pela prefeitura para abrigar boa parte desses comerciantes

ambulantes e que assume certo aspecto de “mercadão popular”, com lojas de roupas, calçados e bastante oferta de celulares e produtos relacionados (capas, carregadores, fones de ouvido etc.). Durante a semana o movimento de pessoas e volume de compras não parece tão grande. Fica a impressão de um “centro velho”, esquecido ou ignorado<sup>22</sup>, especialmente ao caminhar pela Avenida Afonso Pena, saindo da praça em direção ao Shopping Campo Grande e Parque das Nações Indígenas. Nesse trajeto nota-se a mudança da paisagem urbana. Nos bairros Jardim dos Estados e Santa Fé há lojas de grife, agências bancárias, uma unidade do SESC, franquias de lanchonetes e como já dito, o shopping e o parque. Segundo um motorista de aplicativo, ali é “*região dos burgueses*”. Ou seja, é uma espécie de outra centralidade que rivaliza com o “centro antigo”.

A Praça Ary Coelho ocupa uma quadra inteira no centro e comporta quatro terminais de ônibus nas quatro ruas que a circunda, Rua Quinze de Novembro, Rua 14 de Julho, Rua 13 de maio e Avenida Afonso Pena. Habitualmente é onde ocorrem eventos culturais, mas apesar de bem iluminada no período noturno, permanece quase o tempo todo vazia, sendo apenas local de passagem. Se durante o dia o centro é majoritariamente comercial, durante a noite também, mas ocupado por pessoas que atuam nos mercados do sexo. Além desses profissionais, há também a presença de usuários e vendedores de drogas, particularmente próximo à Igreja Catedral de Nossa Senhora da Abadia e Santo Antônio.

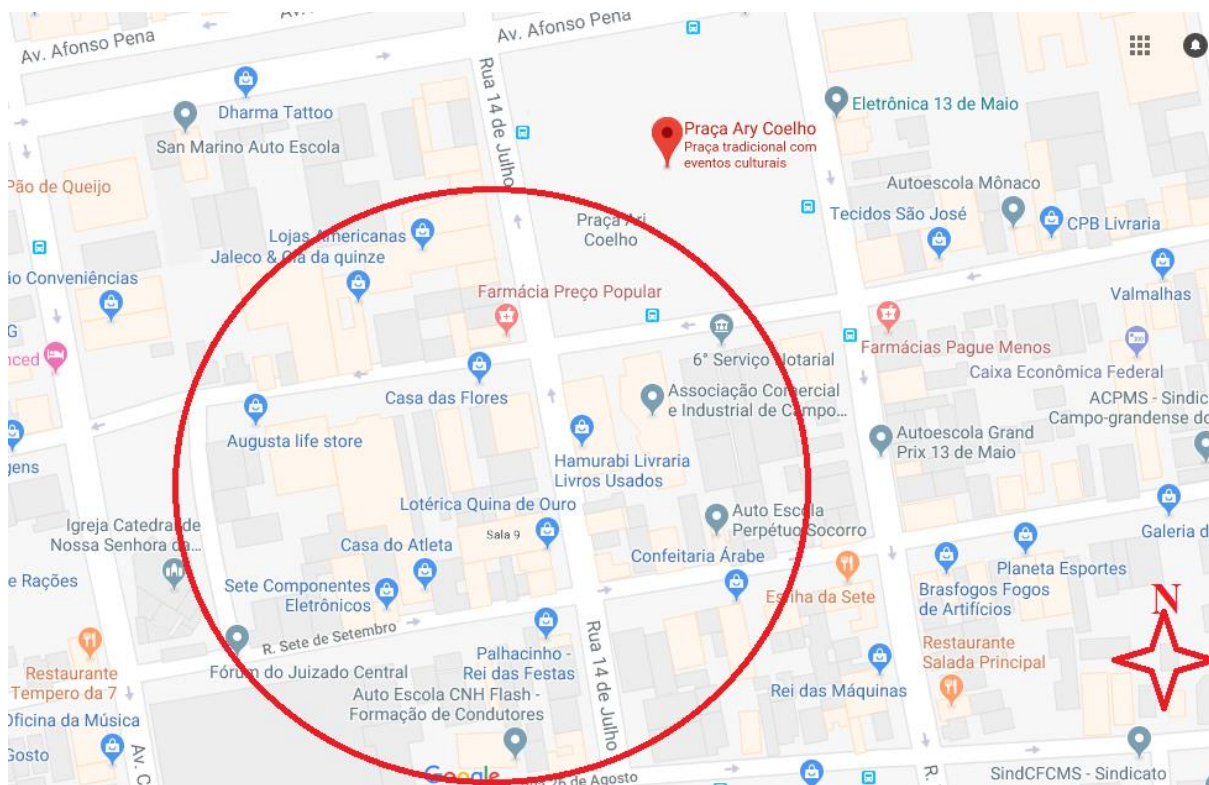
No centro, as travestis costumam ocupar uma região a sudoeste da Praça Ary Coelho, especialmente nas ruas Quinze de novembro, 7 de setembro e 26 de agosto. Os michês ficam na região sul, entre as Ruas 14 de Julho e 13 de maio. Já as mulheres, normalmente permanecem a sudeste, depois da Rua 13 de maio. Contudo, essas separações, ainda que acordadas, não são

---

<sup>22</sup> Em agosto de 2018 a prefeitura em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento iniciou obras de “revitalização do centro”. O projeto é extenso, tem previsão de 5 anos de obras e promete mudar totalmente a concepção do centro de Campo Grande, transferindo os fios e cabos de energias, telefonia etc. que hoje são aéreos, amparados por postes para uma estrutura subterrânea. O ponto central do projeto é construir calçadas e privilegiar pedestres.

fixas e intransponíveis. Não é incomum ver michês junto com travestis. As mulheres são menos frequentes “fora” de seus “territórios”, mas circulam também.

**Figura 2:** Região ocupada por travestis no centro de Campo Grande – MS.



**Fonte:** Google Maps. Acesso em 14 de julho de 2020.

Na região ocupada por mulheres, travestis e michês existe apenas um bar pequeno e um carrinho de lanches na esquina das ruas 15 de novembro e 14 de julho, em frente à praça. Na noite de quarta-feira, por volta das 23h30, comi um lanche na esquina ouvindo os michês conversarem sobre *rap*, enquanto esperava Britney voltar de um programa. Nessa noite eu pedi que gravássemos uma entrevista. A conversa mais formal permitiu que eu fizesse algumas perguntas que durante o nosso contato diário eram pouco oportunas. Questionei, por exemplo, acerca da dinâmica da *Rua*, suas divisões espaciais e categorizações de corpos, além de buscar entender melhor sobre os deslocamentos.

Em Campo Grande, assim como em São Carlos, os locais ocupados na cidade são chamados de *Rua*. Contudo, no interior paulista, as ocupações por travestis, tal como já salientado, se dão apenas na região da Avenida Getúlio Vargas e a mesma é dividida em “*frente*”, “*atrás*”, “*dentro*”, “*fundo*” e “*baixo*”.

Já na capital do Mato Grosso do Sul não há somente uma região que é considerada *Rua*. Assim, as divisões são feitas pela cidade toda. No centro geralmente ficam (além de mulheres e michês) as travestis mais novas (de 18 a 22 anos) e que trabalham com mais roupas. Nos arredores da rodoviária e na Costa e Silva ficam as travestis jovens que trabalham com menos roupa e também as mais velhas (com mais de 50 anos). “*As mais cacura, as mais velhas daqui que já existiu tão lá*”. “*Cacura*”? Pergunto. “*É. As mais velhas mesmo, aquelas museus*” [risos]. Na região da Júlio Castilho são mais velhas (mais de 40 anos) também, só que mais “*produzidas*”. “*As coroas têm tudo corpão, tipo travesti antiga, tipo a Vera era, sabe? Ali na Júlio de Castilho são aquelas mais que são montadas tipo drag né?*”. E, segundo Britney, as que costumam ficar na Rua Calarge em sua maioria são usuárias de drogas.

As travestis que ocupam a cidade têm origens diversas. Boa parte advém do interior do Mato Grosso do Sul e de outros Estados. O que reforça a percepção inicial e o diálogo com a literatura existente, que afirma a relação estreita entre mobilidade e mercados do sexo, e deslocamentos e travestis. Mesmo as que “*são da cidade*” e estavam lá nos dias do trabalho de campo, relataram experiências vastas de deslocamentos.

Após essa primeira incursão em Campo Grande/MS regressei para São Carlos/SP, mas combinamos que em breve eu voltaria. Mantivemos contato, mas Britney adiou vários encontros, frustrando novas tentativas. Meu intuito era expandir a observação para as outras regiões da cidade ocupadas por travestis, mas quando enfim consegui retornar a Campo Grande/MS, continuei circunscrito à região central. Não por vontade própria, mas porque Britney se esquivou de todas as minhas investidas para irmos juntos. Assim, julguei que não

seria prudente ir sozinho por um duplo receio, o de não ser bem recebido nos outros lugares (por não ser indicado por ninguém) e de causar alguma indisposição com quem havia me convidado para estar na cidade.

Durante as noites nos encontrávamos e ficávamos na *Rua* conversando. Algumas vezes mais cedo, perto das 20 horas até à 01 hora da manhã ou mais tarde, outras vezes iniciando por volta das 22 horas e indo até às 03 horas da manhã. Dada a minha insistência em conhecer os outros lugares e falar com outras travestis, Britney sugeriu que eu ligasse o gravador na *Rua* que ela iria chamando suas colegas para “*dar entrevista*”. Por fim isso se transformou em mais uma entrevista com ela mesma.

Enquanto estávamos sentados no degrau de uma loja fechada, uma travesti se aproximou e cumprimentou Britney. Eram amigas que não se viam há algum tempo. Virgínia nem esperou ser apresentada e me disse que ficou um tempo em São Paulo/SP por isso estava “*sumida*”. Estava pensando em trabalhar com outras coisas, havia feito uma entrevista de emprego para uma lanchonete e naquela semana iria também passar por um processo seletivo para uma loja de roupas. Segundo ela, a vaga para a lanchonete já estava garantida, mas na loja era melhor. Curiosamente, no decorrer da conversa que adentrava a madrugada, entre lembranças, risos, comentários sobre a próxima edição do concurso “*miss gay*”, reclamações que a *Rua* estava muito “*parada*”, Virgínia perguntou “*Você conhece alguém em Rio Preto? São José do Rio Preto?*”. Após resposta negativa, continuou “*Eu queria ir lá, mas não conheço ninguém lá. Eu conhecia a Luciana Close que foi pra Itália com a Rafa. Ela falou pra mim que lá era bem, mas quero ir com alguém que eu conheço pra saber direito*”. “*Mas você não arrumou emprego?*”, Perguntou Britney. “*E desde quando emprego me impede de viajar?*”, respondeu Virgínia.

Sexta-feira no início da noite enviei mensagem para Britney para saber que hora nos encontraríamos na *Rua*. A princípio não nos veríamos por que iria pernoitar com um cliente. Nada que já não houvesse acontecido. Entretanto, passadas duas horas, disse que estaria livre



por volta da 1 hora e pretendia voltar pra *Rua*, mesmo já sendo tarde. Após isso, me convidou para uma festa, “*Olha o que temos hoje*”.

**Figura 3:** Propaganda da festa “Join Smoke”.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Nesse mesmo dia eu havia alugado um carro com a intenção de circular por todas as regiões ocupadas por travestis e confirmar as informações que me foram passadas. Comentei do meu plano para minha interlocutora, mas a resistência continuava. “*São lugares meio complicados de ir porque geralmente as travestis da Costa são as mais velhas da cidade e elas não gostam de entrevistas, essas coisas, elas são bem reservadas, né? E a Calarge, as bichas são todas, assim, mais usuárias [de drogas] e tal. Algumas, né? Outras não, mas elas também não gostam do horário que estão trabalhando de dar entrevista*”. Contudo, uma vez que nos encontraríamos em horário avançado e já havia alugado o carro, contrariei a recomendação e andei pela cidade.

De fato, na Avenida Costa e Silva e próximo à Rodoviária havia travestis jovens com pouca (ou pouquíssima) roupa, com os seios e nádegas a mostra; e algumas mais velhas. Na Júlio de Castilho atestei também a existência de travestis bastante produzidas (ou “*bem montadas*”), mas não sou capaz de assegurar se eram mais velhas que as que ocupavam o centro.

Já na Rua Calarge, avistei poucas, e das que pude observar, não foi possível sustentar se faziam uso de algum tipo de substância, como afirmou Britney. Na região central, no entanto, durante uma caminhada perto das dependências da Igreja Catedral de Nossa Senhora da Abadia e Santo Antônio, enquanto Britney atendia um cliente, mais de uma vez ofereceram-me cocaína e crack. Além disso, por vezes notei algumas travestis fumando maconha na *Rua* à noite.

Pouco antes da 01 hora da manhã encontrei Britney visivelmente bêbada. Entrou no carro rapidamente me cumprimentando de forma efusiva, “*Que carro é esse? Vamos dar uma volta?*”. Em mãos uma garrafa pequena de plástico com conhaque, “*Oh, tô bêbada. A Rua tá uma paradeira só. Fiz só aquele hoje*”, se referindo ao cliente que havia me contado anteriormente. “*Quero cheirar. Você não cheira, né?*”. Enquanto dirigia sem saber para onde estávamos indo, respondi que não. Bem agitada, perguntou se eu tinha internet para “rotear”. À época não sabia como fazer isso, mas ela pegou meu celular e conseguiu ter acesso à internet no seu aparelho a partir do meu. Enviou uma mensagem de voz para uma amiga avisando que estávamos indo para a “Join” (figura 2). “*Fica aí na frente esperando que já tamo chegando, bicha! Tô indo com um amigo meu*”. Após a comunicação começou a me ensinar o caminho. Durante o percurso perguntei se o seu “marido” não iria conosco para festa. Havíamos conversado por telefone antes dessa segunda viagem e ela havia me contado sobre o “boy”, um michê que também trabalha na região central. Entretanto, soube naquele momento que não estavam mais juntos, “*ele me traiu com uma trans! Hoje está jogado na pedra [crack]. Não quero mais saber daquele enguiço!*”, dessa forma me atualizou sobre o seu estado civil.

Na Avenida Ernesto Geisel ela bebeu rapidamente um gole de conhaque e passou mal. Cuspiu no vidro e no interior do carro. Parei o veículo. Ela abriu a porta e vomitou na sarjeta. Voltou para o carro, fechou a porta e viu a bagunça que estava o carro. “*Você tem papel? Ai, eu preciso cheirar! Aí passa! E agora pra limpar isso? Me leva lá pro centro. Ai, desculpa*”. Voltamos para o centro. Em um hotel localizado próximo à Igreja pediu para parar, pois era

amiga da recepcionista. Entrou, se arrumou um pouco e voltou com um pano. Fiz uma rápida limpeza no carro enquanto ela fumava um cigarro. “*Me deixa aqui mesmo*”. Não iríamos mais para a festa.

Mesmo preocupado, deixei-a e fui para o lugar onde estava hospedado. Tentei entrar em contato através de ligações e mensagens. Sem sucesso. Por volta das 03h30 retornei para a *Rua*, mas não a encontrei. A única notícia era que ela havia entrado em um carro cinza (ou prata) e ainda não tinha voltado.

Pela manhã (por volta das 07 horas), Britney respondeu as mensagens dizendo que estava bem. Segundo ela, estava “*colocada*” (sob efeito de álcool e outras substâncias) desde àquela hora. Pediu desculpas pelo carro e disse que iríamos nos encontrar à noite para irmos para outra festa juntos (“*Corrida das Drags*”), onde haveria um concurso de *Drag Queen* e ela seria jurada. Contudo, no meio da tarde me comunicou que eu teria que representá-la na festa porque se envolvera em uma briga, estava “*toda machucada*” e não iria mais à “*Corrida das Drags*”. Indicou-me para Andrômeda Black (uma das *drag queens* organizadoras do evento) e nos colocou em contato por telefone.

Andrômeda Black foi bem receptiva, mas demonstrou certa indignação quando cheguei sozinho, pois Britney não havia confirmado sua ausência, “*não dá pra confiar em travesti. Elas sempre furam com a gente*”, reclamou a *drag queen* toda vestida de amarelo (sapatos de saltos altíssimos, meia e vestido justo). Além disso, comunicou que eu não poderia ser jurado, uma vez que ninguém me conhecia e isso poderia causar celeuma entre as participantes. Segundo Andrômeda, a escolha de Britney para ser jurada foi uma espécie de reconhecimento e homenagem. Ela foi uma das pioneiras entre as *Drag Queens* da cidade, depois virou travesti, “*praticamente todas viraram travesti*”, acrescentou<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Soube por Andrômeda que houve um movimento interessante de *drag queens* no fim da primeira década de 2000, na capital sul-matogrossense, e que praticamente todas as *drags* daquela época hoje são travestis; a maioria atuando nos mercados do sexo. Seria interessante um estudo sobre esse deslocamento em específico (de *drag* para

A “Corrida das Drag” é organizada por *Drag Queens* da cidade e região. Consiste em apresentar um episódio da série/reality show RuPaul’s Drag Race (por isso o nome “Corrida das Drag” – uma tradução literal com intenção de ser jocosa, “*mas ninguém corre aqui, não, fica tranquilo*”, explicou Andrômeda rindo), depois uma performance de *Drag Queen* que faz parte de uma competição, avaliada por juradas e, em seguida, uma apresentação de uma *Drag Queen* convidada. A festa tem caráter itinerante, o número de edições acompanha o número de episódios da série televisiva, e a cada nova temporada o evento é realizado em alguma casa ou boate da cidade. Na ocasião, a “Resista!” localizada na região central da cidade, em frente à “Orla Ferroviária”<sup>24</sup>, abriu as portas para as *drags*. A casa que tem programação voltada para o “público underground”, com mais atenção para bandas de rock/metal/death/trash/grind, tem sido a melhor casa da cidade para a “Corrida das Drag”, “*melhor até que as boates gays e LGBTQIA+*”, afirmou Andrômeda.

O calor em Campo Grande/MS não oferecia trégua mesmo no fim do verão. Perto das 20 horas o episódio da série era exibido em um telão dentro da “Resista!”, mas muita gente preferiu ficar na calçada ao lado de fora, conversando, bebendo e buscando alguma brisa para se refrescar. O ponto alto da noite foram as performances das Drags “Pam Vênus” e “Rafa Spears”. Apresentaram suas performances para um bom e animado público que logo após as apresentações voltou para fora. O som estava alto e a festa praticamente acontecia na calçada. Acontecia até a chegada da polícia.

A força policial foi chamada porque na Orla Ferroviária havia menores de idade consumindo bebida alcoólica, mas a abordagem foi extremamente exagerada. Chegaram com várias viaturas, motos, giroflex ligado, sirene, policiais descendo dos carros com armas em punho, impondo medo e terror. Os jovens começaram a correr. Nós que estávamos na calçada

---

travesti). Contudo, no meu trabalho de campo essa informação foi pontual e sem recorrência. Em função disso, não possuo elementos suficientes para maiores desenvolvimentos.

<sup>24</sup> Praça construída sobre o antigo espaço da linha férrea de Campo Grande. O espaço faz parte do “corredor cultural” ao lado do Horto Florestal, Mercado Municipal, Camelódromo e Orla Morena.

do outro lado da rua permanecemos só olhando, mas não demorou muito para a polícia chegar e nos “pedir” que não ficássemos ali promovendo “aglomerações”. As portas da casa foram fechadas e dispersamos. Fui convidado para continuar a festa em outra boate (“Sis Lounge” localizada próximo ao Shopping Campo Grande), mas preferi procurar por Britney na *Rua*. Sem sucesso.

Em dois dias o fluxo de informações, mudanças de comportamentos, planos, relações e compromissos foram grandes, rápidos e intensos. A princípio, Britney e eu não nos víamos. Depois, sim, nos encontraríamos, mas os horários dos encontros se alteraram mais de três vezes, o convite para a “Join”, o rompimento do relacionamento recém-começado, a desistência da “Join”, um “sumiço”, convite para “Corrida das Drags”, uma briga, abandono da “Corrida das Drag” e, para finalizar, minha indicação (negada) para ser jurado de um concurso de *Drag Queens*. Essa dinâmica evidenciada não é episódica. Às dificuldades de reencontrar pessoas, agendar encontros, fixar horários, juntamente com as alterações de relações, planos e comportamentos, somam-se à heterogeneidade e à espontaneidade dos deslocamentos.

Todo esse cenário reforça a ideia do movimento como algo intrínseco e indissociável de travestis nos mercados do sexo. Contudo, os deslocamentos são de várias ordens e não se circunscrevem ou se restringem apenas aos deslocamentos geográficos, tendo como finalidade única o trabalho. Em especial, tenho destacado até aqui como há mudanças e originalidades nos próprios deslocamentos, o que poderia ser expresso através de um jogo de palavras como: o “deslocamento interno ao deslocamento”, ou seja, o deslocamento de relações no interior dos deslocamentos geográfico-espaciais. Tal ideia também pode ser expressa como “deslocamentos dentro do deslocamento”, sobretudo sem valorização moral, considerando o deslocamento como sendo ele em si mesmo explicativo, considerado como relação, ou ainda como não sendo a antítese da estabilidade, principalmente não tomando a estabilidade como um pressuposto desejado.

Na semana seguinte só consegui falar com Britney por aplicativo de mensagens no celular. Soube melhor da briga e entendi quando disse que “*daria um tempo da Rua*” até se recuperar totalmente. Quando esse tipo de entrevero acontece na *Rua* é comum pensar em ir para outro lugar, outra cidade. Mencionamos Raabe que é de Franca/SP, mas está na Itália, “[*ela*] tá louca para que eu vá, fica mandando mensagem direto para que eu vá pra lá. Vamos ver, quem sabe esse ano”, cogitou. Comentei que gostaria de conhecer Franca/SP, mas meu único contato (Raabe) estava na Europa, “*Ah, mas lá tem as outras meninas. A Jacke tá lá, a Kelly tá com casa agora lá. Se você quiser, faço a linha pra você*”.

**“SE O CAPETA VIER, EU COMO O CU DELE”**

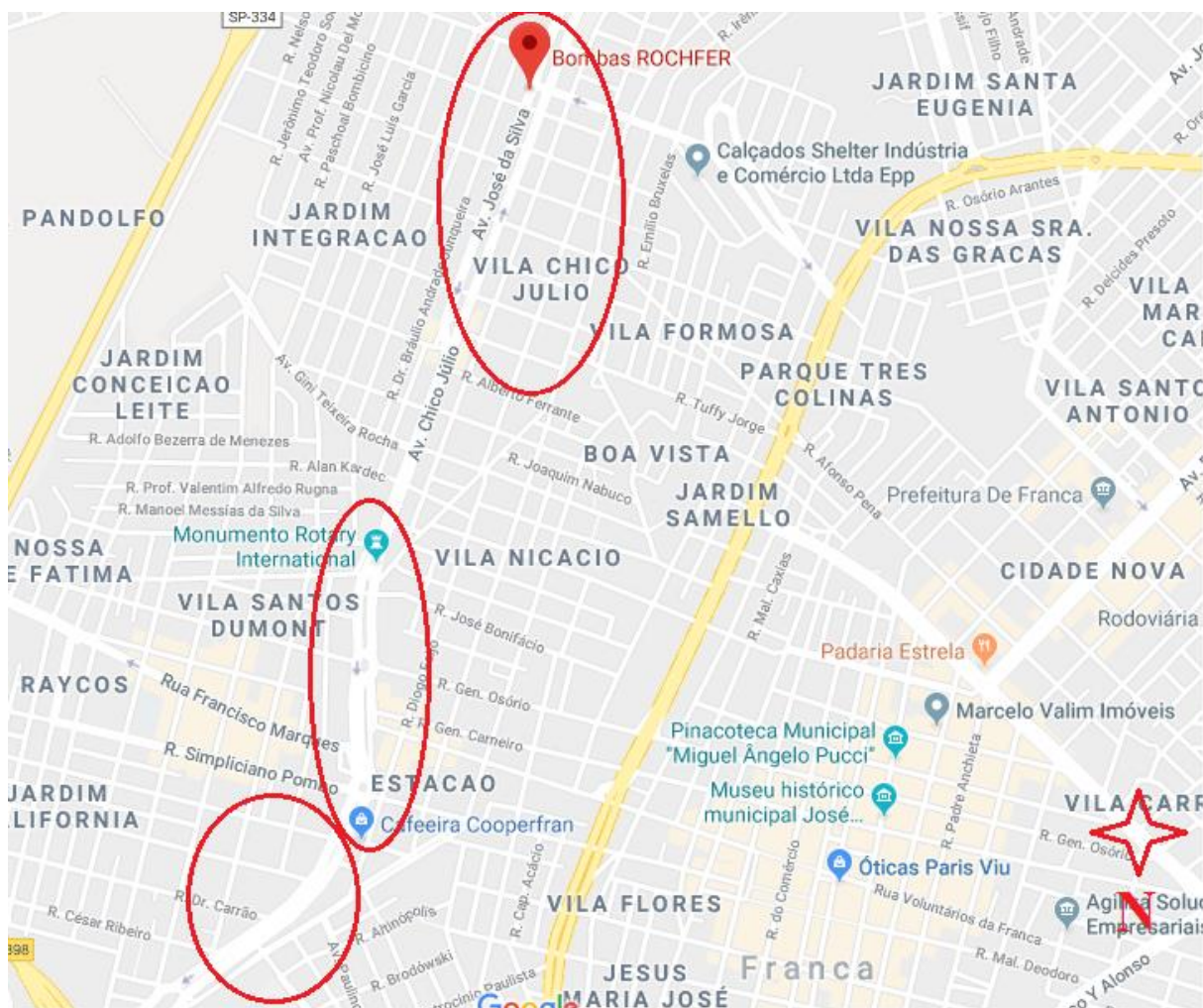
Como minha principal interlocutora estava afastada da *Rua* por tempo indeterminado, decidi voltar para São Carlos/SP, mas fiquei animado com a possibilidade de conhecer outra cidade. Contudo, após retornar, perdi novamente o contato com Britney, devido a um problema com o celular e com o aplicativo de mensagens, segundo ela me explicou tempos depois. Mesmo assim mantive o plano de ir para Franca/SP. Além de saber os nomes de pessoas que eu deveria procurar na cidade, um amigo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSCar é natural dessa cidade, e me orientou sobre as principais regiões ocupadas por travestis. Embora minha motivação se justificasse por conhecer Raabe, que também era conhecida de Britney, e eu saberia quem procurar e quais os espaços, era quase uma tentativa de ir “*com a cara e com a coragem*” para outra cidade, pois não haveria dessa vez alguém para me receber. Levado pela lógica do deslocamento, seria minha primeira vez no município.

Franca está localizada no interior do estado de São Paulo, distante 401 km da capital estadual, a 183 km de São Carlos/SP e cerca de 40 km da divisa do Estado de São Paulo e Minas Gerais. A cidade abriga 350400 habitantes (segundo o último censo realizado pelo IBGE), é um importante centro urbano, econômico e industrial, com destaque para a indústria calçadista,

atraindo diariamente milhares de pessoas de cidades ao seu redor, tanto paulistas quanto mineiras, com interesses diversos, incluindo os voltados para os mercados do sexo.

Em pelo menos três regiões da cidade há ocupações de travestis em espaços públicos, atuando nos mercados do sexo. Uma do lado oeste de Franca/SP, ao longo da Avenida Brasil, se estendendo desde a Vila Aparecida até o Jardim Paulistano, e outras duas a leste. A primeira na região chamada por elas de “Rochfer”, por fazer referência a uma loja de materiais para construção com mesmo nome, localizada na Avenida José da Silva, no Jardim Integração, próxima de onde costumam ficar. A segunda nos arredores da Avenida Santos Dumont (Avenida de trânsito rápido que dá acesso à Rodovia Cândido Portinari) compreendendo os bairros Estação e Vila Santos Dumont (desde uma agência dos Correios na Rua Simpliciano Pombo até Rua Dr. Carrão). Os bairros possuem residências, mas são majoritariamente ocupados por estabelecimentos de comércio e serviços, principalmente nas avenidas e ruas principais. Após algumas noites de observações, decidi investir mais tempo na Vila Santos Dumont, isso por ter visivelmente mais travestis na *Rua*.

**Figura 4:** Região Leste de Franca. Destaque para as regiões ocupadas por travestis.



**Fonte:** Google Maps. Acesso 14 de julho de 2020.

Julguei ter sorte quando, ao conversar com duas travestis na esquina da Avenida Santos Dumont com a Rua Estevão Marcolino, soube que uma delas era Jackeline, a “Jacke” mencionada por Britney. Entretanto, estar ligado de alguma forma à minha interlocutora de Campo Grande/MS e à Raabe não foi uma informação favorável para mim. Segundo Jackeline, *“Ninguém gosta dela [Raabe] aqui. Tá na Itália, né? Saiu daqui brigada com todo mundo”*. Quanto a Britney, *“Ela é amiga da Raabe, né? Não tenho nada contra ela, nem conheço, na verdade”*.



Se havia alguma esperança de encontrar uma rede sólida e estável com conexões duráveis, referências e articulações perenes, se foi. Os contatos se esvaem, são cambiantes e não seguem padrões fixados. O que possibilita os deslocamentos são linhas que são feitas por amigas, porém essas amizades nem sempre são duradouras, fazendo com que as linhas também sejam instáveis e/ou temporárias<sup>25</sup>.

O fato de anunciar um contato que não era necessariamente bem-vindo dificultou inicialmente o trabalho. Os olhares desconfiados, conversas rápidas e a pouca atenção eram o resultado da falta de credibilidade que gozavam ali minhas outras interlocutoras. Somada a isso, a descrença sobre uma pesquisa antropológica sobre travestis fez com que elas pensassem que eu estava apenas mascarando uma intenção em ser cliente, “*você é ativo ou passivo?*”, falei que era casado e hétero, “*Ô se é! E tá na rua essa hora da noite atrás de travestis*”, ironizou uma delas. Todavia, minha recorrente presença na *Rua* durante à noite ajudou a construir aproximações importantes. A primeira foi com Carol, que é natural de Franca/SP, negra e, dos 34 anos de idade, 15 são de experiência nos mercados do sexo.

Anteriormente, Carol trabalhava em fábrica de calçados durante o dia (já tinha iniciado sua “*transição*” e ia trabalhar “*como mulher*”) e nas noites dos fins de semana ia para *Rua*. Com o tempo o trabalho sexual se mostrou mais interessante financeiramente do que a fábrica, e decidiu abandonar o “*emprego formal*”. Por um período atuou só na *Rua*, mas depois de fazer um curso de cabeleireira abriu um salão de beleza em sua casa. Hoje trabalha no salão durante o dia e a noite vai para a *Rua*, mas “*não fico até tarde, no máximo meia noite tô em casa*”, contou-me. Está no segundo casamento, permaneceu junto com o primeiro marido por 10 anos até ele vir a falecer, vítima de câncer. Há seis meses se casou novamente. Ele é mecânico de automóveis, já foi michê, mas parou com a *Rua* (onde se conheceram). “*Ele não gosta muito que eu venho pra Rua, mas casamento bom é assim, você tem sua vida, seu trabalho, suas*

---

<sup>25</sup> As linhas e os mecanismos criados pelas travestis que possibilitam os deslocamentos serão tratados no próximo capítulo

*coisas e eu tenho as minhas. Não se mete na minha vida. A gente tá junto, cê ajuda pagar as contas e tá tudo certo*”, sentenciou, pragmática.

Carol contou que gosta de estar sempre aprendendo coisas novas, hoje cursa técnico em farmácia e pretende fazer um curso de cuidadora de idosos, *“a maioria das bichas não estuda, não faz nada, pensa que a beleza e a juventude vão durar pra sempre”*. O curso ocupa apenas três noites da sua semana (segunda a quarta-feira) e nos fins de semana vai para *Rua*, *“mas quando a coisa aperta [as contas aumentam] eu falto da aula e venho pra Rua”*. Não gosta muito de viajar para outras cidades para trabalhar, viajou só uma vez, passou por algumas cidades (Ribeirão Preto/SP, Araxá/MG e Passos/MG) e não gostou, *“as bicha ficaram tudo me falando que é bem, que eu ia gostar, que iria ganhar dinheiro, mas é muita bagunça, muita muvuca, não gosto”*.

A convivência com outras travestis é muito intensa e complicada em casas que abrigam as trabalhadoras sexuais em outras cidades, segundo ela. Por isso, e em função de ter seu trabalho e sua casa em Franca/SP, prefere não viajar. *“As bichas não respeitam. Eu gosto de ir cedo pra rua, 19h eu já tô na Rua e também volto cedo. Daí elas chegam de madrugada e acendem a luz, falam alto, gritam ‘menina, quase matei a maricona!’, ‘dei sem camisinha’, ‘o bofe tinha uma neca [pênis] desse tamanho!’, e eu não gosto porque já estou dormindo, né? Os viados fumam maconha dentro do quarto. E o banheiro então? Afe! Eu sempre ia primeiro, 16h, 16h30 eu já ia pro banheiro pra pegar ele mais arrumado porque depois é ruim demais”*.

Por algumas noites nossos encontros na *Rua* foram frequentes, conversávamos sobre “amenidades”: a cidade (Carol gosta de Franca/SP), oportunidades de emprego, o trabalho de cabeleireira (que é mais cansativo que a *Rua*), o curso técnico em farmácia, o casamento, a família (que sempre a respeitou), os almoços aos domingos na casa da sogra, receitas culinárias e reclamávamos do frio. Jackeline é próxima a Carol, enquanto Carol reclamava da viagem que fez e das casas das cafetinas, Jacke começou participar da conversa, *“Ah, sem contar que não*

*compensa mais, né? Muita cidade tá 'tombada' [ruim para trabalho em função de muitos roubos realizados pelas travestis]. Campinas tá tombada, São Carlos tá tombada, até São Paulo tá tombada umas partes. Daí não compensa ir, pagar casa, diária. Melhor ficar aqui mesmo*"<sup>26</sup>.

Depois dessa afirmação, saiu da conversa e desceu caminhando a Avenida Santos Dumont. Nesse ínterim, chegou Tânia, uma travesti branca mais velha (perto dos 60 anos). Interrompeu nossa conversa e começou a contar de outra travesti que está ganhando tudo de um "bofe", mas não quer se casar com ele. Dentro de alguns minutos Jackeline voltou com um copo plástico em mãos (que continha "bebida de exu e pomba-gira", ou martini com whisky), "Pra esquentar desse frio", reclamou. Tânia emendava um assunto atrás do outro, as falas se sobrepunham e ficava difícil acompanhar, pois agora além de Carol, Tânia e Jackeline, chegara também Kelly e os assuntos eram os mais variados. Tânia pegou o copo de Jackeline sem pedir e ouviu o aviso "se você beber o capeta te pega", "se o capeta vier eu como o cu dele", respondeu Tânia, rindo e fazendo movimentos com a pélvis. Todas riram.

Com a mesma rapidez que se deu o pequeno ajuntamento, ele também se dispersou. A dinâmica da *Rua* percebida a partir da observação, somada com os relatos registrados sobre clientes, brigas, bebidas, drogas, viagens, casas, cafetinas, diversão, mudanças, corpos, desejos e perigos sugerem que, para permanecer na *Rua* por algum tempo, é realmente preciso estar disposta até a "comer o cu do capeta" se for necessário. Quero dizer que situações inusitadas, não planejadas e muitas vezes difíceis não são raridades. Pelo contrário, os imprevistos, estabelecimentos e rompimentos de relações e deslocamentos de várias extensões e intensidades

---

<sup>26</sup> As afirmações sobre os roubos sempre foram constantes durante todo trabalho de campo. Entretanto, nunca presenciei algum tipo de reclamação ou "confusão" na *Rua*. Mesmo porque a maioria dos clientes só percebem que foram roubados após o programa. Keith, uma travesti que aparecerá a seguir, contou-me que um cliente que cheirava cocaína junto com ela se confundiu ao lhe dar uma nota de cem pensando ser uma de dois reais para fazer o "canudo" para consumir a substância. Ela pegou a nota para si e após o programa quando o cliente entrou em contato perguntando sobre o dinheiro ela alegou desconhecimento. A antropóloga Susan Dewey (DEWEY, S.; ST. GERMAIN, T. 2017) classifica como "Hustling" as atividades desenvolvidas por mulheres que estão na rua ("Street-Involved Women") em Denver para geração de renda. Essas atividades envolvem trabalho sexual e, além disso, incluem roubo em lojas, tráfico de drogas em pequena escala, venda de vale-refeição e outras atividades criminalizadas. Apesar de uma possível aproximação entre o contexto apresentado e o estadunidense, as travestis não praticam o "Hustling", apenas eventuais pequenos furtos.

são frequentes e, inclusive, constitutivos do contexto de travestis nos mercados do sexo. Dessa forma, uma indicação que não se sustentou inicialmente em Franca/SP só foi novidade para mim, assim como o estabelecimento de certo vínculo e confiança em pouco tempo fez com que Jackeline aceitasse gravar uma entrevista.

Jackeline, negra, 25 anos, natural de Goiás, é filha mais velha de uma trabalhadora sexual. Desde muito jovem (seis anos de idade) já se pensava como menina, aos doze anos conversou com sua mãe sobre sexualidade e obteve apoio. Dos quinze aos dezenove anos esteve casada com um rapaz, mas “*não deu mais certo*”, terminou o casamento e iniciou-se nos mercados do sexo, ou “*no mundo da noite*”, como ela denomina. Mundo esse que a possibilitou “*realizar sonhos*”. Um deles era iniciar sua “*transição*”: comprar e ingerir hormônios, realizar implantes de silicone nos peitos, nádegas, quadril, cirurgias plásticas no rosto e vestir-se com as roupas que desejasse. No início sua mãe era contra que ela também atuasse nos mercados do sexo, mas hoje as duas sustentam a casa “*tudo com dinheiro da Rua, tudo com dinheiro de prostituição*”.

Sua mãe, inserida na dinâmica dos deslocamentos dos mercados do sexo, mudou-se de Goiás para Franca/SP e foi na cidade do interior paulista que Jackeline começou a “*ir pra Rua*”. E foi onde conseguiu contatos e indicações para seus deslocamentos, “*eu fui pra Ribeirão Preto, de Ribeirão Preto eu passei, São Carlos, Piracicaba, de Piracicaba eu fui pra Campinas, Campinas eu conheci São Paulo. Morava na Lapa em São Paulo, trabalhava na Barra Funda, na Barra Funda e no Jóquei. De São Paulo eu voltei pra Franca, de Franca eu fui pra Uberaba, de Uberaba eu fui pra Uberlândia, Uberlândia e voltei pra Franca*”. Jackeline afirma que voltou para ajudar a mãe que já não vai mais tanto para a *Rua* e quando ela está em outra cidade não consegue complementar a renda da mãe para pagar as contas mensais.

Ela gosta de viajar, “*A gente faz assim, pega, viaja pra outra cidade, vai indo, vai mudando. Depois que vai virando carne moída [ficar muito tempo na cidade] tem que viajar.*”

*Enjoa. Aí você já quer ir pra outra cidade, outros ares, outras coisas, outras pessoas, aí você pega e viaja*". A princípio, pensei que "virar carne moída" se relacionava a ficar muito conhecida na cidade e perder clientes, pois supus que esses estariam sempre à procura de uma travesti diferente, mas me enganei. Os clientes voltam, inclusive há os que gostam de manter encontros regulares com uma mesma travesti, quem "enjoa" são elas. Não gostam que os clientes pensem que são suas "namoradas" ou lhes devem alguma satisfação. Ainda que a cidade esteja promissora financeiramente, o motivo das viagens ultrapassa as dimensões profissionais, "a gente vai pra conhecer também, como história de vida, aprendizado, sabe? Conhecer novos amigos, novas pessoas é tudo de bom, é bom demais".

Segundo Jackeline, o reencontro com essas novas pessoas pode ocorrer ou não. Muitos contatos são mantidos via *Facebook* e, na maioria das vezes, os convites para viajar são realizados por mensagens pela rede social. Nesta, é informada sobre qual cidade a amiga está e se ela está disposta a viajar: "aí você acaba revendo. No caso você vira assim, tipo uma família".

Ao narrar suas viagens e relações, Jackeline contribui para fortalecer minha percepção sobre as duas ordens de deslocamentos no contexto de travestis nos mercados do sexo: os geográficos e as relações. Com base nesta percepção, tenho argumentado que, diferente do que boa parte da literatura sobre trânsitos de travestis trabalhadoras sexuais afirma, a qual assevera que os deslocamentos obedecem a uma lógica de um projeto, penso os deslocamentos como uma relação que envolve "outros ares, outras coisas, outras pessoas", que possibilita conhecimento, aprendizado, história de vida e construção de famílias.

#### **"FICAR PARADA É UM ABSURDO"**

No começo de fevereiro de 2019 Britney, que acabara de chegar de Dourados/MS, fazia planos de viajar para Balneário Camboriú/SC após o carnaval (que foi em 05 de março nesse

ano). Contudo, na segunda quinzena desse mesmo mês foi convidada a integrar uma equipe coordenada pela Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul (ATMS) para realizar ações relacionadas a prevenção de IST/AIDS<sup>27</sup>. Retornei a Campo Grande/MS para conhecer a Associação.

A ATMS é uma ONG (Organização Não Governamental) fundada em 2001 pela travesti Cristiane Stefanny Vidal Venceslau com o objetivo de combater a violência contra travestis e transexuais no estado do Mato Grosso do Sul. Em 2002 a ATMS estabeleceu parceria com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em função do Projeto TULIPA de abrangência nacional, que visava identificar e capacitar novas lideranças para atuar em diversas frentes de proposição e garantia de direitos para a população travesti e transexual no Brasil.

Esse projeto conseguiu ser executado em 2004 quando a ANTRA realizou uma parceria com o governo federal via Programa Nacional de IST/AIDS e discutiram a criação de uma campanha nacional chamada “Travesti e Respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos” em 29 de janeiro de 2004. Essa data viria a ser decretada pela diretoria como o dia nacional da visibilidade Trans.

O desenvolvimento do projeto TULIPA terminou em 2007 e trouxe uma interiorização do movimento, estimulando e trazendo para a cena nova lideranças. No entanto, coube ao projeto “TRANSpondo Barreiras: Rede de Saúde, Cidadania e Prevenção das IST/HIV”, realizado entre 2008 e 2009, proposto pela Pact Brasil com o apoio do Departamento de IST/Aids e Hepatites Virais (antigo Programa Nacional de DST/AIDS) do Ministério da Saúde e pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), a tarefa de qualificar a atuação em rede de abrangência nacional e, em particular, as ações educativas em saúde e prevenção às IST/HIV/AIDS.

---

<sup>27</sup> A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

Cris Stefanny, como é conhecida, tem 40 anos, traços indígenas, se declara “morena” é natural de Jacaraú/PB. Mora em Campo Grande/MS desde 1992, “*comeu o pão que o diabo amassou*”, segundo ela, na capital sul mato-grossense atuando em diversos trabalhos, inclusive nos mercados do sexo (também realizando viagens). Em 1999 iniciou na militância pelos direitos de travestis e transexuais e atualmente é coordenadora municipal de Políticas Públicas LGBTQIA+ em Campo Grande/MS. Britney conheceu Cris em 2014 por meio de um amigo em comum quando Cris estava à frente da ATMS. A ONG desenvolvia o projeto “Viva melhor sabendo”, que visava realizar ações de conscientização sobre HIV/AIDS através de exames de fluido oral com jovens de 14 a 25 anos.

A ATMS propôs para Britney ser treinada pela ANTRA e Ministério da Saúde em Brasília para atuar no projeto como “educadora social” em 2015 e 2016. Britney concordou, recebeu o treinamento e por um tempo atuou junto a ATMS, afastando-se dos mercados do sexo. Contudo, após conflitos entre as participantes e cortes de verbas para o projeto, voltou para a *Rua* e aceitou um convite para viajar deixando o projeto.

Apesar desses conflitos, os contatos não foram totalmente rompidos. Em fevereiro de 2019, Cris Seteffany comunicou Britney que a ATMS desenvolveria um projeto de prevenção de IST/AIDS por meio de um edital da coordenadoria municipal de Políticas Públicas LGBTQIA+ em Campo Grande/MS e perguntou se ela não gostaria de participar. Esse projeto tinha como objetivo alcançar especificamente travestis e transexuais que atuam nos mercados do sexo e consistia em entrega de folhetos e preservativos na *Rua* à noite durante um ano, além de palestras e encontros. Britney foi chamada por já ter o treinamento e conhecer a cidade, esse trabalho não a impedia de continuar nos mercados do sexo, mas a impossibilitava de viajar por um ano e isso a incomodava. Segundo ela, era um absurdo a obrigatoriedade de manter-se somente em Campo Grande/MS durante o período do projeto. O trabalho iniciou na segunda

quinzena do mês de fevereiro, mas em maio Britney já demonstrava estar descontente e planejava viajar em breve. Em junho viajou para Americana/SP.

Conseguí conversar com Cris Stefanny apenas por aplicativo de mensagens de áudio no celular. Ela se desculpou por não poder me atender quando estava em Campo Grande/MS, sua agenda é *“lotadíssima”*. Ela me contou o histórico descrito acima da ATMS e lamentou que desde o começo de sua militância até hoje é muito difícil engajar as travestis nos movimentos sociais e coletivos, *“elas não têm consciência, sabe?”*.

Na região central acompanhei Britney em algumas distribuições de preservativos, *“tá com camisinha, bicha? Toma, pega umas aqui”*, minha interlocutora apenas distribuía, sem muitas explicações. *“Arrasou!”*, *“Obrigada! Tô só um com uma aqui”* respondiam. A recepção do material era amigável, mas não havia maiores digressões ou comentários sobre o assunto. Conversei com pelo menos duas travestis sobre a ATMS e não demonstraram muito interesse, apenas diziam que era *“uma coisa boa, né?”*, porém sem muito entusiasmo.

É importante destacar os deslocamentos de Britney nesse período. De Campo Grande/MS para Dourados/MS; planejamento de viajar para Balneário Camboriú/SC; cancelamento dessa viagem em função do convite da ATMS, deslocamentos na cidade para entrega de preservativos e viagem para Americana/SP. Antes ainda houve entrada e saída da ATMS sem aviso prévio e depois retorno para atuar em um projeto com a ONG. Cris Stefanny também realizou deslocamentos, desde sua saída da Paraíba, passando por várias cidades até chegar em Campo Grande/MS, depois um tempo viajando para outras cidades e retornando a Campo Grande/MS, quando atuava nos mercados do sexo até o início da ATMS e assumir um cargo executivo na prefeitura da capital sul mato-grossense.

Nesse outro período de pesquisa de campo no Mato Grosso do Sul conheci outras travestis que não estavam na cidade nos períodos anteriores. Em uma noite em que Britney não estava distribuindo preservativos, mas estava na *Rua para programas*, conheci Keith, 27 anos,



pele clara, traços indígenas, natural de Coxim, cidade situada ao norte do Mato Grosso do Sul, possui cerca de 33 mil habitantes e está a 242 km de Campo Grande.

Até os 21 anos, Keith morava com os pais e trabalhava em salão de beleza. Seu início nos mercados do sexo se deu aos 18, quando começou a atender alguns turistas em um lugar denominado por ela de “Rancho”. Nesse estabelecimento, conheceu uma “*mapoa* [mulher] *que era sapatão e me convidou pra ir pra boate. Daí um dia, assim na loucura, eu e uma amiga minha pegamos um ônibus e fomos pra boate em Chapadão do Sul*”. Chapadão do Sul é uma cidade também localizada no norte do Mato Grosso do Sul, mas a leste de Coxim. O município possui cerca de 24 mil habitantes, uma dessas habitantes era a “mapoa”, a quem Keith procurou quando chegou na cidade. Em Chapadão do Sul, trabalhou em boates e na *Rua*, onde se deu melhor, segundo ela<sup>28</sup>. Na *Rua* conheceu Mika, uma travesti mais velha que a ajudou iniciar sua “*transição*” e inserção nos mercados do sexo. Quando Keith conversa com Mika alterna o tratamento entre nome próprio e o substantivo “mãe”.

Após alguns meses, viajou 330 km até Campo Grande/MS e fez o caminho “*Chapadão/Campo Grande*” algumas vezes, depois viajou para um número considerável de cidades, Ponta Grossa/PR, Telêmaco Borba/PR, Paranavaí/PR, Curitiba/PR, Balneário Camboriú/SC, Caxias do Sul/RS, Cuiabá/MT, Rondonópolis/MT e São Paulo/SP. É importante ressaltar que as sequências das viagens não são necessariamente essas e que há sempre idas e vindas, repetições de cidades, inclusive Campo Grande/MS onde conversamos.

Em São Paulo/SP, Keith se envolveu com atividades ilícitas, “*fiz um favor pra um amigo uma vez, consegui um dinheiro. Fiz a segunda, na terceira fui presa*”. Esteve em privação de liberdade em um presídio em São Paulo por 3 anos sob acusação de tráfico de entorpecentes.

---

<sup>28</sup> Alguns estudos sobre prostituição de rua (Osborne, 2004; Emakunde, 2002; Askabide, 2006) já apontaram que esta atividade possui nos espaços públicos urbanos suas especificidades, pois implica um alto grau de mobilidade e rotatividade, configuração marcada por estigmatizações e violência. Outros estudos (Medeiros, 1999; Askabide, 2006, Rodrigues, 2015) mostraram que na rua as trabalhadoras sexuais se sentem mais livres para organizar seu próprio trabalho, administrando horários, controlando clientes, ponderando valores etc.

Ela não forneceu muitos detalhes a respeito de sua liberdade recente e necessidade de manter por um período endereço fixo, apenas que está *“esperando resolver os papéis depois da detenção pra poder voltar a viajar”*. Efusiva afirmou *“Todo mundo gosta de viajar! Quem não gosta? Viajar é muito bom, a gente conhece vários lugares, pessoas diferentes, fica conhecida também”*.

Opinião semelhante tem Monique, branca, 25 anos, natural de Campo Grande, *“A gente não tem patrão, não tem nada, tem que viajar, conhecer, já não tem muito paradeiro mesmo. Então daí a gente viaja. É bom, na verdade todo mundo queria viajar, né? É gostoso”*. Monique é amiga de Keith, nos conhecemos em uma noite que Britney não foi para *Rua* em função do frio. Clima que nos deixava encolhidos bebendo conhaque na esquina das Ruas Treze de Maio e Quinze de Novembro na região central madrugada adentro, mas não impedia clientes de pararem seus carros na *Rua* em busca de serviços sexuais.

Monique já viajou para muitos lugares, desde cidades do interior, até as principais capitais do Brasil, além de Itália e França. *“Eu comecei nova. Eu viajei muito, não parava, não. Viajando 6 meses aqui, 6 meses ali, 3 meses lá”*. Segundo ela, na Europa era mais fácil ainda viajar porque era possível ir de trem de uma cidade para outra e, além disso, a paisagem durante a viagem é bonita e era possível se alimentar gastando pouco dinheiro. No Brasil, após viagens pelo interior (do Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo), decidiu conhecer outros lugares, *“Hoje eu vou pra onde eu acho que deve ser bonito e pra onde eu acho que tem homem bonito. Eu fui pra Minas porque falaram que a comida era babado, daí eu fui. Vivia saindo pra comer em Juiz de Fora”*. Além do “turismo gastronômico” também afirmou que conheceu todas as praias de Salvador e Fortaleza, onde os lugares e os homens são *“belíssimos”*. Voltou para o Brasil *“porque eu sou daqui, minha vida é aqui, eu sou brasileira, a gente tem que reinar no país da gente. Mas eu vou de novo, brevemente. Mas eu gosto daqui, vou e vou voltar de novo.*

*Não de Campo Grande que eu não gosto muito daqui. Tô aqui porque minha família é daqui, né? Mas essa cidade não merece a gente, não, Deus o livre”.*

O trabalho de campo ajudou a evidenciar os deslocamentos de travestis nos mercados do sexo. Em São Carlos/SP, Campo Grande/MS e Franca/SP, soube das experiências de diversas travestis, explicitarei aqui uma narrativa sobre as vivências de Raabe, Charlotte, Alessandra, Britney, Virgínia, Jackeline, Carol, Cris, Keith e Monique. Esses dez relatos corroboram para pensar com cuidado a relação entre travestis no contexto dos mercados do sexo e deslocamentos. Mais que isso, apontam a necessidade de considerar as relações que significam esses deslocamentos e como são construídos.

#### ***DESLOCAMENTO COMO RELAÇÃO***

Em diferentes momentos, a antropologia enquanto disciplina se debruçou sobre o tema dos deslocamentos. No início do Século XX, mesmo em um período em que, majoritariamente, se procurava sistemas, funções e estruturas, Evans Pritchard (1978), ao observar os nuer, já sinalizava a importância de estar atento ao movimento, ao dinamismo e aos deslocamentos das pessoas. Em outro contexto e já nos anos 1970, Hélène Clastres (1978) chamou atenção para a constante mobilidade de Tupis e Guaranis em busca da Terra sem mal. Mais do que a procura por um lugar ou terra prometida, tal mobilidade era um modo de ser e de se fazer no mundo.

O termo “deslocamento” não corresponde exatamente ao “movimento” observado em diferentes momentos na antropologia. Deslocamento foi tema de toda uma produção pós-colonialista, via estudos renovados da Escola de Manchester, analisando as novas lógicas urbanas decorrentes do processo de deslocamento das populações – os “indesejáveis”, pessoas “sem Estado”, “sem direitos” – devido a guerras, exílio e outras violências, principalmente na Ásia e na África (por exemplo, os campos em Dadaab, ao nordeste do Quênia, com refugiados

somalis, sudaneses e etíopes). Isso fica explícito na introdução que Bela Feldman-Bianco fez para a coletânea que ela própria organizou

[...] os demais textos incluídos nesta antologia refletem orientações metodológicas desenvolvidas entre as décadas de 1950 e 1980. Em contraposição aos enfoques dominantes, formulados a partir de sociedades consideradas “simples” e de “pequena escala”, as novas perspectivas emergentes neste período começaram a ter como base as assim chamadas “sociedades complexas”, ou, mais apropriadamente, “sociedades contemporâneas”. Esta ampliação do escopo da Antropologia foi propiciada por pesquisas de campo realizadas em contextos de transformações sociais aceleradas, incluindo desde processos crescentes de migrações do campo para a cidade até a emergência de novas nações na era pós-colonial (Feldman-Bianco. 1987: 12).

Esses exemplos utilizados estão aqui em perspectiva para iluminar o que poderia ser classificado como “deslocamento-movimento” realizado pelas travestis no contexto estudado. Não é meu propósito fazer uma genealogia pela via dos trabalhos antropológicos de como o termo deslocamento foi utilizado, mas apenas assinalar algumas de suas apropriações e apontar como elas chegam nos estudos sobre travestis.

Recentemente a discussão sobre o deslocamento contribuiu para pensar em um certo viés naturalizador e orgânico do termo cultura, quando pensada como sendo algo localizado (Clifford, 2000). Para James Clifford (2000), na etnografia tradicional, o etnógrafo localizou o que é, na verdade, um nexos regional/nacional/global, relegando às margens as relações externas e os deslocamentos da “cultura”. Portanto, agora é preciso olhar tanto para as experiências cosmopolitas híbridas como para as nativas “enraizadas”. Por isso é necessário analisar comparativamente as dinâmicas entre estar e se deslocar.

Participando desse debate, Gupta e Ferguson (2000), sugerem uma nova teorização do espaço, propondo uma análise mais acurada sobre a relação entre Espaço/Lugar e Localização, deslocamento, comunidade e identidade. Sobretudo, considerando que pessoas que estão em movimento não teriam “menos identidade” ou “menos cultura”. Muito pelo contrário, essas

peças reterritorializam os espaços por onde transitam, produzindo diferenças culturais que podem justamente ser pensadas atreladas à experiência dos constantes deslocamentos. Contudo, apesar de importantes e interessantes, essas abordagens ainda tomam o deslocamento como função ou consequência das mudanças ocorridas no mundo no fim do século XX e início do XXI (Hannerz, 1994; Glick Schiller, 2015).

Ulf Hannerz (1994) tenta pensar em algumas respostas para as polaridades do “localismo” (culturas territorialmente ancoradas ou culturas “limitadas” que envolvem relações pessoais, entre povos que não se movimentam em grande escala) e do “cosmopolitismo” (redes culturais transnacionais que se estendem num espaço onde existe uma boa dose de superposição e de fusão que estimulam uma orientação para se comprometer com o outro). Ele argumenta que algumas pessoas que viajam por toda parte, tais como homem de negócios e os expatriados, com frequência são pessoas locais que não desejam sair de sua terra. Por outro lado, existem os cosmopolitas que “precisa envolver relacionamentos com uma pluralidade de culturas consideradas entidades distintas” (Hannerz, 1994: 253). Segundo Hannerz, “o cosmopolitismo mais autêntico é, acima de tudo, uma orientação, uma vontade de se envolver com o Outro” (Hannerz, 1994: 253).

Segundo Glick Schiller (2015), essa perspectiva de Hannerz constrói o “outro” para pensar a si mesmo. Mantendo um binarismo entre “nós e eles” ou “eu e o outro”. Esta teorização tem consequências imediatas para paradigmas de pesquisa social e políticas contemporâneas. A categorização de pessoas de origem migrante como perpétuos estranhos não deixa espaço conceitual para notar a importância dos laços de sociabilidade que conectam migrantes e não-migrantes em diferentes cidades. A autora sugere a definição e implantação de um conceito de cosmopolitismo diaspórico como uma contribuição para promover uma perspectiva conceitual e analítica diferente. Segundo ela, um cosmopolitismo diaspórico justapõe aparentemente oposições sensíveis entre algo reservado e abertura. A modificação no termo implica pensar as

oposições entre enraizamento, gueto e diáspora. Essa aparente contradição serve também para pensar qual cosmopolitismo é vivido, qual cosmopolitismo está sendo notado e quem, de fato, está aberto para o mundo.

A produção recente sobre travestis aborda questões referentes aos deslocamentos e suas implicações. Kulick (2008) menciona de passagem a existência de um fluxo migratório das travestis desde os anos de 1970, tendo a França como destino preferencial até 1982. Já para autores como Silva (1993), a viagem para Europa significa algo mais que uma experiência cosmopolita ao atravessar fronteiras políticas e simbólicas. E seguindo uma visão sociológica calcada na lógica da distinção, o autor enfatiza que estes países oferecem dólares, língua estrangeira, refinamento e *delicatessen*.

Teixeira (2009) também aponta que o deslocamento entre Brasil e Europa é tema recorrente, que a vivência dos mercados do sexo e o sonho de trabalhar na Europa integram o universo das travestis, compondo um mundo de possibilidades de ascensão social. Destaca ainda que a migração travesti não está vinculada a uma situação de pobreza, mas à expectativa de uma vida melhor.

Esse foco nas motivações dos deslocamentos para a Europa se assemelha ao trabalho de Julieta Vartabedian (2012; 2014). Segundo a autora, as travestis brasileiras que viajaram e estão viajando para a Europa possuem um projeto migratório, denominado por ela de “migração trans”. Vartabedian alega que elas não apenas migram buscando um maior bem-estar social, simbólico e econômico, mas também suas mobilizações geográficas afetam a maneira como transformam e embelezam seus corpos.

Larissa Pelúcio (2009) afirma que esse fluxo migratório das travestis se acentua nos anos de 1980 e 1990 e consagra a Itália como destino. Destaca o que Margareth Rago (1989) deixara evidente: o vínculo entre imigração e trabalho sexual. A autora chama a atenção para o

deslocamento como constitutivo da travestilidade e necessário na produção do mercado do sexo.

Como bem apontado por Piscitelli (2009), nas pesquisas sobre mercados do sexo, percebe-se que as pessoas que nele trabalham raras vezes são contempladas nos estudos acadêmicos sobre migração, mas quando o são, aparecem na chave da vitimização. Aliás, estudos sobre migração travesti são raros. A própria expressão “turismo sexual” e estudos correlatos ignoram diversas modalidades de viagens em busca de sexo homo (Luongo, 2000). No que diz respeito ao tráfico de pessoas há algumas semelhanças, sobretudo após 2005, pois anterior a isso na lógica jurídica sexo correspondia a gênero. Deste modo as travestis eram consideradas homens e, portanto, fora do alcance jurídico da esfera desse tipo de tráfico (Teixeira, 2008).

O que tenho argumentado, com base no trabalho de campo, é que, para compreender as várias ordens de deslocamentos de travestis, é necessário compreender esse(s) movimento(s) não como determinado(s) por imperativos sociológicos que levariam necessariamente aos deslocamentos de um lugar para outro, em busca de algo, muito menos como algo excepcional, tomando a sedentariedade como projeto da pessoa, que legisla sobre sua vida e expectativas, amparado num conjunto de preceitos ou normas reconhecidos como valores morais. Dessa forma, o deslocamento não dialoga com a ideia de função no sentido mecânico comumente atribuído à antropologia de Radcliffe Brown (1970), na qual há uma correspondência “orgânica” entre instituições sociais e, devido à necessidade de organização social, unidades preexistentes viabilizam as condições necessárias para a existência de um todo social e o modo como os indivíduos aí se deslocam.

Um lugar comum ao pensar migração é o pressuposto do movimento como evento crítico, exceção, “acidental”, secundário, ou derivado em relação à estabilidade. Mas o que é possível notar no contexto de travestis no mercado do sexo é que o “entre” também é habitável

(Guedes, 2013: 32). Algo análogo ao colocado por Glória Anzaldúa (1987) que propõe uma nova identidade para o sujeito feminino marginalizado que nasceu e viveu em espaços móveis, polifônicos e híbridos na fronteira México-Estados Unidos. As travestis no contexto apresentado assim como a “nova mestiça”, classificação dada por Anzaldúa para essa identidade fronteira contra-hegemônica, comprovam que é possível viver onde comumente é chamado de “entre lugar”, “não lugar”, “lugar de passagem”.

Argumento semelhante ao apresentado por Silvana Nascimento (2014a; 2014b) ao se debruçar sobre as trajetórias e sociabilidades de travestis, transexuais e transformistas no estado da Paraíba, evidenciando a ocorrência de circuitos que criam redes de relações que perpassam municípios e cidades de diferentes escalas. A autora denomina de “lugar intersticial” esses deslocamentos entre cidades e lança luz sobre o movimento constante de pessoas e coisas que propicia a existência de um modo de vida durante os deslocamentos.

Ampliando o argumento é plausível dizer que as travestis demonstram que “*não ter parada*” é o modo como os seres vivos habitam a terra (Ingold, 2015), assim como Claudio Aporta demonstrou com sua etnografia entre os Inuit de Igloodik, território Nunavut – Canadá,

Travelling for the Inuit is not a transitional activity of going from point A to point B. Life happens while travelling. Other travellers are met, children are born, and hunting, fishing and other subsistence activities are performed. Travelling, therefore, was not a transitional activity between one place and another, but a way of being (Aporta, 2004: 13)

Trazendo a discussão para o contexto observado, nota-se que o deslocamento como relação é uma ideia que dialoga com pelo menos duas produções antropológicas brasileiras recentes. A saber, a de “mobilidade como valor” apresentada por Guedes (2013), onde o autor apresenta a mobilidade como provedora de um código que informa a organização do espaço social em várias esferas, pensando a migração não enquanto conceito, mas diluída em um



conjunto de fenômenos. E também a de Machado (2014; 2016) que pensa o movimento como produtor de diferenças infinitesimais, como catalizador de transformações nas ordens de parentesco e como um potencializador de novos emaranhados, a partir de novas linhas que são lançadas no tempo e no espaço.

Assim como em um contexto o movimento pode implicar transformações nas estruturas de parentesco e ser efeito das determinações do mesmo (Machado, 2014), neste contexto travesti é possível pensar o deslocamento como produtor de socialidades. Nesse contexto, o deslocamento expressa a maneira pela qual pessoas estão em tornar-se através das relações (Strathern, 2012) e o próprio deslocamento geográfico e espacial é produto e produtor dessas relações.

Marilyn Strathern ao falar sobre a circulação dos itens de riqueza em Sabarl, chama atenção para o fato que machados encabados e conchas consideradas valiosas não representam seres humanos, mas relações entre pessoas. E que os objetos não são criados em contraposição a pessoas, mas com base nas pessoas. Nessa linha de raciocínio, afirmo que os deslocamentos não são externos ou expressam as atitudes das travestis, por essa razão reitero que não são uma função extrínseca, apartada da pessoa, mas uma relação que também constitui a travesti.

Os deslocamentos são as próprias relações e, portanto, é recomendado observar “as capacidades das relações que constituem o foco das operações” (Strathern, 2006: 263), pois essas capacidades revelam as relações sociais que as formam e as pessoas que elas produzem. A primeira propriedade da relação é mostrar que “cada uma de suas partes contém informações sobre o todo e há informações sobre o todo envoltas em cada uma de suas partes” (Strathern, 2014:278). E a segunda propriedade é expor que relação “(...) precisa que outros elementos a completem, visto que sempre há de se perguntar entre quais elementos as relações se estabelecem” (Strathern, 2014: 279), dessa forma se estabelece relações entre deslocamentos, pessoas, lugares e cidades, ao mesmo tempo toma o deslocamento como relação.

Destacado os deslocamentos no contexto travesti como relação, contrastando com a maneira de vê-lo como função da homeostase social ou derivado de injunções externas (históricas, econômicas), apresentarei no próximo capítulo os mecanismos de construção dessas relações. O que é necessário para que exista essa relação? Como ela é construída, desconstruída e reconstruída? Como as travestis classificam essa relação? O que elas implicam e quais diálogos elas fazem com outras criações sobre relações?

### 3. “FAZER A LINHA” E “SAIR DOIDA”: OS DESLOCAMENTOS COMO SENTIDO

Para que o deslocamento geográfico entre cidades ocorra, é necessário que haja algum tipo de linha construída entre as travestis. Por meio de troca de mensagens por redes sociais ou aplicativos em telefones celulares, surgem convites para se deslocarem para outras cidades. “Onde cê tá? Cê conhece aqui? Bicha, essa cidade é bateção, milhões mesmo. Vem pra cá”: ao receber a mensagem, Keith demonstra interesse e informa sua localização, pede para a travesti que fez o convite “fazer a linha” com a cafetina local, dizendo que, com a linha feita, em breve viajará para lá.

Essas expressões destacadas, e outras a seguir, é uma parte do repertório que expressa o modo como elas concebem a noção de deslocamento como provedor de *sentido*, de maneira a continuar a discussão proposta no capítulo anterior, na qual o deslocamento foi tratado como cerne da noção de relação. “Sentido” aqui é considerado mais do que um efeito decalcado dos signos, ou seja, não sendo somente codificações ou funções abstratas utilizadas para racionalizações. Aqui, dialoga-se com o proposto por Roy Wagner (2017), que pensa o sentido não apenas como resultado da subordinação do sentido aos signos, mas como uma possibilidade de inventar a cultura, sendo capaz de modelar o uso das convenções culturais para finalidades próprias.

*Bateção* é uma referência a *bater porta*, ou seja, fechar porta. Isso possui relação com muitos programas e muitos clientes, uma vez que a maioria dos clientes param os carros na *Rua* e, ao adentrar no veículo, é necessário que a travesti realize o ato de *bater porta*. Muitas portas batidas correspondem a muitos programas e, conseqüentemente mais dinheiro. *Milhões* pode manter relação novamente com muito dinheiro, mas, além disso, alude ao movimento intenso, animação, muitas atividades na cidade. Assim, apesar de inicialmente as metáforas *bateção* e *milhões* possuírem ligação com o universo do trabalho e de ganhos financeiros, com o tempo

essas metáforas assumem certa autonomia para em outros contextos denotar movimento, ação, intensidade, fluxo, agitação etc.

Da mesma forma, a expressão *fazer a linha*, assim como as outras, não é uma aplicação do significado, mas uma extensão criativa dele; não é algo meramente simbólico ou uma metáfora tola, mas expressão específica que sintetiza uma relação que produz um evento muito considerável. Um dos aspectos do *fazer a linha* pode se referir a uma espécie de indicação, ou fornecer e atestar referências e confiabilidade da travesti convidada para a cafetina que administra a casa que a receberá. Isso denota uma relação que é criada durante os deslocamentos e como as relações também proporcionam deslocamentos.

Há ainda outra sentença que possui vínculo com o *fazer a linha*, que é o *sair doida*, exemplificado nesse fragmento de diálogo entre Keith e Britney: “*Te contei do enredo [problema, caso, evento] que tive com aquela bicha? Menina, foi um retetê [confusão, desentendimento, rusga] com aquele viado que sai doida de lá*”. [...] “*Não aguento mais essa cidade, olha a paradeira [pouco movimento], daqui a pouco saio doida daqui*”.

Laysla, uma travesti de Curitiba/PR, branca, alta, cabelos castanhos escuros, 25 anos, estava em Campo Grande/MS pela primeira vez quando a conheci. Segundo ela, não conhecia ninguém na capital sul-mato-grossense, mas conhecia Renata, que conhecia a Gaby. Renata não estava em Campo Grande/MS, já havia *saiu doida* de lá, mas *fez a linha* para que Gaby recebesse Laysla em sua casa. O *sair doida* possui relação com *ir embora*, *vazar*, *dar o fora*, *se mandar*, mas remete também à conotação de sair com ou sem um destino prévio, com ou sem planejamento ou roteiro estruturado. E ainda mantém relação com a questão da velocidade, quer dizer, *sair doida* pode ser imprimir uma velocidade (nova) ao movimento; onde alguma coisa ou evento provoca uma aceleração, uma tomada de atitude.

Entender *Fazer a linha* e *sair doida* como metáforas de movimento ajudam a perceber o deslocamento como relação e como sentido. Mais que meros significantes, imagens acústicas

do signo ou impressões psíquicas do som, essas metáforas possuem poder organizador e constitutivo da vida de travestis. *Fazer a linha* não é apenas uma abstração ou constructo imaginário, mas um fenômeno em relação com as convenções da cultura (Wagner, 2017). *Fazer a linha* e *sair doida* são uma exposição interpretativa dos sentidos, uma invenção autônoma das travestis, uma metáfora que é capaz de modelar o uso das convenções culturais para seus próprios fins. Nas palavras de Roy Wagner,

A invenção é a metáfora. A metáfora é o que acontece quando inventamos com a linguagem. De certa forma, é como se fosse uma composição musical; é como se fossem muitas formas de arte. O que ocorre no âmago da metáfora é uma invenção que na verdade trai as palavras que usamos para evocar a metáfora. Dentro da metáfora, existe uma alteração de perspectiva que apenas as palavras que são empregadas camuflam. Nenhuma metáfora é o que ela pensa que você é, mas ela é o que toma a sua palavra como acaso. Ela usa as suas palavras como pequenos acidentes por meio dos quais escoo em forma de ação (Wagner, 2012: 964).

Portanto, não se trata de uma expressão local que apenas indica ou simboliza algo, é um efeito organizador holográfico que revela relações e movimentos. Minha intenção é que não fique dúvidas que o *fazer a linha* e o *sair doida* se expandem para além do nível da potência simbólica e encerram em si sua própria condição. Por meio do conhecimento produzido pelas travestis, aqui expresso em forma de texto, pretendo explicitar que o *fazer a linha* e o *sair doida* não são o derradeiro subjuntivo, uma parábola, ou um eterno “como se”, mas o que “é”, que transforma e possibilita relações e deslocamentos de travestis nos mercados do sexo.

A autonomia do *fazer a linha* e do *sair doida* comporta diálogos, aproximações e distanciamentos de outros conhecimentos, como o conceito de rede desenvolvido por Barnes (1987); as reflexões sobre linhas, o fazer a vida e a malha de Tim Ingold (2007; 2012; 2015); as elucubrações desenvolvidas por Deleuze e Guatarri (2012) sobre rizomas e linhas de devir; considerações sobre a categoria pessoa (Mauss, 2003; Goldman, 1996; Strathern, 2006;

Wagner, 2013) e os estudos sobre parentesco (Strathern, 2015; Schneider, 1984; Carsten, 1995; 2003; 2013). Esses diálogos serão demonstrados a seguir alinhavando o material etnográfico, reiterando alguns relatos descritos no capítulo anterior e acrescentando outros, com as produções dos autores citados.

### **LINHAS QUE NÃO FORMAM REDES**

Maria Madalena afirmou que as viagens são feitas por meios de contatos estabelecidos muito rapidamente. “*Na base da amizade?*”, perguntei. “*Elas não fazem amizade. Travesti não é amiga de ninguém. Só tem uma coisa assim, de conversar com uma, conversar com outra pra ter o contato pra ir para outra cidade, uma faz a linha pra outra e vai. É assim, só isso*”, respondeu. No alto de seus 64 anos afirma com segurança que “*essas meninas novinhas não pensam no futuro, só querem saber de viajar, viajar, mas um dia todo mundo fica velho, né?*”. Segundo ela, eu deveria fazer um trabalho de *conscientização* com elas, para que se unissem mais, pois são muito *desunidas*. Não há uma rede constituída ou alguma pessoa de referência para facilitar esses deslocamentos, em cada lugar e em cada época isso se altera. A *linha* é realizada por meio de contatos pessoais em situações contingenciais que visam a um interesse diverso e particular, o que dificulta uma intenção de identificar recorrências, desenhar uma rede e ou realizar comparações.

É extremamente difícil, para não dizer problemático, aproximar o *fazer a linha* e o *sair doida* do conceito de rede, muito mobilizado em estudos de migração e movimentos. A princípio, a rede seria um conjunto de relações entre um conjunto de atores, pressupondo alguma conectividade estável. Para Barnes (1987), a noção de redes sociais busca apoiar “a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (Barnes, 1987: 163). Ou seja, entendendo que há dinamismo nas relações, o autor tentou refinar o conceito argumentando que a ideia que permeia a metáfora de

redes é a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si.

Contudo, Barnes (1987) chama atenção para o estudo de uma perspectiva da política em que se possa encontrar os processos por meio dos quais indivíduos e grupos tentam mobilizar apoio para seus objetivos e influenciar atitudes e ações dos seus seguidores. Segundo ele, seria o estudo da política no nível não especializado, bem como nos processos políticos em sua manifestação do tipo transinstitucional que lhe interessa. Por isso se concentra no conceito de rede social.

O autor procura ampliar as explicações acerca do conceito de rede já utilizado por ele em um trabalho anterior sobre uma comunidade da Noruega, e que teria padecido de uma falta de definição conceitual geradora de interpretações confusas por parte de alguns leitores/pesquisadores. Assim, ele tenta indicar que a ideia de rede utilizada em seu trabalho está, antes de tudo, pensada como socialmente composta por indivíduos que irão se articular a partir de interações, e não por composições egocêntricas, como irão propor outros. A rede com a qual trabalharia seria, portanto, a rede social total.

O que Barnes se propôs a fazer é transpor o conceito funcional de rede, como utilizado primeiramente por Radcliffe-Brown, para usá-lo analiticamente, como instrumento metodológico de compreensão de relações sociais entre indivíduos. Assim, Radcliffe-Brown teria pensado o conceito de rede com um aspecto figurativo para entender a estrutura social. Para Barnes, rede estaria, dessa forma, ligada a situações de permanência, e não a articulações temporárias.

Assim, segundo o autor,

O conceito de rede social é apropriado em situações em que grupos persistentes, como partidos e facções, não estão formados, bem como em situações em que indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança,

ajuda, informação e orientação. Deste modo, o emprego da rede social nos ajuda a identificar quem são os líderes e quem são os seguidores (Barnes, 1987: 175).

É interessante notar como Barnes circunscreve bem o uso do termo e deixa claro sua proposta. Ele, inclusive, enumera dois tipos de rede para melhor operacionalizar o uso do termo: “redes sociais totais” e “redes sociais parciais”. Segundo ele, a primeira é uma abstração de primeiro grau da realidade, e contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade a qual corresponde. Quanto às redes parciais, seriam “qualquer extração de uma rede total, com base em algum critério que seja aplicável à rede total” (Barnes, 1987:166).

Dessa forma, os deslocamentos de travestis destoam muito do significado de rede social de Barnes, pois elas não configuram essa situação de permanência descrita por este autor, tampouco um grupo persistente com algum tipo de coesão em que fica evidente uma liderança (ainda que rotativa) que orienta o grupo.

Quando Maria Madalena observa que “*travesti não é amiga de ninguém*”, me parece que opera na chave interpretativa de amizade pautada pela sociabilidade, afinidade, confiança e por compartilhar questões pessoais e íntimas. Semelhante ao colocado por Rezende (2002) quando pensa os estágios da relação de amizade. A sociabilidade seria para os não tão próximos e a confiança e intimidade para as amizades fortes, onde há afinidade, ou seja, onde há uma valoração da semelhança como uma operação relacional (Rezende, 2002).

Isso possibilitaria, inclusive, a criação de redes barnesianas, pois essa interpretação aponta para uma ideia de permanência e criação de alianças. Contudo, as travestis também não operam dentro desse código de amizade como relação permanente. A produção de amizade como troca de experiências pessoais e produção de lugares existenciais compartilhados é diferente entre as travestis. O que elas compartilham é o movimento. Por isso “*Só tem uma*



*coisa assim, de conversar com uma, conversar com outra pra ter o contato pra ir para outra cidade, uma faz a linha pra outra e vai”.*

Charlotte narra sua iniciação nos mercados do sexo por meio de linhas construídas com amigas. De acordo com Charlotte, algumas de suas amigas já realizavam programas em bares e boates frequentados majoritariamente pelo público LGBTQIA+, “*Bares e boates GLS*”, como ela categoriza. Esses ambientes se localizavam nas cidades vizinhas a São Carlos/SP, como Araraquara/SP, Rio Claro/SP e Ribeirão Preto/SP, “*Ia com amigas pra me divertir, quando vi já estava levando a sério [...]. Comecei de finais de semana, foi tudo na brincadeira, quando vi já estava levando como profissão, estava na esquina me prostituindo, já*”, contou Charlotte. Como algumas amigas já faziam programa, tinham contatos e clientes, ao chegarem nos lugares, faziam a linha para Charlotte, diziam que a amiga estava no “*meio*” também e assim conseguiu se inserir nos mercados do sexo e se deslocar por lugares e cidades. O “*meio*” aqui aparece como outra invenção das travestis que remete a fazer parte de uma “*área*”, um domínio, um campo, mas também se refere a não estar em lugar algum, ou constituir exatamente o meio, o entre, o interstício; ou o próprio deslocamento.

De acordo com Raquel, a dinâmica das viagens se dá por intermédio de contatos rápidos que informam as condições da cidade e possibilidades de rendimentos financeiros de cada localidade. Por exemplo, se Raquel informa Bruna que São Carlos/SP é boa e é possível ganhar um bom dinheiro trabalhando nos mercados do sexo na cidade, isso desperta interesse em Bruna, que está em outra localidade, e se desloca até São Carlos/SP para encontrar Raquel e trabalhar. Em São Carlos/SP, Bruna pode conhecer outras pessoas que receberam informações de outros contatos e outras cidades e partem para lá. Estando nessas outras cidades, elas entram em contato com Bruna (ou vice-versa) e a chamam para ir para outro lugar, e assim segue.

Esses trânsitos entre lugares e cidades não seguem um padrão, tampouco são organizados com base em uma referência reconhecida por todas do “*meio*”, mas com base na

*linha* feita por uma “amiga”. “É sempre assim, na verdade antigamente tinha aquelas bicha que era andarilha mesmo, elas iam pra uma cidade, sabiam que uma cidade tava ganhando dinheiro, mas elas não conheciam ninguém, elas iam com a cara e a coragem, ou senão elas descobriam através de face[book], ou alguma coisa quem era a cafetina de lá, entrava em contato e saía doida. Hoje em dia não, hoje é assim, você só vai, tipo, eu tenho uma casa, você só vai vir pra minha casa se eu souber quem é ou se tiver já passado pela minha casa uma menina que eu tenha gostado e ela indique você”, explicou Britney.

Esse relato pode ocasionalmente sugerir um conflito entre o *fazer a linha* e o *sair doida* em uma leitura estrita que interpretaria que apenas se *sai doida* quando não há linhas construídas, porém, essa aparente contradição é pouco crível, uma vez que há outras possibilidades além da sugestão de um caminhar diletante e também por não se tratar aqui de elaborar uma tradução do que é *sair doida*, restringindo a um exercício semântico rigoroso. Se houver a insistência em buscar pares de oposição, eventualmente poderia se pensar como antagônicas as metáforas “*fazer a linha*” e “*ir com a cara e com a coragem*”, uma vez que essa expressão se vincula com o deslocar-se autônomo e sem construção de linhas. O *fazer a linha* e o *sair doida* dialogam, são metáforas complementares e contribuem para demonstrar a dinâmica dos movimentos.

O *fazer a linha* é uma ação, um ato de criação que promove os deslocamentos. Denota relações múltiplas e contingenciais, não são permanentes porque são destituídas da noção de expectativa, que pressupõe a noção de amizade, por exemplo. Essa ação não cria um espaço fixo e estável de convivência, o qual seria um pressuposto para a sociabilidade, uma vez que sociabilidade pode ser entendida como contexto etnográfico de produção de relações de alteridade e um conjunto de práticas cotidianas.

Dessa forma, *fazer a linha* e *sair doida* podem ser entendidas como uma espécie de obstáculo à amizade e sociabilidade. Não é uma negação consciente ou uma oposição declarada,

mas certa noção de amizade e sociabilidade podem oferecer boas imagens contrastivas aqui para pensar essas linhas na medida que ao marcar uma diferença significativa na relação entre termos ressalta-se o que é apresentado pelas travestis.

A princípio, tentei buscar uma lógica nos deslocamentos, se havia uma construção de redes, referências, trajetos, circuitos (Magnani, 2012), mas só o que pude observar e obter como afirmação é que as *linhas* que ajudam nos deslocamentos são construídas e não necessariamente se repetem. “[Só] *indica pra quem é amiga, né? E se ela conhece um lugar lá em São Paulo, ela indica pra amiga. Ela me chama, ‘oh Britney, é bem pra você, não sei o que lá... faço a linha pra você, vem pra cá’. Agora se for pra outra pessoa que não conhece, aí não*”. Contudo, o fato de conhecer alguém não é exatamente sinônimo de segurança em relação às expectativas que as animam.

A fala de Virgínia, já exposta no capítulo anterior, vai ao encontro do que disse Britney quando perguntou “*Britney, você conhece alguém em Rio Preto? São José do Rio Preto?*”. Após resposta negativa, continuou “*Eu queria ir lá, mas não conheço ninguém lá. Eu conhecia a Luciana Close que foi pra Itália com a Rafa. Ela falou pra mim que lá era bem, mas quero ir com alguém que eu conheço pra saber direito*”.

Como já exposto, não há uma rede (estável e homogênea) anterior que necessariamente orienta ou pavimenta os deslocamentos. E esses não são vetoriais – não seguem sempre a mesma direção, mesmos lugares e cidades; não necessariamente permitem uma retroatividade – não criam topografias ou superfícies que possam ser repetidas pelas experiências; e tampouco os deslocamentos afirmam hierarquias verticais postas e reconhecidas, criando pessoas que ocupem lugares de referência para outras travestis realizarem seus deslocamentos. Assim como cheguei a Campo Grande/MS em função de uma *linha* criada após um encontro não planejado, outros movimentos são realizados dessa forma.

Um dos fins de semana em Campo Grande/MS de intenso fluxo de informações, mudanças de comportamentos, planos, relações e compromissos, os quais me levaram a conhecer a “Corrida das *Drags*”, é apenas um exemplo que ajuda a mostrar que travestis *não têm parada*. Além disso, demonstra *linhas* traçadas pela cidade e uma *linha* construída por Britney entre mim e Andrômeda. Se não houvesse uma *linha* construída com Britney, eu sequer saberia da existência da “Corrida das *Drags*”, tampouco seria bem recebido por Andrômeda. Ademais, por não existir outras *linhas* entre Andrômeda, eu e as *drags* participantes do evento, foi-me negada a função de jurado das *performances* de Pam Vênus e Rafa Spears.

O tempo que levou para eu conhecer os espaços ocupados por travestis na cidade de Franca/SP, em relação ao período que estive em Campo Grande/MS pela primeira vez, foi muito mais dispendioso. Raabe era a única travesti que eu conhecia natural de Franca/SP, mas estava na Europa. Britney disse que *faria a linha* com Jackeline e Kelly para que eu pudesse ir até a cidade do interior paulista, mas constatei que não o fez. Quando finalmente consegui identificar os locais (com a ajuda de um amigo) e encontrar Jackeline e Kelly, possuir alguma *linha* com Raabe e Britney não tornaram as relações fáceis, pelo contrário. “*Ninguém gosta dela [Raabe] aqui. Tá na Itália, né? Saiu daqui brigada com todo mundo*”, afirmou Jackeline. Quanto a Britney, “*Ela é amiga da Raabe, né? Não tenho nada contra ela, nem conheço, na verdade*”. Talvez por isso Maria Madalena tenha feito sua observação, dizendo “*travesti não é amiga de ninguém*”. As relações entre travestis não possuem a perenidade de laços que convencionalmente se aciona quando o assunto é amizade. Isso ajuda a perceber que, quando *linhas* não são construídas e alimentadas, os deslocamentos são dificultados. Ou seja, é necessário que haja algum tipo de *linha* que possibilite a proliferação de *linhas*.

Carol, apesar de não demonstrar apreço pela experiência de viagens para outras cidades, expressou deslocamentos e *linhas* quando narrou a saída da fábrica de sapatos e foi para a *Rua*, fez o curso de cabeleireira e abriu um salão de beleza, ingressou no curso técnico em farmácia,

abandonou e iniciou outro de cuidadora de idosos. Tudo isso conjugando casamento e trabalho nos mercados do sexo. Seus deslocamentos em Franca/SP também acontecem por meio e ao longo de *linhas* que são construídas na *Rua* e em outros lugares.

Como já exposto, ao contrário de Carol, Jackeline gosta de viajar para outras cidades. Segundo ela, na *Rua* construiu *linhas* que lhe possibilitaram ir para Ribeirão Preto/SP, São Carlos/SP, Piracicaba/SP, Campinas/SP, São Paulo/SP, Uberaba/MG e Uberlândia/MG. De acordo com Jackeline, as estadias nas cidades não são pensadas para se prolongarem, pelo contrário, “*virar carne moída*” é algo ruim. Contudo, por motivos conjunturais, pode haver permanência por períodos longos (3 meses, mais ou menos) em uma cidade. Camila, uma travesti paulistana de 35 anos, respondeu “*Como não gostei? Fui aí pra ficar 2 semanas e acabei ficando 3 meses!*”, quando perguntei sobre ter ido embora de São Carlos/SP, se não havia gostado da cidade.

Essa imprevisibilidade do tempo de permanência em cada cidade, a existência ou ausência de roteiro para o destino seguinte e a questão sobre a (não) consolidação de amizades colaboram para apresentar o *sair doida* e entendê-lo como sentido no contexto travesti. Britney, após um amigo ter feito a *linha* com Cris Steffany, começou a trabalhar com a ATMS, mas *saiu doida* da ONG e do projeto após conflitos internos.

Keith, aos 21 anos, *saiu doida* de Coxim/MS para Chapadão do Sul/MS após ter feito a *linha* com uma *mapoa* [mulher] que lhe recebeu na cidade. Somente depois de estar em Chapadão do Sul/MS que informou seus pais, inclusive. Essa *mapoa* lhe inseriu nas boates, mas não demorou muito *saiu doida* da boate e foi para a *Rua*, onde, segundo ela, é melhor e se torna mais fácil *sair doida* quando quiser e para qualquer lugar.

A valorização da liberdade e facilidade para os deslocamentos traz um aspecto interessante do *sair doida* sobre a velocidade dos deslocamentos e da produção de conhecimento travesti. Os cálculos e planejamentos sobre os itinerários percorridos são

realizados, porém, com uma celeridade particular e, sobretudo, são circunstanciais. Britney, assim que chegara de Dourados/MS, planejava ir para Camboriú/SC. Contudo, em função do convite para realizar um trabalho com a ATMS, permaneceu em Campo Grande/MS. Entretanto, com a mudança de conjuntura, Britney deixou a ATMS e foi para Americana/SP. Dessa forma, o *sair doida* traz uma consideração sobre a rapidez das decisões que estabelece íntima relação com o volume e intensidade dos deslocamentos de travestis nos mercados do sexo.

Monique conta que “*uma amiga minha me ligou do nada e falou ‘Bicha, cê tem passaporte?’ Eu falei tenho. ‘Então me dá aqui seu passaporte, sua foto, suas coisas’.* Saí doida, com 5 dias eu tava na Europa. *‘Ela falou assim, bicha, ou é agora ou nunca, não tem esse negócio de ficar esquentando lugar, não’.*” Como já exposto, o *sair doida* possui relação com outras metáforas, como o *ir embora*, *vazar dar o fora*, *se mandar*, além disso, oferece também a conotação de sair com ou sem um destino prévio, com ou sem planejamento ou roteiro estruturado por um longo período anterior. *Fazer a linha* e *sair doida* são relações que conciliam, em um mesmo ato simbólico, ação e “representação na incessante produção de significados” (Wagner, 2017: IX). Dessa forma, a classificação simbólica não subjaz o processo de simbolização, uma vez que ação e motivação estão participando ativamente da própria simbolização.

### ***LINHAS MÚLTIPLAS***

Ítalo Calvino conta através do encontro entre Marco Polo e Kublai Khan que os habitantes de Ercília, uma das cidades invisíveis, para estabelecer ligações que orientam a vida da cidade, estendem fios coloridos entre as arestas das casas de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade e representação. Quando o emaranhado de fios não mais permite

que se acesse a cidade, os habitantes então a abandonam; as casas são desmontadas, restando apenas “teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma” (Calvino, 1990: 72).

Ercília se torna um emaranhado de linhas que tornam a vida das pessoas inviável. Forçando assim um movimento. A estrutura das linhas entrecruzadas é abandonada à sorte, inerte, e eles começam de novo. Ainda que desforme, as relações em Ercília abandonam uma espécie de estrutura observável. As travestis, como visto, não constroem uma estrutura ou rede. Só é possível desenhar uma estrutura a partir dos deslocamentos das travestis olhando em retrospecto. Contudo, esse movimento de análise olhando para o passado, a partir de um testemunho solidificado que sirva de norte para outros movimentos ou, no mínimo, uma imagem como a de Ercília não é próprio das *linhas* criadas pelas travestis. Essas *linhas* sempre são processo, apontando para criação e movimento. Se há alguma estrutura nos deslocamentos travestis, ela está posta, em função da limitação textual, somente aqui na forma de uma tese.

Britney criou *linhas* para sair de Campo Grande/MS e se deslocar para Dourados/MS. Através de suas *linhas* com Flávia e das *linhas* criadas por Flávia com Vera para Britney, minha interlocutora não titubeou e viajou para São Carlos/SP, sem considerar emaranhados ou estruturas deixadas para trás. Pelo contrário, estava empolgada com o surgimento de possibilidades de criação, só novas *linhas* lhe interessavam e as que foram abandonadas não importava nem para ela ou para ninguém.

Entendidas como metáforas, *fazer a linha* e *sair doida* ajudam a pensar o deslocamento como relação e sentido, demonstrando que o deslocar-se é a própria vida e não um efeito colateral de planos, metas ou projetos. E a vida é um movimento de abertura, não de encerramento (Ingold, 2015). Ou seja, é movimento contínuo.

É da essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas sim que ela continue encontrando um caminho através da miríade de coisas que formam, persistem e irrompem em seu percurso (Ingold, 2015: 26).

Com essa ontologia, Ingold argumenta que a vida não está contida nas coisas e usa a metáfora da linha, não exatamente da mesma forma que as travestis, para demonstrar como a vida se manifesta. Segundo o autor, viver é não estar confinado no interior de pontos, mas proceder ao longo de linhas (Ingold, 2015). Essa afirmação possibilita que eu crie um diálogo entre o conhecimento produzido pelas minhas interlocutoras travestis e o produzido pelo antropólogo britânico citado. *Fazer a linha* se aproxima, por analogia, portanto, do fazer a vida, demonstrando que caminhos e trajetórias não são apenas conexões, mas linhas ao longo das quais coisas são continuamente formadas.

A abstração da linha foi gradualmente limitada, separada do movimento que ela deu origem. Sobretudo, segundo Ingold (2015), com o “advento da modernidade” que fragmentou a linha em pontos, fortalecendo o ideal postulado pela geometria euclidiana. Esse ideal influenciou as formulações sobre pessoas serem equivalentes a pontos na cidade, no país e no mundo. Contudo, adverte Ingold, as pessoas não apenas ocupam, mas vivem no ambiente em que moram. Isso ajuda a mudar o paradigma que privilegia a estabilidade e o estático em direção a um modelo que olhe para o movimento, para a linha e para vida, considerando que cada linha é o equivalente a um modo de vida (Ingold, 2007: 80). Assim, portanto, *fazer a linha* é fazer a vida, pois a vida se dá ao longo de linhas.

Ao afirmar que a vida não é confinada no interior de pontos, o autor ainda ressalta que o mundo, o planeta em que vivemos nunca foi estável e sempre está em estado de contínua flutuação e mudança. Nesse sentido, Ingold sugere que tudo, inclusive a nossa relação com o planeta, ocorre ao longo de linhas entrelaçadas ou interligadas. Segundo o autor, ao se concentrar em linhas pode-se pensar em como unir três coisas diferentes: primeiro, como as pessoas se movem no mundo e como fazem seus caminhos; segundo, como as pessoas conhecem as coisas, pois, quando se conhece algo, faz-se um tipo de viagem ao conhecimento;



e como as pessoas descrevem as coisas, pois, quando se descreve as coisas, faz-se isso escrevendo ou desenhando, ou seja, sempre empregando um tipo de linha.

Por isso o interesse na linha, porque é uma maneira de unir nosso entendimento de movimento, conhecimento e descrição. Porque todos estão sendo processados, todos são levados por uma linha. O objetivo principal do autor é propor solvências nas mediações distintivas entre unidades animais, humanas e objetais e nas fronteiras sensíveis entre as formas que entremeiam essas unidades, inaugurando um exercício analítico que procura contradizer a incapacidade da mutualidade participativa desses entes na construção dos seus respectivos mundos.

Uma das inspirações de Ingold é a afirmação categórica de Deleuze e Guatarri (2012): “somos feitos de linhas” (Deleuze & Guatarri, 2012: 72). Os autores seguem explicando que não estão falando apenas de linhas de escrita, mas linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas de escrita. Essas linhas, segundo Deleuze e Guatarri, podem também ser linha de fuga ou linha de devir. Esta última se aproxima consideravelmente do argumento de Ingold e do *fazer a linha* das travestis, pois

Uma linha de devir não se define nem por pontos que ela liga nem por pontos que a compõem: ao contrário, ela passa entre os pontos, ela só cresce pelo meio, e corre numa direção perpendicular aos pontos que distinguimos primeiro, transversal à relação localizável entre pontos contíguos distantes. Um ponto é sempre de origem. Mas uma linha de devir não tem nem começo nem fim, nem saída nem chegada, nem origem, nem destino; e falar de ausência de origem, erigir a ausência de origem em origem, é um mau jogo de palavras. Uma linha de devir só tem meio (Deleuze & Guatarri, 2012: 95,96).

Todas essas maneiras de pensar a linha, seja por travestis, Ingold ou por Deleuze e Guatarri, embora singulares, convergem no que diz respeito à linha estar entre pontos, no meio

dos pontos, e não de um ponto a outro. Assim, desvela-se uma vida que é movimento e não é marcada por pontos localizáveis, mas por limiares de intensidade que ocorrem por lugares diversos e por relações que se dão ao longo das linhas.

Essas linhas, por vezes, entrelaçam-se, tocam-se, cruzam-se em diferentes tempos e direções. Isso torna viável outras aproximações e analogias entre o conhecimento elaborado pelas travestis, pelo antropólogo Tim Ingold e pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guatarri, a saber, a ideia/conceito/modelo de malha e rizoma.

Quando Ingold (2012; 2015) trabalha com a imagem de uma malha, contrapõe-se ao conceito de rede, pois, segundo ele, a rede é sempre vista em retrospecto, de traz para frente, como algo que conecta uma série de pontos já percorridos, enquanto a linha, como já visto, não é definida pelos pontos que conecta ou pelos pontos que ela compõe.

Ingold fez duras críticas ao escritor e jornalista inglês Bruce Chatwin por atribuir aos aborígenes australianos a concepção de uma imagem de rede para visualizar o país (Ingold, 2007). Segundo Ingold, a interpretação de Chatwin sobre a percepção dos aborígenes acerca do país, na qual este não é composto por áreas em superfície, mas por uma rede, é extremamente equivocada. Isso porque as palavras aborígenes para país são as mesmas para linha e essas linhas são as que os seres ancestrais cantaram e trouxeram o mundo à existência em um sonho. Tais linhas são retraçadas em idas e vindas de acordo como são cantadas e narradas por suas encarnações contemporâneas. Juntas, elas formam um emaranhado de fios entrelaçados, um tecido aberto, mais próximo da ideia de malha do que de pontos conectados, como sugere a rede.

Inspirado por Henri Lefebvre, Ingold define malha como “marcas reticulares deixadas por animais e pessoas, cujos movimentos tecem um ambiente que é mais arqui-textual do que arquitetural” (Ingold, 2007: 80). As linhas de uma malha são essas marcas entrelaçadas; mais

do que rotas interseccionadas em uma rede, são trilhas ao longo das quais a vida é vivida. Esse emaranhado de fios pode ter a forma de malha, micélio<sup>29</sup> ou de rizoma.

Rizoma é outra imagem e metáfora utilizada por Deleuze e Guatarri, inspirados pela botânica, para refletir sobre um tipo de formação de raízes que permitem uma *hecceidade*, ou seja, um feixe de linhas abertas, uma multiplicidade. Tal movimento é sugestivo ao proposto pelo *sair doida*, pois, como já apresentado, o padrão dos deslocamentos realizados pelas travestis no mercado do sexo é o de não ter padrão. Por isso, falar que a esses deslocamentos formam uma malha de linhas entrelaçadas com forma de rizoma apenas explica algo sobre a dinâmica dos deslocamentos, pois o “rizoma, nele mesmo, tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (Deleuze & Guatarri, 2012: 22).

As características do rizoma se aproximam dos deslocamentos realizados pelas travestis nos mercados do sexo na medida que o rizoma possui um princípio de conexão heterogênea, ou seja, qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro. Do mesmo modo, Keith se deslocou entre Coxim/MS, Campo Grande/MS, Telêmaco Borba/PR, Balneário Camboriú/SC, Caxias do Sul/RS, Cuiabá/MT, Rondonópolis/MT e São Paulo/SP sem a existência de uma unidade, uma rede estabelecida ou estrutura, aproximando-se, assim, de mais uma característica do rizoma: a multiplicidade.

Outra qualidade do rizoma que pode ser observada no contexto das travestis nos mercados do sexo é que o deslocamento pode ser interrompido em qualquer lugar e retomar em outro, a partir de outras linhas, impossibilitando uma justificação em um modelo estrutural ou

---

<sup>29</sup> Ingold prefere a imagem do micélio fúngico (uma espécie de “raiz” dos fungos) a de rizoma. Inspirado nas considerações do micetologista Alan Rayner, ele afirma que, tomando o micélio como exemplo prototípico dos organismos vivos, estabelecemos o pressuposto que a vida não está contida dentro dos limites absolutos das formas fixas e teremos então uma biologia que começa do caráter fluido do processo da vida, cujos limites são sustentados apenas graças ao fluxo contínuo dos materiais que o atravessam (Ingold, 2015: 140).

gerativo, mas apontando para uma malha aberta de linhas, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber modificações constantemente.

Quando uma travesti produz *linhas e sai doída*, o deslocamento mostra que ele não é feito de unidade, mas de dimensões e direções instáveis, sem começo nem fim, apenas um meio que se modifica e transborda. Essa multiplicidade não possui qualquer relação com uma estrutura dotada de um conjunto de pontos e posições, mas constrói uma malha aberta na qual cada linha varia e modifica sua distância em relação às outras constantemente.

É importante atentar para o risco de se enredar pelas imagens de malhas e rizomas e tratá-las da mesma forma como a figura da rede é tratada, ou seja, olhar para malha e rizoma como modelos, não como algo que ajuda a explicitar o dinamismo dos deslocamentos. Segundo Ingold (2012), essa maneira de pensar em retrospecto, considerando algo acabado, considerando forma e matéria, advém do pensamento aristotélico adotado no ocidente, no qual só é possível criar algo desde que se tenha uma matéria dada e uma forma definida. Entretanto, quando *fazem suas linhas e saem doídas*, as travestis relativizam esse modelo na medida em que privilegiam o processo de formação e, sem pensar em um produto finalizado, priorizam os fluxos e transformações ao invés de um estado bruto e inerte.

Nesse contexto, as travestis se assemelham às fiandeiras que tecem linhas vitais, *mutatis mutandis*, tal qual as moiras de Homero que fabricam, tecem e cortam o fio da vida. Não são entidades sobrenaturais que vivem ao lado dos deuses controlando o destino dos seres humanos, mas possuem e exibem uma potência criadora, de mudança, invenção e inovação. Essa criação só é possível ao longo de *linhas*; é menos uma forma do que um acontecimento, um acontecimento de acontecimentos que constrói e comunica diferenças.

### *LINHAS, PESSOA E PARENTESCO*

O privilégio da ação no contexto travesti revela um mundo inacabado<sup>30</sup>, por fazer, atualizado ao longo de linhas, colocando a pessoa como motor do processo. A categoria pessoa é cara à antropologia desde Marcel Mauss (2003) e muito debatida, problematizada e revisitada pela disciplina, como mostra o mapeamento realizado por Marcio Goldman (1996). Apesar de alertado por Mauss que se tratava de uma categoria que não era natural, mas social e com diversas variações, foi sendo considerada universal e compreendida como uma categoria que abriga uma evolução do “personagem primitivo” à “pessoa moderna”, pensada como uma categoria jurídica, moral e lógica.

Na lógica do autor, se assim pudermos sintetizar, a pessoa se torna indivíduo na relação com uma estrutura social. Esse indivíduo passa então a ser o efeito de princípios evolutivos das sociedades, que ao desenvolver diferenças morfológicas internas e novas formas de solidariedade permite a diferenciação dos seus membros e a consequente autonomização dos sujeitos, postulando, assim, o clássico par de oposição indivíduo e sociedade.

Esse par de oposição oblitera outras possibilidades e perspectivas e, além disso, contamina olhares e uma maneira de fazer ciência antropológica. Todavia, é possível pensar a pessoa travesti e as linhas de forma alternativa a esse dualismo. A pessoa travesti faz e é *linha*, ela é feita de *linhas* e por isso pode também ser produtora de *linhas*. Note que ela não é autonomizada, encerrada em si mesma, mas também não é destituída de potência, ou seja, extrapola a limitação de pensar uma pluralidade ou singularidade e a simples oposição entre essas duas coisas.

---

<sup>30</sup> “Mundo inacabado” é uma referência ao título da etnografia de Marco Antônio Gonçalves sobre os Pirahã (2001). Segundo o autor, entre os Pirahã a ação é entendida como um conjunto de fenômenos e recursos simbólicos utilizados por eles para apresentar o Cosmos e a relação entre os seres. Dessa forma a ação coloca o cosmos em operação e cria cosmologia.

Para Roy Wagner (2012) a noção de pessoa depende de uma noção de “eu” que é inventada tanto no holismo psicológico, ou seja, na ideia de que há uma coerência psíquica que fixa um “eu” no tempo e no espaço, quanto na ideia de que, na verdade, esse “eu” seria apenas uma parte de outros todos, ou seja da sociedade ou de grupos. Esse “eu” é colocado como um dado natural, um insumo, um substrato do que virá a seguir. Dessa forma constrói-se um senso comum que em certos momentos pensam o ser humano como um ser motivado por impulsos naturais, tais como “instintos”, “propensões” e uma “necessidade de gratificação”; e em outros momentos como produto da sociedade, um autômato social.

Segundo Wagner (2012), nem instinto, nem autômato social gerem a pessoa, mas a “única alternativa é considerar as ações do próprio indivíduo como o “*input*” significativo na determinação do eu” (Wagner, 2012: 196). Isso quer dizer, a pessoa não vem de forças misteriosas e transcendentas, sejam de onde vier, de um simbolismo oculto na psiquê ou de um simbolismo transcendental ancorado nas categorias do espírito, ou seja, o indivíduo aparece como síntese inacabada entre invenção e convenção imposta pelos modos de simbolização motivados pelas sociedades (convencionalizantes ou diferenciantes) (Wagner, 2012).

Volto à trajetória de Charlotte que, desinteressada ou sem intencionalidade, durante momentos de lazer e diversão criou *linhas* que se multiplicaram e promoveram seus deslocamentos, e ao longo dessas *linhas* se inventou como pessoa travesti, participante dos mercados do sexo. Charlotte, como afirma Wagner (2012), criou “o eu a partir do mundo da ação e o mundo da ação a partir do eu” (Wagner, 2012: 197).

O que subjaz a pessoa travesti são suas ações, os atos criativos de *linhas*, portanto, não é uma parte em relação ao todo e nem um todo em relação a uma parte, mas uma figura cujas *linhas* estão emaranhadas. Contudo, esse emaranhado não diz respeito a pensar o geral e o particular, ou como um se transforma no outro, mas em como as realidades ou práticas de uma pessoa se situam no que diz respeito às *linhas*. O que realmente é digno de nota é a

complexidade, rapidez, sofisticação e dinâmica das travestis e suas *linhas*. E é importante perceber como a construção da pessoa ocorre como lugar plural e síntese das *linhas* que produzem.

Marilyn Strathern (2006) argumenta que há formas coletivas de se pensar as relações entre as pessoas e que, ao contrário da noção de “indivíduo”, calcada no caráter indivisível da pessoa, a “pessoalidade melanésia” se assenta na ideia de que uma pessoa é compósita, ou seja, sempre composta de suas relações. Longe de serem vistas como entidades singulares, a pessoa melanésia é concebida tanto dividida como individualmente (Strathern, 2006: 40; 41). Essa noção de pessoa de Strathern foi emprestada por Roy Wagner (2013) para desenvolver o que ele chamou de “pessoa fractal”, “segundo a noção matemática de uma dimensionalidade que não pode ser expressa em números inteiros” (Wagner, 2013: 04). Uma ilustração utilizada por Roy Wagner (2013) para pensar as relações integralmente implicadas, indivíduos, pessoa compósita e pessoa fractal é a noção de reprodução e genealogia.

As pessoas existem do ponto de vista reprodutivo ao serem “gestadas” como parte de outra pessoa, e “gestam” ou engendram outras ao se tornarem “fatores” genealógicos ou reprodutivos dessas outras. Uma genealogia é, pois, um encadeamento de pessoas, como, de fato, as pessoas seriam vistas “brotando” umas das outras em uma representação cinemática acelerada da vida humana. A pessoa como ser humano e a pessoa como linhagem ou clã são igualmente seccionamentos ou identificações arbitrários desse encadeamento, diferentes projeções de sua fractalidade. Mas disso decorre que o encadeamento por meio da reprodução corporal é, ele mesmo, apenas uma entre as inúmeras instanciações da relação integral, que também se manifesta, por exemplo, no caráter comum da linguagem compartilhada (Wagner, 2013: 04).

As aproximações possíveis entre pessoa compósita, pessoa fractal e a pessoa travesti com seus emaranhados de *linhas* suscitam também o pensamento sobre essa ilustração de pessoa como genealogia e linhagem. Segundo Tim Ingold (2007), a terminologia latina de filiação carrega implicitamente a metáfora de corrente – de sangue, riqueza ou valores –, fluindo

da mesma fonte situada no alto até o grupo de indivíduos mais abaixo. A metáfora da linha para os romanos é inclusive mais apropriada para mostrar parentesco do que a famigerada “árvore genealógica”.

As *linhas* criadas pelas travestis podem ser aproximadas da ideia de criação de relações de parentesco. Contudo, é preciso cautela para relacionar o *fazer a linha* do parentesco. Strathern (2006; 2014) alerta sobre uso de termos e categorias “fora de contexto” e da usual maneira como antropólogos importam conceitos próprios ou de suas próprias culturas para pensar sobre outras realidades, gerando análises equivocadas. Esse argumento de Strathern possui influência da crítica de David Schneider (1984) aos estudos de parentesco. Segundo Schneider, muitos antropólogos replicam modelos ao falar de parentesco, pois usam da própria experiência cultural para entender a teoria do parentesco, fazendo projeções de categorias nativas do mundo anglo-saxão para as demais sociedades, criando assim o objeto, ao invés de descrevê-lo.

Contudo, é justamente com base em Schneider que é possível estabelecer diálogos entre parentesco e o *fazer a linha*. Schneider foi um dos pioneiros a apontar um parentesco não modelado exclusivamente por laços biológicos, mostrando que as noções de sangue, pureza e papéis naturais são também escolhas culturais entre outras possíveis. Entre os Yap, por exemplo, o autor mostra que até a relação que pode ser lida como “pai-filho” não pressupõe uma ontologia, ou seja, não é algo dado ou um estado natural das coisas, mas algo construído que se realiza na ação, no fazer e na performance.

Carol produziu e desfez *linhas* para trabalhar em uma fábrica de calçados, fazer curso de cabeleireira, técnico em farmácia e cuidadora de idosos. Outras *linhas* a levaram para a *Rua* e para viagens, uma dessas linhas se manteve com Jackeline, outras foram deixadas por não gostar dos deslocamentos para outras cidades. Na *Rua* Carol conheceu um michê que se tornou seu marido, o qual, por outras *linhas*, saiu da *Rua* e trabalha como mecânico de automóveis,



enquanto ela continua atuando nos mercados do sexo. Jackeline fabricou *linhas* a contragosto da mãe para atuar nos mercados do sexo e viajar. Hoje, abrevia a quantidade de viagens para dar suporte financeiro à mãe. Segundo Jackeline, a intensidade das *linhas* criadas são contingenciais e quando elas acontecem são o próprio parentesco: “[...] *no caso, você vira assim, tipo uma família*”.

Janet Carsten (1995) sugere a substituição do termo parentesco pelo termo “relacionalidade” (“relatedness”) como uma estratégia de se distanciar dos termos ocidentais sobre parentesco e contornar a dicotomia biologia/social que rendeu (e rende) muitas discussões. Com essa proposta, Carsten abre possibilidades para explorar noções nativas de relacionalidades, propondo uma mudança de questionamento para obtenção de novas respostas, isto é, evitar perguntar se as pessoas têm parentesco segundo nossas definições antropológicas e buscar saber que tipo de relacionalidades elas têm<sup>31</sup>.

O parentesco como um processo social e como construído por meio da ação humana foi demonstrado por Carsten (2003) nas construções malaias, nas quais as relacionalidades operam por meio da comida, atos de alimentação e compartilhamento da casa. Segundo Carsten, “The house brings together spatial representations, everyday living, meals, cooking, and the sharing of resources with the often intimate relations of those who inhabit this shared space” (2003: 35). Nessas construções, as pessoas são particionáveis, formadas nas relações com outras e dão parte de si mesmas para outras. As relacionalidades destacadas por Carsten que abarcam um universo de práticas e significações similares aos que são comumente chamados de parentesco ensinam pensar as linhas feitas pelas travestis como relacionalidades ou parentesco. Contudo, no caso travesti, as linhas não se fazem ou apontam exclusivamente para o universo da casa, mas para a *Rua*.

---

<sup>31</sup> Há críticas sobre a ampliação do termo parentesco para relacionalidade. Segundo algumas delas, a ampliação pode gerar um campo tão vasto que seria impossível distinguir parentes de vizinhos, amigos, colegas etc. (Stone, 2004). A respeito dessas críticas, Carsten (2000) admite que a ampliação não resolve por completo a questão da comparação, porém, permite ir além das pressuposições arbitrárias da distinção biologia/cultura.

As relações de travestis no interior das casas foram descritas por Kulick (2008) e Vartabedian (2012) evocando o contexto doméstico como lócus privilegiado do encontro, um espaço de sociabilidade e, portanto, de criação de relacionalidades. Contudo, os próprios autores atestam a relação íntima entre a pessoa travesti e os deslocamentos, seja na cidade de Salvador/BA ou nos trânsitos entre Rio de Janeiro/RJ e Espanha.

Os deslocamentos descritos por mim sugerem um contraste em relação ao imperativo de um lugar físico delimitado para criação de relacionalidades, ou seja, há uma autonomia das *linhas* em relação aos espaços e contextos, seja ele da casa ou da *Rua*. Dessa forma, há proximidades, mas também distanciamentos entre as *linhas* construídas pelas travestis e as relacionalidades reivindicadas por Carsten.

A única *linha* de Laysla em Campo Grande/MS era com Gaby, pois Renata, que havia lhe feito a *linha*, não estava na cidade. Na *Rua*, Laysla precisou construir novas *linhas* para que o tempo na capital sul mato-grossense fosse agradável, sem grandes problemas com as travestis que já estavam na *Rua* quando ela chegou e, além disso, para que ali pudesse fazer novas *linhas* para se deslocar para outras cidades. Uma das maneiras de construir novas *linhas* é observando valores de respeito e generosidade. Demonstra-se respeito ao chegar e se apresentar, perguntar sobre os lugares que lhe são permitidos ficar, sem ocupar o território de ninguém, nem promover disputas.

A generosidade pode ser expressa de várias formas, uma delas é compartilhando um copo de bebida ou até mesmo um baseado, por exemplo. Em uma das primeiras noites de Laysla em Campo Grande/MS, boa parte do seu tempo foi empregado na procura de seda para que um cigarro fosse enrolado e compartilhado. Outra forma de demonstrar generosidade é aceitar e promover uma espécie de ordenamento no atendimento aos carros que param em um lugar da *Rua* onde estão várias travestis juntas. Geralmente, a travesti que acabou de “*bater uma porta*” [atender um cliente] permite que a que está na *Rua* há mais tempo sem atender se aproxime

primeiro do carro. “*Vai lá, bicha, ele parou pra você*”, é um gesto de gentileza que uma travesti faz para a outra na *Rua*. Fica a critério do cliente realizar programa com a que lhe foi atender no carro primeiramente ou pedir que ela chame outra. A travesti que é *batuqueira* [bate muitas portas seguidamente], não exerce tais gestos de gentileza, não conversa e não troca experiências com as outras travestis na *Rua*, tem mais dificuldades em *sair doida*, pois constrói menos *linhas*.

As *linhas*, às vezes, criam um fenômeno interessante relatado em alguns trabalhos (Pelúcio, 2005; Vartabedian, 2012), que é o fato de algumas travestis se referirem às cafetinas como *mães*. No entanto, em Campo Grande/MS, apenas Laysla chamava Gaby de *mãe*, *mamita* ou *mami*; as outras se referiam a ela apenas como Gaby. Em São Carlos/SP, somente Raabe se dirigia à Vera como *mãe* e em Franca/SP não ouvi o uso da palavra *mãe* relacionada à Kelly.

Uma noite em Campo Grande/MS, enquanto realizava uma entrevista com Keith, seu telefone tocou e presenciei o seguinte diálogo (ouvi apenas a voz de Keith): “*Mika?*” [...] “*Não tá me reconhecendo?*” [...] “*É sua filha! (risos) É que eu troquei o número do telefone aí te liguei, mas você não atendeu*” [...]. Deduzi que se tratava de um diálogo entre Keith e Mika, no qual Mika, travesti que Keith conheceu na *Rua*, retornava uma ligação de Keith. Mika era chamada de *mãe* por Keith. Segundo ela, Mika foi a pessoa que mais lhe ajudou no início de sua *transição* e entrada nos mercados do sexo, mais até do que a *mapoa* que lhe fizera o convite para sair de Coxim/MS para Chapadão do Sul/MS. Essa afirmação coaduna com o argumento sustentado que no processo de *transição* travesti e inserção nos mercados do sexo é necessário um “amadrinhamento” feito por uma *mãe* travesti (Pelúcio, 2005).

No entanto, a experiência de Keith mostra que nem sempre a cafetina é considerada *mãe* e as *linhas* nem sempre acontecem no espaço compartilhado da casa, no cotidiano e no compartilhamento de refeições. Além da palavra *mãe*, outras palavras que são utilizadas de forma convencional para designar parentesco surgiam esporadicamente, como *irmã* e suas derivações, como *mana* e *maninha*.

Em uma noite quente em Campo Grande/MS, utilizei meu celular para solicitar, por meio de aplicativo, um carro com motorista para Britney se encontrar com um cliente em um dos *shoppings* da cidade. Fazia um tempo que ela estava a trocar mensagens com esse cliente, o qual lhe explicara que teria um intervalo no trabalho e que queria vê-la, mas não havia meios de chegar até o centro da cidade. Como o a “*Rua estava parada*”, Britney partiu ao seu encontro. Permaneci na *Rua* com as outras travestis enquanto Britney atendia seu cliente. Sua demora pouco usual tornou-se o centro dos assuntos da *Rua*. Após muitas especulações e mensagens enviadas sem respostas, avistamos uma pessoa sair de um carro em uma esquina duas quadras à frente. “*Será que é ela?*”, perguntei. “*É ela!*”, respondeu Sasha, uma das travestis que me acompanhava na madrugada. A *Rua* estava escura e o andar lento não me permitia ter certeza, “*Será?*”, repeti hesitante. “*Com certeza é ela, André! Eu conheço minha irmã de longe!*”, sacramentou Sacha, gabando-se de conhecer Britney apenas observando seu andar.

Essa foi apenas uma das vezes que ouvi o uso do termo “irmã” além do termo “mãe”, como já descrito. Contudo, entendo que o diálogo entre as linhas construídas pelas travestis e as “relacionalidades” do assim chamado “novo parentesco” extrapolam situações em que existem uso de expressões convencionais que remetem à ideia de família. Isso porque os termos “irmã” e “mãe” na sociedade ocidental já assumem *status* de símbolos que significam a si mesmos, permitindo inúmeras ressignificações com base na metáfora “inicial”.

### ***LINHAS TRAVESTIS***

O que pretendo é chamar atenção para o potencial elástico e lábil das linhas travestis, sua flexibilidade e dinamismo, especialmente considerando que Sasha naquela noite se mostrou íntima, fazendo uso até de um termo convencional do parentesco para se referir à Britney, mas

que só esteve presente aquela noite e durante o restante de todo trabalho de campo nem sequer menção ao nome dela eu ouvi.

As linhas travestis são um convite para considerar o caráter da criação de hierarquias e exclusões nas relacionalidades. Tomo como princípio da elucidação do dinamismo das relacionalidades expressas no *fazer a linha* a dificuldade inicial para retomar o trabalho de campo. De 2013 a 2015, minhas linhas com as travestis em São Carlos/SP eram fortes. Nós andávamos pela *Rua*, bebíamos juntos no “De ponta cabeça bar”, ríamos, eu oferecia carona para lugares mais distantes na cidade ou para a casa no fim da noite, ajudava a “despistar” *clientes chatos* (fingindo ser cliente para que elas pudessem dizer que estavam ocupadas), apresentei para elas a que na época era minha namorada (hoje esposa), ajudei a levar para casa uma travesti desacordada etc.

No entanto, em 2017, essas *linhas* convertidas por mim em memórias e dados etnográficos, digamos, estáveis desses relacionamentos travados, para elas certamente se apresentam fugazes, e com poucas exceções, nem existiam mais. É interessante pontuar que mesmo durante aquele período as *linhas* tinham mais força quando eu estava na *Rua* junto delas, mas quando eu estava em minha casa e tentava conversar por meios digitais a comunicação era lacônica. Ou seja, essas *linhas* foram criadas e eram reforçadas na *Rua*, na ação e contato, mas ao se distanciar perdiam força e depois de pouco mais de um ano que fiquei distante da *Rua* as *linhas* afinaram.

A exceção ocorrida foi a que em grande medida possibilitou a existência desse trabalho. Contudo, na trajetória de Britney fica evidente a agilidade e o caráter conjuntural das *linhas*. Flávia, a cafetina que a recebeu em Dourados/MS *fez a linha* entre Britney e Vera em São Carlos/SP, mas durante o trabalho de campo foi apenas um nome mencionado uma única vez. As *linhas* entre as *drag queens*, Britney e as demais travestis eram ainda de outra natureza, mais

eventual e protocolar do que criadas e reafirmadas no contexto da *Rua*. Entretanto, essas *linhas* me possibilitaram estar ao longo delas por um breve momento.

A *linha* entre Britney e Cris Stefanny pode ser usada como exemplo de variação de intensidade, potencial elástico, criação de hierarquias e exclusões das *linhas*. Cris e Britney se conheceram na *Rua*, mas Cris estava envolvida em outros emaranhados, nos quais a militância organizada da ATMS (Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul) era uma das *linhas*. Ao longo dessas *linhas*, Britney participou, entre 2015 e 2016, de um projeto da ATMS, mas após divergências e problemas de ordem financeira por parte da Associação, a *linha* entre elas perdeu força. Contudo, em 2019, a *linha* entre elas readquiriu vigor para trabalhar juntas em um novo projeto advindo de um edital da coordenadoria municipal de Políticas Públicas LGBTQIA+ em Campo Grande/MS. Ou seja, a ATMS agiu como um fator de alteração do grau de força das *linhas*, um elemento de constituição e esfacelamento de *linhas* e de rearranjos das ordens de importância das *linhas* entre Britney e Cris Stefanny.

A *linha* que eu mantinha com Raabe foi criada na *Rua* em São Carlos/SP. Ela que me pediu ajuda para levar Britney até à casa onde estavam, ajudando a criar uma *linha* entre Britney e eu. Contudo, as *linhas* entre Raabe e eu e entre Britney e Raabe se dissolveram depois que ela foi para Europa. Segundo Jackeline e Kelly, já não existiam *linhas* entre Raabe e elas antes mesmo da viagem para a Europa, tampouco entre Britney e elas. Isso foi, a princípio, um inconveniente para a criação de *linhas* entre Jackeline, Kelly e eu, mas o virar de copos de “*bebida de exu e pomba gira*” na *Rua* para esquentar o frio do inverno francano ajudou a criação de *linhas*.

Ainda que considerando apenas o aspecto “positivo”, ou seja, as conexões que a parentalidade realiza, é difícil aproximar o *fazer a linha* da “mutualidade do ser” proposta por Sahlins (2013: IX). Segundo Sahlins, há um sentimento compartilhado pelos parentes de participar intrinsecamente da existência um do outro ou de ser membros interdependentes. A

esse afeto ou fenômeno o autor denominou de “mutualidade do ser”. Essa proposta, segundo Jeanette Edwards e Marilyn Strathern (2000), carrega uma visão sentimentalizada, que toma a socialidade como sociabilidade e o parentesco (“família”) como comunidade (Edwards & Strathern, 2000: 152). E isso é uma consequência da hegemonia de ideias sobre conexão, pertencimento e parentesco que toma por ponto de partida a (velha) dicotomia indivíduo e sociedade.

Segundo Carsten (2013), muitas vezes o parentesco carrega qualidades ambivalentes ou negativas, nas quais os antropólogos tendem a insistir menos. Diferenciação, hierarquia, exclusão e abuso também fazem parte do que o parentesco faz ou permite. Dessa forma, o parentesco pode acumular ou dissolver ao longo do tempo, gerando processos de “espessamento” ou “afinamento” da relacionalidade. A temporalidade, portanto, oferece a possibilidade de explorar as gradações e acumulações de parentesco, bem como suas rupturas e dissolução.

Com base nas *linhas*, pode-se pensar em um parentesco flexível e dinâmico que opera composições e dissoluções com oscilações nos níveis de pertencimento, evidenciando centralidades e periferias, diluições e reconstituições ao longo do tempo. Ou seja, um parentesco instável e variável de diferentes intensidades de proximidade, importância e aversão; algo que trabalha como uma máquina de aproximações e afastamentos ao se mover.

O parentesco geralmente é pensado por sistemas e representados por diagramas. Contudo, capturar essas *linhas* em um diagrama de parentesco é tarefa por demasiada complicada em função de ser um “parentesco” em que a construção e desconstrução de *linhas* é constante e evidente, mas há outras dimensões ainda mais sutis em que esse processo opera sistematicamente, de forma a configurar o “parentesco” como um sistema muito mais flexível e dinâmico do que costumamos pensar. Para desenhar as linhas travestis em um esquema seria

necessário conceber um diagrama que não fosse imóvel, que apreendesse as oscilações de posições, lugares e graus de parentesco ao longo do tempo.

Por isso que a “teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma” (Calvino, 1990: 72) da cidade invisível de Ítalo Calvino também não é a melhor imagem das linhas travestis. Em Ercília há permanência, ainda que sem as pessoas. Aqui não há a dissociabilidade entre linhas travestis e elas próprias, ou seja, *linhas* e a noção de pessoa travesti.

Essa dificuldade em enquadrar os deslocamentos travestis em modelos reforça o nível de complexidade, o caráter criativo e inventivo do conhecimento produzido pelas travestis para e durante seus deslocamentos. Como anunciado no início deste capítulo, os diálogos, aproximações e distanciamentos entre o *fazer a linha* e o *sair doida* com outros conhecimentos só é possível desde que as travestis sejam consideradas capazes de inventar a cultura, e que são aptas a modelar o uso das convenções culturais para finalidades próprias, como fazem ao inventar as metáforas *fazer a linha* e *sair doida*, as quais me inspiraram a pensar os deslocamentos realizados pelas travestis nos mercados do sexo como sentido.

Com isso, quero dizer que a sobreposição de metáforas de movimentos sugere que não se trata de nomeações que escondem o que de fato existe ou revelam a essência das coisas, tampouco diz respeito a linhas graficamente traçadas ou de um estado de insanidade mental que impossibilita a racionalidade, mas de invenções realizadas por minhas interlocutoras que aventam a possibilidade de pensar sobre os deslocamentos como sentido, como um produtor de sentido que é ao mesmo tempo expressão simbólica.

De acordo com Roy Wagner (2017), todo símbolo mobiliza sua potência metafórica e tem a capacidade de “inovar sobre”. O autor atenta para as propriedades de qualquer coisa que nunca abandona a função comunicativa de símbolo. Portanto, relações se transformam em extensões mais que desdobradas sobre e de si mesmas, impossibilitando qualquer análise



tipológica que prenda o significado ou deixe de derivar “significação de atos criativos de entendimento inovador” (Wagner, 2010:17). Assim, as expressões *fazer a linha* e *sair doida* podem ser vistas antes como atualizações e extensões metafóricas motivadas pela inventividade cultural que as fazem produzir.

Pensar as expressões *fazer a linha* e *sair doida* como invenção, uma metáfora de movimento, ou alongar o significado dessas metáforas é expressar algo que não necessariamente leva à representação solidária do objeto ou coisa metaforizada. A metáfora não é a muleta da representação ou uma força que ajuda a tornar algo mais próximo do entendimento, pois isso varia em função do contexto. Essas metáforas possuem tanto potência da condição de significado quanto de significante, pois uma representação tem sempre o potencial de inovar sobre algo a que se refere (Wagner, 2010).

Wagner (2017) aponta o caso do “tempo do relógio”, do calendário, das crônicas e, portanto, da história, que chamamos de tempo referencial ou literal, para falar sobre a autorreferência dos nossos pontos de referência arbitrários que são utilizados de acordo com nosso aceitamento convencional. Segundo o autor, “nós não medimos ou adivinhamos o tempo, nós ‘temporalizamos’ as próprias medidas” (Wagner, 2017: 111), pois não temos nenhum controle empírico apropriado para além da abstração de tempo que criamos, o que faz com que, em suma, a descrição do tempo seja o próprio tempo. Ou seja, o tempo é uma metáfora autônoma que permite uma proliferação de metáforas com base nela. Nas palavras de Wagner,

This means that metaphor, in the final analysis, is born of the attempt to get rid of metaphor and survives as the boundary condition of our inability to do so. It means that metaphor is the self-sustaining basis of the reciprocity of perspectives in that it defines the ultimate transposition of ends and means, for it works the way it means and means the way it works (Wagner, 2018: xvi).

Assim, as linhas travestis são uma realidade, não estão no contexto dos sonhos ou do imaginário, da “expressão nativa” ou categoria êmica, mas são a própria consistência do real em sua expressão na relação e no sentido. Quero dizer, a linha travesti não é ou não leva as travestis necessariamente à amizade, ou à sociabilidade, ou ainda ao parentesco, tampouco *linha* se resumiria ou está totalmente contida pela noção de relacionalidade. Linha travesti construída pela pessoa travesti é *linha* nessa concepção etnográfica aqui apresentada.

Formalmente, as expressões linguísticas possuem articulações verbais e conceituais que nos levam a enquadramentos de “concretudes” e ou “abstrações”. Esses enquadramentos ocorrem em consequência da construção de significado – um com base no outro. O *fazer a linha* e o *sair doida* engendram um processo potencial e seu processo é, ao mesmo tempo, revelação e processo de conhecimento.

#### 4. “VIAJAR PARA CONHECER”: AS RELAÇÕES ENTRE O CORPO-GÊNERO EM TRANSIÇÃO E OS DESLOCAMENTOS.

A ação de criar *linhas* é produto de um conhecimento. Ou seja, há uma inteligência que propicia a invenção. Entretanto, ao mesmo tempo, as *linhas* são o que produzem as condições para a construção do conhecimento e revelam seu processo de elaboração. Quando Jackeline diz “*a gente vai pra conhecer*”, e Raabe afirma “*fui pra conhecer e conquistar alguma coisa*”, estão explicitando um desejo de aquisição de um tipo de sabedoria. Além disso, esse conhecimento permite às travestis empreenderem uma busca de “*história de vida e aprendizado, sabe? Conhecer novos amigos, novas pessoas*”, de acordo com Jackeline.

A condição de *não ter parada*, conforme descrita no segundo capítulo, só é possível nesse contexto de retroalimentação entre deslocar-se para conhecer e ter conhecimento para se deslocar. Dessa forma, dou prosseguimento ao que tenho proposto em pensar o deslocamento no contexto travesti como relação e sentido; como algo que é, ao mesmo tempo, revelação e processo de conhecimento. O *conhecer*, nesse contexto, acaba por se confundir com o próprio deslocamento, podendo ser um desejo e a expressão de um *aprendizado* sobre relações, “*novos amigos, novas pessoas*”; sobre experiências, “*história de vida*”; e sobre a obtenção de algo, “*conquistar alguma coisa*”, que pode ser a aquisição de ganhos financeiros e do próprio conhecimento.

Além do deslocamento físico, uma vez que o *conhecer* propicia que travestis transitem por rodovias, ruas, avenidas, cidades, estados e países, o *conhecer* também ocasiona um corpo deslocado, não só geograficamente, mas em si, em *transição*, por meio dos processos de ingestão de “hormônios femininos”, por meio das cirurgias plásticas e pela apreensão e desenvolvimento de técnicas corporais.

A construção do corpo ocorre no decorrer dos deslocamentos. De modo consequente, assim como há um deslocar do corpo, existe também construções de gênero nesses

deslocamentos. Como já explicitado no segundo capítulo, Britney afirma que, antes de iniciar seus deslocamentos, “*ainda não era travesti*”, apenas ingeria “hormônios femininos” esporadicamente e se apresentava como “*Drag Queen/transformista*” em boates voltadas para o público LGBTQIA+ em Campo Grande/MS. Em Dourados/MS, Flávia, uma das cafetinas da cidade, natural de Aquidauana/MS, que *fez a linha* com Vera, uma das cafetinas de São Carlos/SP, para receber Britney. É nesse momento que, segundo minha interlocutora, ao chegar no interior paulista, começou, de fato, a ingerir “hormônios femininos” regularmente.

O conhecimento sobre os hormônios foi proveniente de suas *linhas* com as travestis que estavam na *Rua*. Em São Carlos/SP, Britney conseguiu o contato, por meio da cafetina que administrava a casa onde ficou, para fazer a cirurgia de implantação de prótese de silicone nos seios em uma clínica em São Paulo/SP. Sobre os implantes de silicone industrial nos quadris e nádegas, ela não soube especificar de que cidade era quem os aplicou, ou a *bombadeira*, (como é comumente conhecida a pessoa que faz tais aplicações), mas foram realizados uma vez em São Carlos/SP e uma vez em Florianópolis/SC, respectivamente.

O *conhecer* cria condições para a construção da pessoa travesti. Isso fica evidente na afirmação de Britney quando diz que, estando ainda em Campo Grande/MS, antes de conhecer Dourados/MS, fazer a linha com Flávia e iniciar seus deslocamentos, “*ainda não era travesti*”; isso só ocorreu quando iniciou com mais intensidade seus deslocamentos. Outro aspecto inequívoco dessa afirmação e dos relatos a serem apresentados é que a elaboração da pessoa travesti passa necessariamente pela *transição* permanente do corpo<sup>32</sup>.

Nesse contexto, *transição* também é uma criação das travestis para se referirem às alterações corporais. De acordo com o Dicionário Michaelis *Online*<sup>33</sup>, em suas primeiras acepções, *transição* pode significar passagem de um lugar, de um estado de coisas, de uma

---

<sup>32</sup> Há uma consistente literatura sobre travestis que chama atenção sobre a relação entre modificações corporais e ser travesti. Ver Pelúcio (2009), Vartabedian (2012), Benedetti (2005), Bento (2006) e Veras *et al.* (2017).

<sup>33</sup> Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=5BmGv>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

condição a outra. No entanto, no contexto travesti, há uma mudança da metafísica para o devir, pois *transição*, segundo elas, possui relação apenas com deixar um lugar, ou de ser algo; no caso de Britney, deixar de ser *gayzinho* e iniciar um processo, um movimento sem previsão de término ou ponto de parada. É importante ter em mente, portanto, que “ser” travesti não é uma síntese, mas um processo que apenas tem início e requer a constante alteração corporal, seja por meio de cirurgias ou técnicas corporais, mas sem um ponto demarcado para ser alcançado e finalizado.

Um corpo em *transição* denota um gênero em *transição*, pois corpo e gênero não são formulações distintas. Segundo Butler (2016), o gênero não é uma construção social sobre um corpo natural, dado, inerte, irreduzível. Assim, ao revelarem um corpo em *transição*, as travestis expressam como o gênero possui caráter performativo, reiterando práticas reguladas, sem realizar uma drástica distinção entre corpo e gênero.

A seguir, explorarei um pouco com a bibliografia, de modo a deixar evidente a não distinção entre corpo e gênero, e destacarei alguns exemplos de trabalhos sobre travestis que trabalham dentro dessa chave explicativa para, em seguida, retomar com exemplos etnográficos a relação entre corpo-gênero e deslocamentos. A partir do vínculo entre *transição* corpo-gênero e os deslocamentos geográficos, apresento uma reflexão sobre qual cidade as travestis constroem.

### ***O CORPO-GÊNERO***

Judith Butler (2016; 2019) buscou uma explicação não dualista sobre o corpo, reivindicando-o na sua materialidade e questionando sobre como essa materialidade passou a significar um sinal de irreduzibilidade, isto é, sobre como veio a ser entendida como aquilo que

apenas suportaria construções culturais e não como agente ativo nessa construção<sup>34</sup>. Segundo Butler (2016; 2019), as ideias ocidentais de corpo e da materialidade corporal foram construídas com base em uma “matriz com gênero”. Dessa forma, o corpo não é um campo neutro e pré-existente por meio do qual compreendemos as origens da diferença sexual.

Thomas Laqueur (2001) e Michel Foucault (1980) demonstraram como se estabeleceram os discursos médico-científicos, a história da sexualidade e da dualidade dos sexos, apresentando como o sexo foi tão construído como o gênero. Segundo Foucault (1980), nenhum corpo é “sexuado” antes do discurso que fornece uma ideia de sexo “natural” e “essencial”. A sexualidade é um sistema histórico aberto e complexo de discurso e poder que produz denominações de sexo como estratégia para ocultar e perpetuar relações de poder a serviço de um sistema de sexualidade reprodutiva e reguladora. Contudo, segundo Butler (2016), esses discursos formaram um regime epistemológico de presunção da heterossexualidade que produz e reifica categorias “ontológicas”, ou seja, produz e reifica um sistema classificatório que se limita a macho/fêmea, masculino e feminino, fazendo disso uma “natureza” irreduzível.

Nesse regime, o corpo é um efeito de um poder produtivo que necessita se reiterar constantemente, sinalizando que essa materialização nunca está completa. Dessa forma, a materialização se relaciona com a performatividade de gênero entendida “não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas como “uma prática reiterativa citacional por meio da qual o

---

<sup>34</sup> Na antropologia, cabe citar a centralidade da temática da corporalidade desde a etnologia, tal como sumariza Lima (2002) com base na importante contribuição de Seeger, A., DaMatta, R. e Viveiros de Castro, E.: 1979 – “A Construção da pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras”. *Boletim do Museu Nacional*, 32:2-19. Escreve a autora: “A literatura antropológica acerca dos povos indígenas da América do Sul tropical indica a presença de pelo menos três dispositivos de tratamento do corpo. Os de maior evidência são o dispositivo de tortura (Clastres 1973), que inscreve definitiva e cruelmente uma condição social no corpo, e o de arte, que o utiliza como superfície para a criação de uma obra fugaz, que enxerta arte no corpo, como afirmou Lévi-Strauss (1955). O terceiro é um dispositivo de fabricação (...) constituído pelos diversos tipos de tratamentos a que as pessoas são submetidas segundo o ciclo de vida, o gênero, a etnicidade e o calendário ritual. Por fim, cabe notar que todos podem articular-se com um assim chamado idioma da corporalidade cuja importância sociológica não se saberia superestimar”. Não se trata aqui de uma comparação direta com os contextos indígenas, mas apenas de chamar a atenção para os aspectos não naturais na produção desses corpos pelos autores, somando às perspectivas da bibliografia trabalhada neste trabalho.

discurso produz efeitos daquilo que nomeia” (Butler, 2019: 16). À medida que essa performatividade adquire a condição de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição. Essas normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para construir a materialidade dos corpos e para materializar o sexo do corpo, ou seja, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.

Dessa forma, o corpo é materializado em determinadas condições normativas e formado por meio de categorias diferenciadas do sexo. Essa materialidade do corpo é sedimentada em discursos sobre sexo e sexualidade. Os discursos podem ser entendidos como sendo o poder em seus efeitos formativos ou constituintes, um efeito sedimentador da iterabilidade regulada. O discurso da diferença sexual opera na formulação do corpo, por isso, não há materialidade de sexo sem contaminação do sexo da materialidade, ou seja, não há um corpo que precede a ideia.

Decorrente disso, a identidade de gênero não pode estar atrelada a um corpo anterior. A noção de identidade como ideal normativo, argumenta Butler (2016), é colocada como a coerência e a continuidade das normas de inteligibilidade socialmente construídas. O gênero “incoerente ou descontínuo” é o que não se conforma às normas de gênero cultural e socialmente definidas, pois o gênero inteligível e válido é aquele que é coerente e contínuo na relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (Butler, 2016: 56).

Assim, pensar o corpo é sempre pensar o gênero. No sentido de pensar o gênero sempre como um feito, como um ato reiterado. Se ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher (Beauvoir, 1980), denota-se que o termo *mulher* é um processo, um devir, sem origem ou fim. Dessa forma, podemos pensar que

o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

[...]

tornar-se um gênero é um laborioso processo de tornar-se naturalizado, processo que requer uma diferenciação de prazeres e de partes corporais, com base em significados com características de gênero (Butler, 2016: 69 e 127).

O corpo assim não é um ser, um ente natural, mas uma demarcação variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero. O gênero é “um estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde “performativo” sugere uma construção dramática e contingente do sentido” (Butler, 2016: 240).

Se ser um gênero é um processo, todo e qualquer processo ao qual o corpo culturalmente sexuado é submetido é também uma maneira de pensar sobre gênero. Entretanto, o regime epistemológico de presunção da heterossexualidade cria modelos de gêneros essenciais e faz com que as imagens corporais que não se encaixam nos modelos de gênero sejam consideradas menos humanas. Contudo,

talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo. [...] Se o gênero é algo que a pessoa se torna, e não deve ser concebido como substantivo, como uma coisa substantiva ou marcador cultural estático, mas antes como uma ação incessante e repetida de algum tipo [...] Na verdade, o gênero seria uma espécie de ação cultural/corporal que exige um novo vocabulário, o qual institui e faz com que



prolifere participios de vários tipos, categorias ressignificáveis e expansíveis que resistem tanto ao binarismo como às restrições gramaticais substantivadoras que pesam sobre o gênero (Butler, 2016: 195).

Reiterando, quando travestis evidenciam corpos em *transição*, explicitam a própria condição do gênero em ser um devir, ainda que não obedecendo a coerência e continuidade impostas por normas de inteligibilidade socialmente construídas sobre corpo sexuado, gênero, desejo e prática sexual. Ações e desejos geram o efeito de um núcleo ou natureza interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que insinuam, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Essas ações, entendidas em termos gerais, são performativas, na medida em que a essência ou identidade, as quais, por outro lado, pretendem expressar, são fabricações sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo-gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade.

É importante reiterar que performatividade necessariamente se relaciona com um processo de criação de um núcleo mínimo referente que permita uma repetição regulada e restritiva de normas. A repetição não é realizada por um sujeito de forma voluntária, mas é o que permite a um sujeito existir como tal, e o que constitui sua condição temporal. Gênero, como “performance”, não é um evento singular, mas uma produção ritualizada, um ritual reiterado sob e por meio da restrição, sob e por meio da força da proibição e do tabu, com a “ameaça do ostracismo e até mesmo de morte controlando e impondo sua forma da produção, embora, devo insistir, nunca determinando o sujeito totalmente de antemão”. (Butler, 2019: 168).

### ***GÊNERO TRAVESTI?***

Se o gênero é uma fabricação e uma fantasia inscrita nos corpos, não há um gênero verdadeiro ou falso, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade. As travestis revelam esse mecanismo de fabricação por meio dos quais se dá a construção social do corpo-gênero. Isso se dá porque, ao “imitar” o que entendemos como gênero feminino, as travestis revelam implicitamente a estrutura mimética do próprio gênero – assim como sua contingência, na medida em que revela que o “normal”, o “original” é uma cópia, mas uma cópia inevitavelmente falha, um ideal que ninguém pode incorporar, porque o original sempre foi um derivado.

É nesse sentido que demonstra Nascimento (2019), ao utilizar a metáfora musical da criação de fugas e contrapontos para pensar as variações do feminino criadas pelas travestis nos salões de beleza na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, nas cidades de Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Islândia (Peru). Segundo Nascimento (2019), as transformações corporais contribuem para pensar as “transitividades de gênero e as elaborações corporais de feminilidades que ora contestam as normatividades hegemônicas, ora as reproduzem” (Nascimento, 2019: 531).

Há uma farta e interessante série de reflexões sobre gênero e travestis na literatura sobre o tema no Brasil. Algumas convergentes, como essa de Nascimento (2019) e a exposta na sequência deste texto por Pelúcio (2009) sobre uma “performatividade travesti”, a qual versa que, “ao mesmo tempo em que elas desestabilizam, com suas experiências, o binarismo de gênero, mantêm-se submersas em uma heterossexualidade normalizadora” (Pelúcio, 2009: 93).

Outras reflexões buscam definir uma identidade travesti. Julieta Vartabedian (2012) afirma que as travestis “no son “perversas” ni “enfermas”, sino que constituyen un tipo de identidad de género en la cual belleza “femenina” y genitalidad masculina se conjugan para definir la particularidad travesti” (Vartabedian, 2012: 3). Elias Veras (2017) faz uma genealogia

do termo travesti, mostrando a emergência de um sujeito travesti após a década de 1970, no Brasil. Segundo o autor, antes dessa década havia um sujeito que figurava apenas em espaços privados e fazia aparições episódicas, como no carnaval, por exemplo, utilizando perucas e enchimentos de espuma. Entretanto, a partir da década de 1970, inicia-se um processo de formação de uma subjetividade travesti e, nos anos 80, emerge, de fato, uma identidade travesti com relação estrita com as modificações corporais.

Veras (2017) argumenta que um dos fatores que possibilitou a emergência do sujeito travesti foi a localização dessa pessoa em uma era “farmacopornográfica” (Preciado, 2018), ou seja, a instalação de um novo regime de saber-poder-subjetivação. O termo se refere “aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual” (Preciado, 2018: 36). Segundo Paul B. Preciado (2018), é necessário pensar a sexualidade como parte de uma história ampla das tecnologias e do capitalismo na produção de objetos, transformação de matéria-prima (seda, plástico, silicone, couro etc.), até a história do urbanismo (ruas, parques, zonas, estradas etc.).

Na segunda metade do Século XX, houve um crescimento de setores industriais, como as indústrias bioquímicas, eletrônicas, informáticas ou de comunicação, as quais se tornaram os novos suportes industriais do capitalismo. Como Foucault (2008) já havia intuído na descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social, o sexo, o gênero, a sexualidade, a identidade sexual e o prazer se tornam não só objetos de gestão política, mas o centro da atividade política e econômica. Preciado afirma que, no Século XXI,

somos confrontados como um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e punk. Essas transformações recentes impõem um conjunto de dispositivos microprostéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. Nossa economia mundial depende da produção e circulação interconectada de centenas de toneladas de esteroides sintéticos e órgãos, fluidos e células (tecnossangue, tecnoesperma, tecno-óvulo etc.) tecnicamente modificados; depende da difusão global de um fluxo de imagens pornográficas; depende da

elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais (bromazepam, Special K, Viagra, speed, cristal, Prozac, ecstasy, poppers, heroína); depende do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação; depende de que todo o planeta se renda a uma forma de arquitetura urbana em que megacidades miseráveis convivem com altas concentrações de capital sexual (Preciado, 2018: 36).

Após a Segunda Guerra Mundial, há a emergência de um conjunto de profundas transformações das tecnologias de produção do corpo e da subjetividade. Segundo Preciado (2018), essas transformações nos obrigam a conceitualizar um terceiro regime de subjetivação, um terceiro sistema de saber-poder, que não é soberano nem disciplinar, nem pré-moderno nem moderno, mas uma sociedade farmacopornográfica. Esses três regimes de produção de corpos e subjetividades sexuais não deveriam ser entendidos como meros períodos históricos, mas como três técnicas diferentes e conflitantes de regime de poder que estão justapostas e atuam no corpo, produzindo nosso sujeito contemporâneo e nossa ficção somática. “Na sociedade disciplinar, as tecnologias de subjetivação controlavam o corpo a partir do exterior como um aparato ortoarquitetônico, mas na sociedade farmacopornográfica as tecnologias se tornam parte do corpo: diluem-se nele, tornam-se somatécnicas” (Preciado, 2018: 85).

Veras (2017) argumenta que a emergência de um sujeito travesti se deve às incorporações tecnológicas realizadas por elas, e à condição farmacopornográfica de circulação de informações, imagens e produção de desejos e subjetividades. Segundo o autor, nesse regime de subjetivação surgiu a oportunidade de criação de uma identidade travesti, não mais episódica ou ritualística, mas permanente.

Ao longo dos deslocamentos, as nomenclaturas utilizadas pelas travestis variam bastante. É comum em uma única frase ouvir uma travesti se referir à outra como *trans*, mas pode ser *bicha*, *viado* ou *mulher*. Eu havia acabado de aceitar o convite para me sentar à mesa com várias travestis em São Carlos/SP, quando Alexandra entrou no bar, pediu um *bombeirinho* (bebida feita com conhaque e groselha) e se juntou a nós. Ela bebeu um gole e

ofereceu para a amiga, que estava sentada ao lado. Charlotte, ao beber, fez uma careta e disse que estava muito forte. Alexandra riu, pegou o copo de volta, dizendo: “*Bebida de homem, viado!*”. As duas riram.

Ainda em São Carlos/SP, enquanto a companheira de Paulão tentava levá-lo embora, ouvi Steffany, apoiada no Balcão do Rampa’s Bar, conversando com a companheira de Paulão. Steffany argumentava que uma terceira pessoa, objeto da conversa, era “*travesti igual eu e você! Não é trans, não é operada, não é trans!*” – visão que divergia de sua interlocutora na discussão, pois essa se referia a pessoa como *trans*. Elas não chegaram a um consenso, mas essas falas e todas as outras, que aparecem nesta tese quando dizem *bicha*, *viado* etc., trazem à reflexão sobre como as categorias e classificações são utilizadas e manejadas no cotidiano das travestis, podendo suscitar novamente a discussão sobre gênero, identidade ou subjetividade travesti<sup>35</sup>.

Segundo Don Kulick (2008), as travestis “são ao mesmo essencialistas e construtivistas” (Kulick, 2008: 204). O autor afirma que, na conceituação da sexualidade travesti e do gênero masculino, um homem só é um homem devido ao seu desejo por vagina, e uma mulher é aquela que “biologicamente” possui uma vagina. Ou seja, a masculinidade está diretamente ligada à sexualidade, e a condição de mulher está ligada ao aspecto biológico. Contudo, o autor afirma que ser travesti está situado em um lugar que já passou por “uma fase masculina” e uma “fase feminina” (Kulick, 2008: 213).

Kulick também afirma que as travestis se julgam superiores às mulheres, mas reivindicar uma subjetividade feminina é impossível para elas, pois, além do aspecto biológico, as travestis

---

<sup>35</sup> Nascimento (2019) usa a expressão “universo trans” para designar um ambiente de múltipla produção de corpos, subjetividades e territorialidades que dependem da autoidentificação de pessoas como travestis, mulheres transexuais, pessoa trans, transformistas, transgeneristas, chicas trans, homens trans, entre outras categorias êmicas. Há na bibliografia uma interessante discussão sobre o uso do termo travesti. A discussão passa pela oposição ao termo “trans”, por este último reivindicar certa aceitação pública e o termo travesti ser marginalizado e ainda o debate segue por reclamar o termo travesti como sendo brasileiro e latino-americano. Ver sobre isso em Vartabedian (2012). Eu optei pelo termo travesti em função de ser como elas se autodeclaravam e por ser parte das divisões e classificações espaciais, como será mostrado a seguir.

desenvolvem um conjunto de práticas que tem o objetivo de trazer à lembrança de que elas são homens. Uma dessas práticas, segundo o autor, seria os “comentários galhofeiros” que uma dirige a outra em uma discussão não muito amigável, utilizando termos como “viado”, “bicha” e “mona”, com o intuito de “reiterar e chamar a atenção para o fato de que as travestis não são mulheres” (Kulick, 2008: 217).

Entretanto, ao pontuar a relação das travestis com os homens, Kulick afirma que elas “operam e se posicionam dentro de um sistema de gênero fluido e sutil” (Kulick, 2008: 229), pois afirmam que são do sexo masculino, mas não são homens. E não se consideram homens devido à atração física que sentem por homens. Ou seja, a subjetividade travesti é definida pelo desejo sexual e todas as suas práticas corporais, atividades profissionais e os relacionamentos afetivos das travestis são balizados por esse mesmo desejo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Kulick argumenta que ser travesti é uma espécie de radicalização da homossexualidade,

As travestis não se veem apenas como uma das expressões possíveis do desejo homossexual em um universo de muitas possibilidades. Elas se veem como a Arquiencarnação, a Verdadeira Expressão, o ponto final e almejado do desejo homossexual. Acreditam ser o desejo homossexual em sua forma mais perfeita e acabada (Kulick, 2008: 234-235).

O autor defende que as travestis atuam em um universo social composto por três tipos de pessoas generificadas: homens, mulheres e viados. Além disso, as travestis operam dentro de um sistema no qual há três gêneros: homens, mulheres e travestis (ou homossexuais). Contudo, “ao invés de pensarem sobre si como um terceiro gênero, as travestis gastam muito tempo procurando situar-se em relação a um binarismo generizado muito específico” (Kulick, 2008: 236).

Se Kulick lesse ou ouvisse, ele mesmo, uma travesti dizer para outra “*Bebida de homem, viado!*”, provavelmente iria elaborar uma argumentação que afirmaria que esse discurso faz parte de um conjunto de práticas que tem a função de lembrar o tempo todo que uma travesti não é uma mulher, ou que tal atitude reforça uma masculinidade que não é atingida pelas travestis, porque o que elas realmente são e lutam para ser é homossexual, haja vista o “*viado*” no fim da frase.

Ao analisar a obra de Kulick (2008), os trabalhos de Carrara & Simões (2007) e Barbosa (2015) chamam atenção para o exotismo e o “orientalismo” da obra – segundo os quais a identidade travesti seria o avesso dos modos modernos e ocidentais de construção de pessoa – direcionados ao Brasil e às classes populares brasileiras. Acrescentaria que a análise do “gênero travesti” de Kulick é orientada por um binarismo de gênero, que advém da concepção holista de indivíduo e sociedade.

Segundo Kulick (2008), em contextos modernos e ocidentais existe um indivíduo racional que opera dentro de um sistema no qual gênero e sexo estejam em esferas distintas da existência, e que isso não ocorre no Brasil, ou entre as travestis de Salvador. Contudo, não é somente o “orientalismo” que o leva a cometer equívocos em suas elucubrações sobre o “gênero travesti”. Tendo a pensar que o que lhe atrapalha é sua concepção holista e dicotômica de indivíduo e sociedade, que o faz permanecer em uma chave de compreensão que trata o gênero como uma identidade fixa e estável, não como algo que esteja em processo e se movimentando.

Não se trata apenas de argumentar por meio do conceito de pessoa travesti para “solucionar” o problema da compreensão do gênero travesti. Isso poderia, inclusive, reforçar o argumento do orientalismo, afirmando que no Brasil ou entre as travestis não há um indivíduo liberal moderno e que só é possível entendê-las a partir de outros constructos teóricos. Trata-se, então, de questionar até mesmo a existência desse indivíduo liberal moderno em outros países e outras localidades.

Portanto, isso não quer dizer que as travestis “operam e se posicionam dentro de um sistema de gênero fluido e sutil” (Kulick, 2008: 229); tampouco que elas procuram “situar-se em relação a um binarismo generizado muito específico” (Kulick, 2008: 236). Muito pelo contrário. Isso demonstra que um sujeito não é inteiramente determinado pelas regras pelas quais ele é gerado (Butler, 2016); e a ação pode ser situada como uma possibilidade de uma produção de diferença na repetição, pois as regras não são apenas restritivas, mas permitem a criação de alternativas de inteligibilidade cultural.

Com isso, quero dizer que penso o corpo-gênero travesti de maneira a colaborar para a elucidação da invenção do gênero e sua instituição e inscrição sobre os corpos como efeitos de verdade de um discurso sobre uma identidade estável. Por meio das travestis é possível pensar um universo em que o gênero não é falso, nem verdadeiro, interno ou aparente, original ou derivado. Um universo de possibilidades para as quais ainda não criamos classificações e ordenamentos que se adequem a um sistema de sexo, gênero e desejos; tampouco a um sistema econômico, social e moral.

Os atos dramáticos e transições corporais de travestis podem ser úteis para pensar sobre o desvelamento das falhas desse sistema que necessita de atos performativos repetidos para se firmar. Entretanto, é importante reiterar que isso são reflexões com base nas transições realizadas pelas travestis; não se trata de atos voluntários e deliberados das travestis com essa finalidade. Assim, meu argumento principal é que as *transições* corpo-gênero acontecem durante os deslocamentos ao mesmo tempo que os propiciam.

Respeitando todas as contribuições apresentadas, não tenho pretensão de classificar ou definir um gênero ou uma identidade travesti, a não ser pensando o gênero, enquanto conceito, como travesti, coincidindo com a noção de pessoa travesti. Retomando o argumento de Butler (2016) sobre como corpo e gênero não são distintos, tem-se que o corpo, assim como o gênero, é um devir. O devir corpo-gênero ocorre como um processo no decorrer dos deslocamentos,



não como finalidade deles. Nesse sentido, como já explicado, o corpo-gênero travesti está sempre em *transição*, dessa forma, a *transição* escancara o mecanismo velado de construção do gênero. Com isso, temos que o gênero, leia-se a classificação de gênero, é travesti, no sentido de também estar em uma *transição* constante sem pretensão de término. No caso das travestis com quem trabalhei, a *transição* ocorre durante os deslocamentos, não como uma finalidade, permitindo notar o caráter não metafísico do corpo-gênero travesti.

### ***CORPOS-GÊNERO EM TRANSIÇÃO NOS DESLOCAMENTOS***

Charlotte afirmou que nunca se pensou como um homem, não se sentia homem, mas tinha medo dos familiares não entenderem isso. Por isso, prorrogou o que ela chama de *transição*: “*Me sentia estranha no corpo de homem*”. Até os 20 anos, morava com a família e cursava Administração em uma faculdade particular em São Carlos/SP, mas “*não estava feliz com meu psicológico. Estava vivendo uma vida de mentiras, me sentia constrangida em ir ao banheiro masculino e dentre outras coisas*”. Aos 21 anos, começou sua *transição* com o processo de hormonização (ingestão de “hormônios femininos”), depois, submeteu-se a aplicações de silicone industrial nos quadris e nádegas, cirurgia para implantar próteses de silicone nos seios e, por fim, a rinoplastia (cirurgia plástica no nariz).

Havia alguns meses que fazia *programa* antes de iniciar o processo. Sua *transição* só foi possível e ou facilitada por estar se deslocando. Segundo ela, as *dicas* sobre os “hormônios femininos” vieram de *conhecidas* de *Rua* da época. O contato de uma *bombadeira* também foi passado pelas *conhecidas*. Essa *bombadeira* que fez a aplicação (a qual o nome sequer foi mencionado) foi acionada por essas *linhas*, dirigiu-se até São Carlos/SP, realizou o trabalho (mediante remuneração) e foi embora. Charlotte não mantém contato com ela, apenas sabe que agora ela está na Espanha, mas existem muitas que fazem esse tipo de trabalho e são requisitadas dessa forma, por meio de *linhas* entre *conhecidas*, segundo ela.

A implantação de próteses de silicone nos seios e a rinoplastia foram realizadas em clínicas diferentes, por médicos cirurgiões plásticos em São Paulo/SP. Os contatos das clínicas também foram fornecidos por *conhecidas* que não são necessariamente amigas ou pessoas com as quais são mantidas relações de amizade.

Jackeline, como já descrito, conseguiu realizar seus sonhos inserida nos mercados do sexo. Um desses sonhos era iniciar sua *transição*, a qual, segundo ela, consistia em comprar e ingerir hormônios, realizar implantes de silicone nos peitos, nádegas, pernas, cirurgias plásticas no rosto e vestir-se com as roupas que desejasse. Carol, apesar de afirmar que prefere não viajar mais e permanecer em Franca/SP, relatou que sua *transição* ocorreu durante os deslocamentos.

Carol e Jackeline já se *hormonizavam* em Franca/SP. Carol obteve as aplicações de silicone industrial em Ribeirão Preto/SP e as próteses nos seios foram realizadas em São Paulo/SP, mas Carol, Charlotte e Britney não se submeteram a essas cirurgias nas mesmas clínicas em São Paulo/SP. Jackeline recebeu as aplicações de silicone industrial nas pernas, nádegas e quadril de uma *bombadeira* em São Paulo/SP. Entretanto, não gostou da clínica que lhe apresentaram na capital paulista e realizou a cirurgia para implantação dos seios de silicone em Franca/SP, com um médico indicado por outra travesti. Nessa clínica, também fez rinoplastia, implantação de silicone nos lábios e bioplastia na maçã do rosto.

Keith realizou as cirurgias plásticas no nariz e lábios em Taboão da Serra/SP, os implantes de silicone industrial nos quadris, pernas e nádegas foram feitos por uma *bombadeira* que se deslocou até Campo Grande/MS para realizar o trabalho. Quando nos falamos, ela aguardava resoluções judiciais com seus documentos para estar livre para voltar a viajar e se deslocar até São Paulo/SP para realizar a cirurgia de implantação de silicone nos seios, pois, segundo ela, uma conhecida já lhe havia fornecido o nome do médico, telefone e localização da clínica na capital paulista.

Os deslocamentos corpo-gênero, além de compreenderem o sentido de transformações físicas com ingestão de hormônios, aplicações de silicone industrial e cirurgias, também contemplam técnicas e performances apreendidas ao longo dos deslocamentos. Técnicas essas que envolvem desde roupas e acessórios até cuidados com o cabelo, maquiagem, depilação e cuidados com a pele e unhas, *aquendar a neca*<sup>36</sup>, tom de voz, entoação, vocabulário e maneiras de falar, maneiras de andar (uso de sapatos de salto alto) e postura na *Rua*.

Segundo Britney, quando iniciou seus deslocamentos, ainda não dominava a técnica de *aquendar a neca* e era alvo de piadas e comentários maldosos de outras travestis. “*André, era uó, eu estava toda me sentindo, arrumada, perfumada e quando ia ver estava com as bolas tudo pra fora!*”, lembrou rindo alto. Hoje em dia, o seu domínio da técnica é tamanho que é capaz de realizar o processo de *aquendar a neca* em menos de 10 segundos, como demonstrado em uma madrugada após se abaixar atrás de uma banca de jornal fechada para urinar e se levantar rapidamente. “*É só deixar a neca pra baixo, empurra as bolas pra cima, tem um lugarzinho aqui que encaixa, aí é só puxar a neca pra trás, levantar a calcinha primeiro pela parte de trás e depois a parte da frente. Não fica igual uma racha [vagina]?*” – perguntou batendo a mão na região do púbis, levantando-se e rindo.

Cuidados com o cabelo, a pele, unhas e maquiagem são também técnicas e conhecimentos adquiridos durante os deslocamentos. A inspiração para Carol fazer o curso de cabeleireira veio de um contato realizado durante uma de suas poucas viagens. “*Em Ribeirão [Preto], tinha uma travesti na casa que arrumava as bicha antes da gente ir pra Rua que era uma coisa. Eu ia pra Rua com o cabelo belíssimo! Aprendi muita coisa com ela*”.

Até mesmo as compras de produtos cosméticos e maquiagens são negociadas na *Rua*, durante os deslocamentos. Em Campo Grande/MS, algumas vezes registrei a presença de Eduardo, um rapaz jovem, branco, aparentava ter perto de 25 anos, que as travestis me

---

<sup>36</sup> Aquendar a neca é basicamente posicionar o pênis e os testículos de modo a não demonstrar volume nas roupas. Aquendar se equipara a esconder, e neca corresponde a pênis.

apresentaram como “*uma gay que às vezes vende maquiagem pra gente*”. Pelo menos duas vezes presenciei solicitações de pedidos de lápis, sombra, batom e corretivo para Eduardo, o qual respondia dizendo que estava difícil encontrar das marcas solicitadas (MAC, Maybelline e Benefit), mas que iria *dar um jeito*. Segundo os testemunhos das travestis, Eduardo é um homossexual casado com outro homem e usuário de craque. As aparições esporádicas dele na *Rua* eram em razão de sua busca por traficantes. Elas suspeitavam que as maquiagens e produtos<sup>37</sup> poderiam ser resultado de furto, mas não tinham certeza e não se importavam.

As técnicas de maquiagem, além de serem aprendidas durante os deslocamentos devido ao conhecimento adquirido pelo contato com outras travestis em outros lugares e cidades, também eram aplicadas literalmente em movimento. Isso porque muitos atendimentos a clientes são realizados no interior de carros, caso o cliente não esteja disposto a pagar um quarto de motel ou queira apenas sexo oral (realizar ou receber). Ao findar o atendimento, muitas vezes, a maquiagem não está perfeita e sem defeitos para, inclusive, apresentar-se para o próximo cliente. Disso decorre que, ao sair de um carro no fim de um programa, é necessário retocar ou refazer a maquiagem. “*Menino, acabei de fazer uma maricona e tô toda borrada, olha minha cara*”, reclamou Alexsandra após sair de um carro e me encontrar em São Carlos/SP.

Com o passar do tempo e com o conhecimento obtido, as travestis, muitas vezes, aproveitam o espelho do carro para se maquiar, mas também utilizam o espelho que carregam em suas bolsas para fazer tal retoque na *Rua*, até mesmo conversando e caminhando do local onde descem do carro até onde estão as outras travestis.

Participei de longas e inúmeras conversas sobre promoções de bolsas, sapatos, brincos, acessórios, roupas em geral, cobranças de devoluções de peças de roupas emprestadas para uma determinada festa ou ocasião, e do prazer de Britney em se deslocar e comprar roupas em São Paulo (não só na capital, mas Campinas, Americana e São Carlos). “*Lá é muito melhor, mais*

---

<sup>37</sup> Além de cosméticos e maquiagens, também oferecia outros produtos. Monique já havia comprado um jogo de louça dele e, em certa ocasião, Eduardo me oferecera uma máquina de café.

*variedade, mais barato. Sem falar que aqui [em Campo Grande] você compra um vestido, sai pra Rua e tem três usando o mesmo vestido que você. Igualzinho! Ninguém merece”.*

Além disso, eram compartilhados conhecimentos sobre combinações, como montar um bom visual, sobre uma costureira que era “*amiga das travestis e cobrava baratinho*”, sobre como transformar uma peça em outra, como um vestido em saia, uma calça em shorts, por exemplo; e críticas sobre as roupas e aparência de outras travestis. “*Tá precisando perder uns quilinhos pra usar esse vestido, hein, bem?*”, é um exemplo de comentário realizado por uma travesti sobre outra que é avistada na outra esquina.

Não foram raros os momentos em que eu ria dos comentários jocosos sobre outras travestis (em geral, mais novas, mas não só) que não dominavam técnicas para andar elegantemente com sapatos de salto alto, como em “*olha lá, parece uma pata andando*”; ou se maquiar: “*tá parecendo uma palhaça com aquela cara*”. Esse tipo de julgamento é feito, em geral, de forma indireta ou sem a presença da pessoa alvo da observação, mas nada impede de ocorrer críticas acentuadas e diretas com a pessoa alvo dos comentários presente.

Contudo, apesar dessa opinião poder ser interpretada como maldosa ou até mesmo cruel, também pode ser entendida como uma forma de obtenção de conhecimento, na medida em que as presentes, tanto as travestis que não são o alvo no momento da crítica quanto até mesmo a que é, entendem que naquele contexto uma forma de se vestir (ou de se maquiar, de falar e de andar) não é apreciada e, dessa forma, aprende e desenvolve outras maneiras de estar na *Rua*.

Assim, observa-se uma epistemologia travesti que é criada nos deslocamentos e dependente deles, no sentido de ser um dos objetivos dos deslocamentos: “*a gente vai pra conhecer*”. É uma forma de conhecimento que é produto e produtora de movimentos, apresenta íntima relação entre o deslocamento corporal e o deslocamento geográfico e reforça a noção de pessoa travesti que se faz na ação, nos atos criativos que demonstram um corpo em devir constante que sempre deseja o novo. “*A gente faz assim, pega, viaja pra outra cidade, vai indo,*

*vai mudando. Depois que vai virando carne moída* [ficar muito tempo na cidade] *tem que viajar*". Como explicado no segundo capítulo, a expressão "*virar carne moída*" não tem necessariamente relação com supostas leis implacáveis do mercado de sexo e sua propulsão novidadeira, mas com a própria noção de necessidade de movimento das travestis.

"*Virar carne moída*" parece trazer uma ideia pejorativa de carne processada, mas também remete à noção de que o corpo não pode permanecer no mesmo lugar e nem permanecer com a mesma forma por muito tempo. Essa questão da duração do corpo é um dilema crucial. O deslocamento refresca e rejuvenesce o corpo, desacelera sua perecibilidade, não o deixa como algo inerte, moído e atualiza a pessoa travesti.

Os deslocamentos de travestis nos mercados do sexo não se orientam por ideias de estratificação, *status* e distinção econômica e ou simbólica (Kulick, 2008; Silva, 1993; Teixeira, 2009). Esse foco nas motivações e razões das volições dos deslocamentos permanecem atrelado à visão do deslocamento como sendo de um ponto A para um ponto B, como algo excêntrico, seguindo a estabilidade como regra, como norma anterior e esperada.

Portanto, não há um único desejo de se tornar "*Europeia*" (Pelúcio, 2009). Ser "*Europeia*" seria um signo nativo de *status*, o qual se confunde com a ideia de ser "bela" – devido ao êxito de transformação do corpo, mais "fina" e sofisticada. Conforme revelou Monique, não havia um plano, um sonho de ir para Europa; o convite foi inesperado e a viagem se deu rapidamente. Assim como não há uma rota traçada com um itinerário que compreenda do interior para capital e, posteriormente, Europa, por exemplo (Vartabedian, 2012; 2014). Não há um plano de ir para Europa para "fabricação de um corpo feminino" nas travestis, ou a "fabricação do feminino" em seus corpos para "se sentir mulher" (Benedetti, 2005).

Em março de 2020, Raabe entrou em contato comigo por meio da rede social Instagram. Na ocasião, morava em Bruxelas, na Bélgica. Antes disso, havia morado por 1 ano e 5 meses na Itália, passado por França, Holanda, Suíça e Luxemburgo. Segundo ela, os procedimentos

cirúrgicos e estéticos que se submeteu foram todos realizados no Brasil, antes de sua viagem para Europa. Nunca lhe ocorreu viajar para Europa com intuito de iniciar sua *transição*.

Há um esforço de minha parte em não criar teorias gerais apartadas de uma imersão etnográfica, atraídas por uma superação meta-discursiva da teoria nativa. O que intento aqui é demonstrar o *conhecer* como uma das metáforas de movimento criadas pelas travestis que promove deslocamentos corporais, tanto no sentido de mobilidade e trânsito de corpos por diferentes espaços como no sentido de mudanças, alterações, intervenções e transformações nos corpos.

Todas as travestis que participaram do trabalho de campo realizaram suas *transições* durante os movimentos, deslocando-se entre cidades e lugares. O fato de estarem em trânsito, movendo-se entre diferentes lugares possibilitou os contatos, a criação de *linhas*, o conhecimento e recebimento dos hormônios, domínio de técnicas corporais, cirurgias plásticas, conhecimentos sobre roupas, maquiagem etc. As aplicações de silicone industrial nas nádegas e as ingestões hormonais só foram possíveis porque, além de as travestis estarem em movimento, as pessoas que aplicavam o silicone, forneciam os hormônios e ensinavam as técnicas corporais também estavam se deslocando.

Contudo, é importante reiterar que, com exceção das *bombadeiras*, que muitas vezes são solicitadas e viajam para prestação de serviços, os deslocamentos corporais não são o resultado de um *telos*, ou seja, não são o único e real objetivo dos deslocamentos geográficos. Além disso, vale uma ressalva sobre as *bombadeiras*, pois muitas travestis aproveitam a presença de uma *bombadeira* na cidade em que estão no momento para realizarem mudanças em seus corpos. É muito raro uma *bombadeira* se deslocar até uma cidade para realizar aplicações de silicone apenas em uma travesti.

Na maioria das vezes, o convite é feito por duas ou mais travestis e, geralmente, outras travestis de uma casa (ou de outra casa na mesma cidade) se valem da oportunidade para iniciar,

retocar ou aumentar os implantes já existentes. Ou seja, a *bombadeira* também realiza outros deslocamentos não calculados previamente. Como está em movimento, outros movimentos derivam e se multiplicam, pois ao se deslocar, enseja o deslocamento de outras travestis de diferentes lugares e possibilita a ocasião de deslocamentos corporais de travestis.

A *bombadeira* também é uma expressão de conhecimento. Ela é a “detentora legítima do saber travesti” (Pelúcio, 2009: 91). Ela detém o conhecimento do corpo, as técnicas para aplicar o silicone líquido e os cuidados antes e depois da aplicação, de modo a evitar efeitos colaterais. Antes da aplicação, a *bombadeira* avalia se o corpo está “*bom pra ser bombado*”, ou seja, se ele já passou por “terapia hormonal”, de modo a deixá-lo com formas mais arredondadas e com seios e quadris maiores. No momento da aplicação, a *bombadeira*, muitas vezes, conta com a ajuda de outra travesti momentos antes, para amarrações de partes do corpo, preparar o local, saber a quantidade de líquido necessário, onde serão os furos, encher o copo com silicone, preparar e encher as seringas (sem deixar entrar ar na seringa), aplicar e observar o comportamento do silicone no corpo. A *bombadeira*, geralmente, recebe esse conhecimento de outra travesti por meio da observação ou como auxiliar durante as aplicações.

A atividade da *bombadeira* incita abstrações e provoca elaborações sobre movimentos de fluidos por meio do próprio ofício, ou seja, do ato em si de inserir uma substância no interior do corpo, sob a pele. A palavra *bombadeira* é uma criação do contexto travesti para se referir à pessoa que movimenta e desloca o corpo de outra de maneira a deixá-lo “bombado”, ou seja, trabalhado em uma forma desejada, com êxito, mas também pode suscitar uma imagem de movimento, se pensarmos como uma derivação, um deslocamento do ato de “bombear”, isto é, movimentar um fluido por meio de uma “bomba”, máquina ou dispositivo.

Segundo o relato etnográfico de Pelúcio (2009), o silicone “anda”, ou seja, espalha-se, movimenta-se no interior do corpo travesti durante e após as aplicações<sup>38</sup>. Isso traz mais

---

<sup>38</sup> Não presenciei a aplicação de silicone, apenas ouvi queixas de dores em função da movimentação do silicone pelos seus corpos.



elementos para reflexão sobre os deslocamentos que compreendem o contexto travesti, apontando que, além das técnicas corporais, as quais são atualizadas cotidianamente, os procedimentos cirúrgicos também não são pontuais e não se encerram após um evento. O corpo-gênero travesti inicia sua transição e não almeja um fim e, como visto, há uma íntima relação entre a *transição* do corpo-gênero e os deslocamentos geográficos. Dessa forma, o *conhecer* como metáfora de movimento produz significados sobre os trânsitos e as construções do corpo-gênero, das mobilidades das travestis pelos territórios e sobre como elas inventam cidades e espaços ao longo dessa relação entre *transição* e deslocamentos.

### ***CIDADES TRAVESTIS***

O *conhecer*, ao se apresentar também como processo, não apenas como finalidade, revela que a urbe das travestis é uma soma de cidades, um espaço contínuo que dissolve os lugares em imagens cromáticas de cidade. Cromatismo aqui pensado como a propriedade de dispersão, decomposição e recomposição da luz por meio de objetos. A luz, após passar por um objeto, decompõe-se e recompõe-se em outro, saindo de uma região da cor para outra de forma inesperada. A imagem de uma escala cromática de cores ajuda a pensar o deslocar das travestis entre cidades, estados, países e continentes. Quero dizer com isso que as travestis passam de uma cidade para outra de maneira semelhante às variações de tonalidades em uma tabela de cores de uma escala cromática.

Em uma escala cromática de cores, é difícil situar exatamente um lugar específico de um vermelho puro. Ao se movimentar, pode-se sair do vermelho e inesperadamente atingir um azul violeta ou até mesmo um verde sem perceber a passagem pelo violeta, laranja e amarelo. Da mesma forma, os deslocamentos travestis não operam segundo unidades discretas, organizações estatais, político governamentais e de fronteiras. Como já visto, o deslocamento se dá ao longo de *linhas* e as transformações corporais de forma semelhante.

Dado o exposto, quero pontuar de forma reiterada que esses cálculos e planejamentos que compreendem uma cidade como um ponto circunscrito e delimitado não povoam o imaginário dos deslocamentos das travestis. Basta lembrar, por exemplo, as trajetórias de Monique, que foi surpreendida por um convite para ir para a Europa. Dessa forma, é possível criar a imagem de cidades dispostas como em uma escala cromática que, ao se movimentar, geram uma imagem monocromática, ou seja, uma cidade que é um montante de outras cidades, um espaço continuado.

A cidade travesti é pensada aqui como espaço contínuo com base na perspectiva das travestis, portanto, não possui relação com a noção de “circuito” (Magnani, 2014). A categoria “circuito”, apesar de pensar os deslocamentos, descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um mesmo serviço em estabelecimentos e lugares que não sustentam uma relação de contiguidade espacial, mas são coerentes, mantêm uma perspectiva de totalidade e são reconhecidos em seu conjunto pelos usuários, clientes ou consumidores, não a partir de quem oferta os serviços.

Do ponto de vista do usuário, talvez seja possível pensar em um circuito de serviços ofertados por travestis nos mercados do sexo, ou uma “geografia do prazer” (Rago, 2008) traçada pelo circuito da prostituição no espaço citadino. Em Franca/SP, esse circuito compreenderia três regiões onde há presença de travestis, uma do lado oeste ao longo da Avenida Brasil, outras duas a leste, na região chamada por elas de “Rochfer”, e nos arredores da Avenida Santos Dumont. Em Campo Grande/MS, olhando a partir da perspectiva de quem consome os serviços, é plausível pensar um circuito que compreenda as regiões da Rodoviária, Centro, da Avenida Costa e Silva e da Rua Calarge. Contudo, a cidade travesti como um espaço contínuo aqui é pensada a partir dos deslocamentos (irregulares) realizados pelas travestis e de como elas se relacionam com as cidades.

Esse argumento se relaciona com a proposta de Silvana Nascimento (2018) sobre novas possibilidades de pensar o urbano que não estão diretamente associadas a cidades específicas, mas a um complexo urbano de cidades médias e pequenas, tal qual é a tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia. Nesse complexo urbano, há uma forte presença de travestis e transexuais em constantes fluxos e circulações não só entre cidades, mas também ao longo dos rios, atravessando as fronteiras (Olivar, 2014; Nascimento, 2018). Esse complexo urbano não é definido por cada unidade administrativa separadamente, mas pelas relações que essas cidades estabelecem entre si e pelas maneiras pelas quais pessoas e coletividades circulam e as classificam.

Essas cidades fronteiriças aparecem como uma única cidade, como um holograma construído pelas travestis que habitam a cidade para além dos limites geopolíticos, quando pensada a partir da estreita relação entre a produção de beleza, transformação corporal, economias sexuais e deslocamentos espaciais. Nesse sentido, corpo e espaço estão embutidos em um jogo permanente de desejo, consumo e mobilidade. E, assim, entre corpo e espaço, são produzidas subjetividades e afetividades.

Segundo Nascimento (2018), essas “cidades desejo” seriam expressas como uma cidade devir, uma cidade que se dá nos interstícios, não apenas localizada em um mapa político administrativo, mas em territorialidades que são feitas e refeitas por experiências urbanas materializadas dentro e fora das “cidades oficiais”, que tomam forma em sua mobilidade e heterogeneidade.

Ainda segundo a autora, pela perspectiva de travestis e transexuais, os espaços urbanos são traçados pelas demandas corporais, afetivas e econômicas que os localizam na paisagem de bairros nas cidades fronteiriças do Alto Solimões, principalmente onde circula um grande número de pessoas, como margens de rios e avenidas. Essas “cidades desejo”, cidades da fronteira, do complexo urbano, podem ser definidas pela mobilidade espacial e transformação

corporal e pensadas como lugares estratégicos em que circulação e mobilidade são presentes na constituição de uma certa “trans urbanidade” (Nascimento, 2018: 10), que ocorre precisamente na impermanência e movimento entre as cidades nas margens urbanas.

As cidades travestis dialogam e se aproximam das “cidades desejo” (Nascimento, 2018). Contudo, apesar de também não pertencer ou se limitar a unidades administrativas, penso a impermanência e o movimento constante não diretamente ligados à condição de fronteira, como um lugar estratégico, tático, planejado em função de uma “natureza” de circulação e mobilidade, mas à noção de pessoa travesti, que *não tem parada, não se prende a lugar nenhum, cria linhas, sai doida e viaja para conhecer*. As cidades travestis podem até ser um holograma de uma cidade elaborada a partir das travestis, mas elas devem ser pensadas com base nos atos das travestis e não de algo que lhes escapa, que lhes é externo, como uma condição político-econômica de fronteira física.

As travestis não somente se aproveitam dos movimentos existentes, apesar de até fazerem isso, mas não são exclusivamente guiadas por eles, não dependem de uma condição dada, não planejam rotas a partir dessas condições de movimento; elas criam os movimentos. Elas não mudam de acordo com a cidade, elas mudam a cidade. “*Cidadezinha de interior é melhor que capitais. Interior é maravilhoso! Porque é novidade, as pessoas ficam ‘Ah, Nossa! Travesti! Meu Deus! O povo choca! É algo novo, entendeu? A maioria gosta, fica curioso e procura’*”, relatou Keith sobre o contraste e mudança causada por uma travesti em cidades como Chapadão do Sul/MS, de pouco mais de 15 mil habitantes, Coxim/MS, com pouco mais de 31 mil habitantes, ou Telêmaco Borba/PR, com aproximadamente 79 mil habitantes. Por isso, a ideia de que criam uma cidade para si no momento que se deslocam e de que essa cidade existe no decorrer dos deslocamentos.

A cidade travesti se apresenta como contínua em função das *linhas* que as travestis criam. Como visto, essas *linhas* possibilitam os deslocamentos entre cidades (no sentido formal,

político-administrativo) ocorrerem. Quando as *linhas* são criadas, a distância física, as fronteiras, ou qualquer limite decorrente de um imaginário de gestão pública não exercem influência decisiva para as travestis em seus deslocamentos. O fato de haver *linhas* entre elas faz com que a cidade travesti seja um espaço contínuo, que existe ao longo dos deslocamentos. Assim, a cidade que é elaborada à medida que as travestis se deslocam nela. Ou seja, a cidade travesti não é um palimpsesto, não é dada, imposta, mas construída nos movimentos.

Todavia, as cidades são compostas por uma miríade de relações, as quais colocam para as travestis negociações constantes com os espaços. Durante os deslocamentos, as travestis elaboram sua cidade, mas não sem encontros e conflitos com outras organizações e modos de pensar os territórios. Em São Carlos/SP, por exemplo, as travestis costumavam ocupar a região próxima ao cemitério Nossa Senhora do Carmo, na região norte de cidade, mas, após sofrerem perseguição policial, deslocaram-se para o centro da cidade, na região da praça do jardim público, próximo à Catedral de São Carlos. Nessa área, travaram conflitos com os padres e habitantes, forçando-as a mudar de região. Atualmente, ocupam a região da Avenida Getúlio Vargas na parte sul da cidade (Rodrigues, 2015).

Além das negociações com outros atores da cidade, as travestis negociam entre elas e entre as outras pessoas que participam dos mercados do sexo que operam na *Rua*. As barganhas realizadas entre elas, como explicado na introdução da tese, criam espaços classificatórios, como lugar de travestis mais novas, mais velhas, com mais ou menos roupa. Apesar da dinâmica presente no contexto travesti, na qual, como visto, aponta para relações não enrijecidas e sem problemas nas transições do corpo-gênero, permitindo que elas se tratem por *bicha*, *trans*, *viado*, *mulher* e *travesti*, a construção social dos espaços de consumo não acompanha essa fluidez.

As demarcações espaciais que classificam os territórios como locais de travestis, espaço para mulheres e região dos michês masculinos são fruto de conflitos e negociações entre os

atores dos mercados do sexo, mas também se dão em função de uma demanda própria de organização social de espaços de consumo.

O cliente que procura serviços sexuais tem suas preferências e não gosta de ser surpreendido. Algo muito semelhante ao retratado no filme *Tangerine* (Sean Baker, 2015), quando o taxista Razmik fica extremamente indignado por confundir uma mulher com uma travesti. Razmik é cliente assíduo dos serviços ofertados pelas travestis e costuma frequentar os lugares onde as travestis transitam. Certa ocasião, o taxista convida para o seu carro uma mulher que estava na calçada a espera de clientes. Quando Razmik constata que ela não é travesti, solicita que ela saia do carro imediatamente dizendo “*Aquela quadra que você estava trabalhando ali? Não é para mulheres. Você não deveria estar lá. Quadra errada! Rua errada para você! Não trabalhe naquela rua! Aquela rua não é para mulheres!*”<sup>39</sup>. Situação que exemplifica a razão das divisões espaciais, conforme Raabe me explicou: “*é bom pro cliente e é bom pra gente também, o cliente sabe onde a gente tá e vem direto*”.

Contudo, essas fronteiras e delimitações não são estáticas e intransponíveis. É possível encontrar mulheres em territórios de travestis e vice-versa, assim como acontece de se deparar com michês nos locais ocupados por travestis e o contrário também ocorre.

Um hotel localizado no centro de Campo Grande/MS, na região ocupada por travestis, era frequentado por mulheres e travestis. Após acompanhar Britney até o referido hotel para receber um *cliente*, minha interlocutora, ao avistar uma “amiga” mulher saindo ao fim de um programa acompanhada por um cliente homem, pediu “*você vai voltar pra praça [Ary Coelho]? Você pode dar uma carona pro meu amigo?*”, ao que a mulher consultou seu cliente e, com a resposta positiva, fez-me a gentileza. O cliente era um gerente comercial de uma empresa situada em Porto Alegre, de passagem a trabalho em Campo Grande/MS. No caminho, no interior do carro, nós três, um cliente, um pesquisador, uma mulher, conversamos sobre vinhos

---

<sup>39</sup> Tradução livre para “That block you’re working over there? That’s not for pussies. You shouldn’t be there. Wrong block. That’s the wrong track for you. Don’t work that track! That track is not for pussies!”

tintos nacionais produzidos no Rio Grande do Sul, após sair de um território que supostamente abrigaria somente travestis e seus clientes.

São movimentos como esse serve de exemplo, que explicitam os deslocamentos cromáticos, de um espaço da cidade a outro, ausente de disrupções ou conflitos, que caracterizo os deslocamentos das travestis entre lugares, cidades, estados, países e continentes. Embora exista certo jogo político das travestis com as cidades, na conquista dos espaços, divisões, espaços classificatórios, o confronto das travestis com a urbe não se dá no modo institucional, de ceder ou não ceder em relação à cidade.

Nesse jogo de negociações, Keith apenas fazia menção a um “*ritmo da cidade*” que precisavam estar atentas, mas não impõe sobre elas limitações nos deslocamentos. Esse “*ritmo da cidade*” fazia referência aos horários de atendimento a *clientes*. Em cada cidade há um certo perfil de *cliente* e horários mais disputados, de movimentos intensos de procura por *programas* com as travestis. Em São Carlos/SP, por exemplo, as travestis já estavam na *Rua* perto de 20 horas, pois nesse horário havia grande procura. Já em Campo Grande/MS, o movimento se intensificava após às 22 horas e, segundo Keith, por volta das 6 horas e 30 minutos havia muita procura: “*os homens deixam a mulher no trabalho, o filho na escola e ligam pra gente*”.

Esse “*ritmo da cidade*”, para permanecer na ilustração sugerida, corresponderia a uma localização na escala cromática. Contudo, não faz de cada cidade visitada pelas travestis um ponto isolado, sobretudo, considerando que ao *não ter parada e não se prenderem a lugar nenhum*, o círculo cromático está sempre em movimento, produzindo a imagem holográfica de uma única cor, ou uma única cidade.

Ampliando o argumento, é possível não pensar apenas em uma cidade contínua para todas as travestis, mas cidades singulares em que os corpos das travestis são uma espécie de cartografia, um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que se apresentam como metáforas de suas trajetórias. Os deslocamentos se tornam visíveis nos

corpos, na medida em que um penteado foi aprendido em Ribeirão Preto/SP, uma cirurgia para implantar silicones nos seios foi realizada em São Paulo/SP, o implante de silicone industrial nas nádegas, quadris e pernas foi realizado em São Carlos/SP, por uma *bombadeira* de Campinas/SP, técnicas de depilação, maquiagem e “*aqueendar a neca*” foram adquiridas em Campo Grande/MS etc.

Dessa forma, mais do que pensar um corpo espalhado, é possível refletir sobre como cada corpo expressa uma cidade singular, que é a soma de todas as cidades pelas quais a travesti transita, suas *linhas*, relações e sentidos. Esse corpo não é uma síntese incompleta ou inconclusa da relação entre corpo e cidade, mas um ato contínuo, feito, desfeito e refeito por meio de relações sem pretensões de um fim. O corpo-gênero travesti expressa o conhecimento, uma memória urbana, uma inscrição, um registro de sua experiência na cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta.

Pensar a cidade travesti como uma cidade ímpar que agrega continuamente outras cidades é não fazer distinção entre objeto cartografado e sua representação, uma vez que a relação é recíproca e contínua. Dessa forma, há uma continuidade entre corpo e cidade como instâncias de um único processo de coplasticidade, instaurado pelo engendramento entre a cidade e a corporalidade das travestis.

A cidade travesti é um desdobramento da epistemologia travesti, advinda do *viajar para conhecer*, o qual coloca o corpo-gênero em *transição* constante, possibilitando elaborações sobre o gênero travesti, mas, principalmente, permitindo a constatação de gênero como uma invenção sobre os corpos sexuados a partir de regimes de verdade que necessitam ser reiterados. No caso específico das travestis com quem trabalhei, a *transição* ocorre durante os deslocamentos geográficos, expondo estreita relação entre *transição* e deslocamentos, desdobrando cidades travestis, cidades singulares expressas nos corpos.



## O TROPO TRAVESTI, À GUIZA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Durante a minha trajetória como pesquisador, realizei deslocamentos de temas de trabalho motivado pelas descobertas empíricas. Do interesse na segregação e no reconhecimento do espaço urbano, desloquei-me para a ocupação, apropriação e produção de espaços na cidade realizadas pelas travestis (Rodrigues, 2015). Dessa forma, foi possível identificar a *Rua* travesti e apreender seu caráter dinâmico, polissêmico e sua capacidade de elaborar conjunções e justaposições.

Devido ao intuito de investigar as razões pelas quais a *Rua* tem tais peculiaridades, dediquei mais atenção às anotações de campo e entrevistas, o que me deslocou para a assimilação de um contexto específico, no qual as travestis, enquanto jovens<sup>40</sup>, *não têm parada e não se prendem a lugar nenhum*. A percepção dos deslocamentos travestis me instigou a entender os significados dos deslocamentos travestis que, a princípio, pensava serem apenas geográficos. Para entender melhor esse contexto travesti, fiz do deslocamento o próprio método de pesquisa. Tal fato me levou a realizar trabalho de campo em três cidades e, conseqüentemente, a compreender que as travestis não se deslocam para conseguir ganhos materiais, sociais e simbólicos, mas essas aquisições ocorrem durante os deslocamentos.

Dessa forma, concluí, no segundo capítulo, que os deslocamentos não eram apenas de ordem espacial e geográfica. Isso me fez, inclusive, não considerar esses deslocamentos como uma função, como algo extrínseco à pessoa, um instrumento para realizar algo, mas como relação, rejeitando o pressuposto do movimento como exceção, acidental, secundário, ou

---

<sup>40</sup> Vale a pena reiterar que há um recorte de criação de um contexto para pensar esses deslocamentos. Como exposto no capítulo 1, entendo contexto como algo que é, ao mesmo tempo, parte da experiência e algo que ela constrói; é um ambiente no interior do qual pessoas e elementos simbólicos se relacionam entre si, e é justamente constituído pelo ato de relacioná-los. Nesse contexto específico, as travestis atuam nos mercados do sexo e estão em uma faixa de idade que vai dos 18 aos 35 anos. Entendo que há outras tantas experiências travestis em outros contextos e não pretendo homogeneizar todas essas vivências. Seria, inclusive, deveras interessante uma investigação sobre deslocamentos, movimentos, fluxos e intensidades de travestis em outros contextos, como a da militância organizada, movimentos sociais, diferentes faixas etárias etc.

derivado em relação à estabilidade. As travestis nesse contexto demonstram que *não ter parada* é um modo de ser no mundo, uma maneira de expressar a maneira pela qual elas estão num tornar-se por meio das relações, fazendo, inclusive, do deslocamento geográfico e espacial produto e produtor dessas relações.

Desse modo, um dos aspectos de *não ter parada* ficou mais evidente, a saber, o imperativo dos movimentos e instabilidade nesse contexto travesti. O caráter contundente dos deslocamentos pode ser uma chave explicativa para a recusa ou o desinteresse das travestis com quem trabalhei sobre assuntos relacionados à regulamentação do trabalho sexual, como colocado na introdução desta tese, uma vez que esse tipo de organização pressupõe certa estabilidade e diálogo com o Estado. Além disso, os deslocamentos travestis podem oferecer, inclusive, uma pista para pensar sobre o trabalho sexual, mesmo informal e sem regulamentação, como não sendo a mais degradante das atividades.

Lamento não recordar o nome de uma estudante do programa de Pós-Graduação em Sociologia e militante do Partido dos Trabalhadores (PT) que, durante uma conversa na UFSCar, questionava-me sobre a razão de eu não abordar o programa Transcidadania, promovido pela prefeitura de São Paulo na gestão do então prefeito Fernando Haddad, em 2015. Segundo ela, o Transcidadania proporcionava oportunidades “*infinitamente!*” melhores que o trabalho sexual. O programa, coordenado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, oferecia bolsa auxílio de R\$ 840,00 a travestis e transexuais que desejassem estudar. O benefício era concedido para que os travestis e transexuais pudesse se qualificar pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). O intuito era promover educação e qualificação para o trabalho, visando oferecer para travestis e transexuais uma espécie de cidadania atrelada à educação e ao trabalho.

Recordo que apenas respondi que essas questões ainda não haviam aparecido durante o trabalho de campo. Não sei qual seria a reação dela ao saber que Raabe deixou o emprego como

vendedora para atuar nos mercados do sexo; ou ainda se soubesse que Virgínia, após garantir uma vaga de emprego em uma lanchonete e aguardar uma entrevista para uma loja, demonstrou desejo de viajar, deixando as oportunidades de emprego para trás; ou se tivesse conhecimento que, após deixar o emprego na fábrica de sapatos, Carol combinava o trabalho em seu salão de cabeleireira e os *programas* na *Rua*.

A fala de Britney sobre achar um absurdo ficar impossibilitada de *viajar* quando estava realizando um trabalho com a Associação de Travestis e Transexuais do Mato Grosso do Sul (ATMS) vibrou ao meu ouvido na mesma frequência da fala de Raabe sobre *não se prender a lugar nenhum*. A ideia de estar aprisionada, impedida, condenada a algo, a algum lugar ou a uma pessoa é extremamente rechaçada pelas travestis que me proporcionaram interlocução. Segundo Jackeline, permanecer por muito tempo em algum lugar é o mesmo que estar prestes a estragar e apodrecer como uma carne moída, processada, em pedaços, sem vida.

Além disso, o desejo por liberdade também é manifesto na escolha de atuar na *Rua* e não em casas, “*na Rua é melhor. Faço meu horário, meu preço, escolho o cliente, não sou obrigada a ficar bebendo pra dar lucro pro bar*”, afirmou Keith<sup>41</sup>. Além disso, a ânsia por independência e autonomia pode ser interpretada em sua desconfiança com o Estado sobre a possível existência de pagamento de impostos e tributos caso o trabalho sexual fosse regulamentado: “*Ah, aí não, por que certeza que o governo vai querer ficar com parte do dinheiro, né?*”.

A vontade de não estar presa, e, portanto, estar livre, é materializada nas viagens: “*A gente não tem patrão, não tem nada, tem que viajar, conhecer, já não tem muito paradeiro mesmo. Então daí a gente viaja. É bom, na verdade todo mundo queria viajar, né? É gostoso*” – afirmou Monique, estendendo seu desejo a “todo mundo”. Segundo ela, há uma natureza

---

<sup>41</sup> Segundo ela, quando se trabalha em boates, uma das recomendações da casa é conduzir o cliente a gastar mais dinheiro com bebidas e porções oferecidas no bar do estabelecimento, de maneira a aumentar a lucratividade da boate.

humana que faz com que todas as pessoas desejem e gostem de viajar, mas não o fazem. Elas fazem porque elas podem. E só podem porque não estão presas.

Essa liberdade como valor é manifesta igualmente na maneira como elas constroem, desconstroem e reconstroem as relações. Como demonstrado no terceiro capítulo, para que o deslocamento geográfico exista, é necessária a criação de *linhas travestis*. Um dos aspectos da *linha travesti* pode se referir a uma espécie de indicação, ou fornecer e atestar referências e confiabilidade de uma travesti sobre a outra para ser recebida em outra cidade. Entretanto, essas *linhas* não constituem redes estáveis de referência para deslocamentos de outras travestis, mas são rarefeitas e contingenciais, sem padrão de repetição, ordenamento de direção ou rota.

As linhas no contexto travesti se mostram como uma metáfora de movimento que só existem durante a ação e, apesar de possibilitar diálogos com outros conhecimentos, não é uma aplicação do significado, mas uma extensão criativa dele; não é algo meramente simbólico ou uma metáfora tola, mas expressão específica que sintetiza uma relação que produz um evento muito considerável, a saber, a possibilidade de outras relações.

Por não se estabilizar e inviabilizar, de certo modo, a manutenção de amizades pautadas pela sociabilidade, afinidade e confiança para realização até mesmo de alianças políticas, as travestis são acusadas, inclusive por outras travestis, de “não possuírem consciência”. Como exposto no terceiro capítulo, Maria Madalena repetiu algumas vezes que meu trabalho deveria ser sobre conscientizar as travestis, uma vez que elas são muito *desunidas*, só pensam em viajar e não refletem sobre o envelhecimento. Isso, na concepção de Maria Madalena, seria um erro, pois a beleza da juventude é passageira, ninguém escapa do processo de senilidade e, para ter uma velhice tranquila, seria necessária a solidez de um grupo unido para ajuda mútua e reivindicação de direitos.

Como exposto no segundo capítulo, Cris Stefanny também lastimou a dificuldade em realizar atividades com as travestis tanto na Associação de Travestis e Transexuais do Mato

Grosso do Sul (ATMS) quanto na Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas LGBTQIA+ em Campo Grande/MS<sup>42</sup>. Segundo ela, desde o começo de sua militância até hoje, é muito difícil engajar as travestis nos movimentos sociais e coletivos, pois “*elas não têm consciência, sabe?*”.

Segundo Andrômeda Black, a *drag queen* que ajuda a organizar a Corrida das *Drags*, em Campo Grande/MS, descrita no segundo capítulo, o fato de Britney se ausentar do júri da competição, sem justificativa e sem aviso prévio, é uma confirmação de que não se pode confiar em travesti ou contar com elas para eventos que, por meio de festas, visam realizar políticas de visibilidade LGBTQIA+.

Esse quadro configuraria, segundo Maria Madalena e Cris Stefanny, um retrato de uma pessoa que não possui consciência, mas apenas uma preocupação com o presente e com o corpo. A afirmação de minha interlocutora sobre a preocupação supostamente excessiva com o corpo encontra eco em alguns trabalhos sobre travestis e transexuais, os quais argumentam existir uma consciência travesti que se inicia no corpo. Retomo aqui, rapidamente, com um foco ligeiramente deslocado, uma discussão que realizei sobre o corpo-gênero no quarto capítulo, de modo a contribuir com minha ponderação final sobre como o imperativo do deslocamento no contexto travesti pode oferecer um tropo da recusa interessante sobre a contemporaneidade. Realizo essa observação de modo a continuar operando deslocamentos no texto, como anunciado no primeiro capítulo, sem a pretensão de encerrar ou estabelecer um ponto de parada na discussão, assim como os deslocamentos travestis.

Segundo Benedetti (2005), as transformações do corpo das travestis são uma prática estruturante da visão de mundo delas. As travestis têm o corpo como produtor de significados, símbolos e sentidos; e é no corpo e por meio dele que os sentidos de masculino e feminino se

---

<sup>42</sup> Pelúcio (2009) demonstra a dificuldade de atuação e a reavaliação de estratégias do programa “Tudo de Bom!” para implementar um projeto efetivo de prevenção de IST/AIDS com as travestis muito em função de as travestis não terem parada.

concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. Segundo o autor, o corpo é linguagem e é nele que as travestis se produzem enquanto sujeito.

Outros trabalhos sobre travestis interpretaram os deslocamentos como reveladores da preocupação central com o corpo que elas possuem, pois viajam para modificar seus corpos. Vartabedian (2012) afirma que o gênero travesti é construído a partir da modificação corporal e das relações sexuais e que as “migrações trans” configuram uma busca de benefícios econômicos, materiais, sociais e simbólicos enquanto constroem suas identidades. Tal colocação vai ao encontro do argumento de Bento (2017) sobre o significado da cirurgia de redesignação sexual para pessoas transgêneros. De acordo com a autora, o principal motivo para pleiteá-la é a “busca por inserção na vida social” (Bento, 2017: 179).

Esse embate entre uma pessoa que adquire e desenvolve consciência por meio de ilustração e/ ou luta política, em contraposição à pessoa que obtém consciência a partir do próprio corpo, é presente na trajetória dos movimentos políticos no Brasil. Segundo Regina Facchini (2005), com a redemocratização, mudanças significativas surgiram nas possibilidades de relacionamento entre movimentos sociais e Estado. A autora destacou o crescimento das Organizações Não Governamentais – ONGs, o deslocamento da categoria “povo” para categoria “cidadão” no imaginário político nacional e a mudança da ênfase de “igualdade” para a ênfase “no direito à diferença” nas lutas e reivindicações dos atores da chamada sociedade civil.

Esse deslocamento de “povo” para “cidadão”, segundo Facchini (2005), legitimou a multiplicidade de atores coletivos e suas demandas por reconhecimento de especificidades e de sujeitos que se sentiam invisibilizados ou de algum modo excluídos, abalando a rígida dicotomia entre redistribuição e reconhecimento, trabalhadas por movimentos na década de 80 do Século XX, sob as denominações de “movimento popular”, “movimentos alternativos” e “libertários”.

Facchini (2005) ressaltou que, no fim dos anos 1980, uma série de trabalhos sobre movimento homossexual e movimento de mulheres foi marcada por desconfiança por certos setores da “esquerda” por não identificarem esses movimentos como tratando de questões relativas à consciência de classe, classificando-os como uma luta secundária. Contudo, de acordo com a autora, esses movimentos apontavam para a necessidade da construção de uma “comunidade de iguais”.

Apesar de escolher o grupo Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor: Grupo pela Conscientização e Emancipação da Minorias Sexuais (CORSA), fundado em 1995, na cidade de São Paulo, como *locus* da pesquisa de campo, Facchini (2005) se deparou com uma ampla diversidade de formatos e identidades no interior do movimento. Por meio da análise de processos de construção e reconstrução de identidades coletivas, a autora explorou a dinâmica interna do movimento, na qual, a princípio, demonstrava uma ausência de sentido ou de coerência, em relação à proliferação de siglas e segmentação de categorias com a finalidade de nomear o sujeito político do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), depois chamado de Movimento de Gays e Lésbicas (MGL), em seguida Gays Lésbicas e Travestis (GLT) e posteriormente por Gays Lésbicas Bissexuais e Transgêneros GLBT.

Tais demandas por reconhecimento desses movimentos inspirou uma série de autores a pensar sobre as formas de subjetividades emergentes que estavam explícitas nos movimentos, mas não só neles. Dessa forma, muitos trabalhos sobre travestis se propuseram a pensar a possibilidade de classificar as travestis como um novo sujeito político<sup>43</sup>, ou pensar sobre uma subjetividade travesti.

A subjetividade travesti passou a ser pensada como uma derivação do corpo, da não adequação ao sistema binário de gênero. Alguns autores se utilizaram de experiências não

---

<sup>43</sup> “A revolução será travesti, ou não será!”, disse Keila Simpson, presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em entrevista ao *podcast* “Museológicas”, no dia 06/07/2020. O projeto de extensão “MuseoLógicas Podcast” faz parte das ações do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

ocidentais para pensar as travestis com base no conceito de “terceiro gênero” (Herdt, 1996). O termo “terceiro gênero” foi usado para destacar a impossibilidade de usar categorias de gênero dicotômicas como uma estrutura explicativa para a evidência etnográfica encontrada em algumas sociedades não ocidentais.

Ao contrário de uma abordagem essencialista, iniciou-se uma série de investigações antropológicas com a convicção de contribuir para a “decomposição” do sistema dicotômico de gênero e sexual como natural e universal. A comparação intercultural foi usada, portanto, para minar as raízes biológicas do gênero; e apresentar o sujeito travesti como terceiro gênero seria uma prova da falácia do sistema de gênero que gera opressões.

Como descrito no quarto capítulo, Elias Veras (2017) é um dos autores que trabalhou o termo “subjetividade travesti”. Segundo o autor,

Ao longo dos anos 1970 e, principalmente, a partir de 1980, a palavra travesti passou a designar um novo “tipo” de homossexual, que feminilizava o corpo através do uso de hormônios e da aplicação de silicone e que estava associado ao universo do carnaval, dos espetáculos teatrais e da prostituição. Tal processo de subjetivação é efeito e indício de um novo momento histórico, a que chamei tempo de hormônios-farmacopornográficos, marcado pelo amalgamento da ciência e da mídia e por suas produções heteronormativas acerca do sexo e do gênero (Veras, 2017: 199).

Segundo Veras (2017), a subjetividade travesti se configura como possibilidade de resistência, uma vez que entende as ações travestis como “contra-práticas e contra-discursos que destrucaram as relações de poder-saber que atravessam o caráter performativo-prostético do gênero, a materialidade dos sexos e as tentativas de disciplinamento” (Veras, 2017: 200).

Essa interpretação é devedora de um tipo de análise que pretende reorganizar todo um conjunto de textos e técnicas em torno da produção da identidade sexual (Preciado, 2014). Nessa perspectiva, o corpo é espaço de construção biopolítica, espaço de opressão, mas também



é espaço de resistência. O corpo é também o espaço político mais intenso para levar a cabo operações de contraprodução de prazer.

As travestis seriam, então, não a criação de uma nova natureza, mas o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. Isso possibilita uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo e aponta para a substituição do contrato social que denominamos natureza por um “contrato contrassexual” (Preciado, 2014: 21).

Segundo Preciado (2014), a “natureza humana” é um efeito de negociação permanente das fronteiras entre humano e animal, corpo e máquina e órgão e plástico. Essa “natureza humana” é efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação “natureza = heterossexualidade”. Dentro dessa chave de entendimento, na qual as travestis representariam a “contrassexualidade”, explicitada nas transformações tecnológicas dos corpos sexuados e generizados, as falhas da estrutura das tecnologias social do sexo estariam evidentes e seria possível reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado.

Ainda nessa perspectiva, as travestis seriam algo semelhante ao ciborgue de Donna Haraway (2009). Isso quer dizer que as travestis deslocam a subjetividade humana legada pelo cogito cartesiano: a existência do sujeito é idêntica ao seu pensamento; ou à consciência. O sujeito pensante, racional e reflexivo, é considerado como a origem e o centro do pensamento e da ação, que esteve subjacente, até recentemente, às principais teorias sociais e políticas ocidentais. Esse “sujeito” é, na verdade, o fundamento da ideia moderna e liberal de democracia.

Graças às modificações corporais praticadas pelas travestis, elas poderiam ser entendidas como o ciborgue de Haraway (2009), no sentido de ser um híbrido máquina e organismo, uma criatura de realidade social, mas também uma criatura de ficção, natural e fabricada. Dessa forma, as travestis pertenceriam, então, a

um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior (Haraway, 2009: 38).

Isso faz com que, dessa forma, as travestis sejam uma espécie de significante flutuante, possuindo relação com a consciência – ou com sua simulação. Assim, elas não estão sujeitas à biopolítica de Foucault, mas à simulação da política, uma característica que oferece um campo muito mais potente de atividades, possibilitando fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas costumam explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político.

Haraway (2009) lembra que, ao explorar concepções sobre fronteiras corporais e ordem social, a antropóloga Mary Douglas (1966; 1970) nos ajuda a ter consciência sobre quão fundamental é a imagística corporal para a visão de mundo e, dessa forma, para a linguagem política. A autora segue afirmando que nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Assim, os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo do ciborgue não é inocente; ele não nasceu em um Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até que o mundo tenha fim). “Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade” (Haraway, 2009: 96).

Dessa forma, as travestis, assim como a imagem do ciborgue, podem sugerir uma forma de saída do labirinto das dicotomias entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado, por meio das quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmos.

Ainda que dentro dessa perspectiva da produção do sujeito iniciando-se pelo corpo, Vartabedian (2012) não faz coro à proposta que atribui potenciais transgressores às travestis. Segundo a autora (2012), essa maneira de pensar incorre no perigo de colonizar identidades trans que não pretendem nem subvertem, mas apenas buscam “normalidade”. Ela avança dizendo que para não correr o risco de homogeneizar experiências e concepções, é necessário explicá-las de acordo com seu contexto histórico, social e cultural particular.

Para empezar, la mayoría de mis informantes no se reconoce como “transgresora”, de hecho, no conoce el significado del término. Explican, en cambio, sus cuerpos femeninos con genitales masculinos como: “fascinantes”, “misteriosos”, “bonitos”, “extraños” y “diferentes”. Suelen estar orgullosas de sus cuerpos, sobre todo las “bellas” y “exitosas” travestis, e incluso de sus penes, elemento que las vuelve “diferentes” (Vartabedian, 2012: 345, 346).

Segundo Vartabedian (2012), procurar nos corpos das travestis algum tipo de “transgressão” é um ato que só faz sentido para a academia ou para o ativismo, mas que nem sempre vem das próprias travestis. A autora afirma que não há desejo nas travestis de transgredir e subverter a hegemonia da ordem (hetero) sexual da sociedade, mesmo que seus corpos possam questionar essa ordem. Ainda assim, ela reconhece que as travestis, suas trajetórias corporais, sociais e sexuais são organizadas seguindo um itinerário diferente do binômio homem-mulher.

Ainda segundo a autora, as travestis não buscam ativamente a transgressão; as identidades das travestis são construídas paralelamente às categorias masculino-feminino, mas não são as mesmas. Suas práticas sexuais e corporais contribuem para que “la construcción del género travesti se erija fuera del binomio hombre-mujer. Estar “fuera” es lo que las estigmatiza y las posiciona como seres abyectos y, paradójicamente, las convierte también en preciados objetos del deseo” (Vartabedian, 2012: 349-350).

Distanciando-se da proposta de Vartabedian (2012) sobre uma “identidade travesti” que resulta das alterações corporais somada às práticas sexuais das travestis, mas apontando um

aparente paradoxo existente no contexto travesti entre transgressão e normalização, destaquei, no quarto capítulo, os argumentos de Nascimento (2019) e Pelúcio (2009). As duas autoras concordam que não existe uma subversão ontológica e estável nas travestis. Segundo Nascimento (2019), as travestis às vezes contestam, às vezes reproduzem as normatividades hegemônicas. Da mesma forma, Pelúcio (2009) destaca que, na performatividade travesti, há certa desestabilização do binarismo de gênero, mas elas mantêm certos paradigmas de uma heterossexualidade normalizadora.

As reflexões de Nascimento (2019) e Pelúcio (2009) vão ao encontro das considerações de Butler (2019) em seus apontamentos sobre o filme *Paris is Burning*, de Jennie Livingston (1990). Segundo a autora,

Não há necessariamente uma relação entre travestismo e subversão e que o ato do travestismo pode ser usado a serviço de ambos: da desnaturalização e da reidealização de normas hiperbólicas e heterossexuais de gênero. Na melhor das hipóteses, ao que parece, o travestismo é um lugar de certa ambivalência, uma ambivalência que reflete a situação mais geral de estar implicado nos próprios regimes de poder a que se opõe (Butler, 2019: 215).

Penso ser de grande valia considerar esse aparente paradoxo atentando para esse contexto travesti. Duas das frases que motivaram o desenvolvimento deste trabalho foram “*a gente não tem parada*” e “*não me prendo a lugar nenhum*”. Nessas frases figuram boa parte do código que tentei explorar com ajuda da etnografia. O compromisso de quem não para e não se detém em nenhum lugar fixo não é de contestar ou reproduzir, tampouco de desestabilizar ou manter, mas de se movimentar, o engajamento é apenas com o movimento. Em função disso, as travestis não apresentam “nem uma insurreição eficaz, nem uma ressubordinação dolorosa, mas a coexistência instável de ambas” (Butler, 2019: 233).

Ao longo dos deslocamentos, as travestis demonstram uma visão que nega a metafísica de existência e executa atos de *transição* reiteradamente, fazendo da *transição*, inclusive, uma

representação de si mesma, sem a pretensão de significar passagem de um lugar, de um estado de coisas, de uma condição a outra. Dessa forma que se explica a aparente contradição do “gênero travesti”, e por isso argumentei, no quarto capítulo, que o interessante é notar que, ao executar atos dramáticos sobre seus corpos, as travestis não realizam uma imitação secundária de um gênero anterior e original, mas demonstram como a heterossexualidade hegemônica produz constantemente idealizações de gênero.

Como argumentei, os deslocamentos travestis se distanciam da ideia utilitária e funcional dos movimentos porque não são um meio para alcançar um fim, mas relações que potencializam múltiplas relações. Por essa razão, os deslocamentos não se resumem a uma expressão do desejo de modificação do corpo-gênero, ou a uma imposição mercadológica laboral, ou uma busca por distinção e ganhos financeiros, materiais e simbólicos. Tudo isso ocorre durante os deslocamentos, ao longo das linhas criadas por elas por meio de uma epistemologia travesti.

Dessa forma, a condição da pessoa travesti na discussão política entre não possuir consciência ou emanar uma consciência a partir do corpo que pode ser subversiva, todavia, sem necessariamente ser o tempo todo transgressora, pode ser pensada no interior da reflexão sobre a contemporaneidade, realizada por Homi Bhabha (2010). Segundo o autor, “nossa existência é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio” (Bhabha, 2010: 19).

Essas fronteiras do presente que Bhabha (2010) deu o nome de “entre-lugares” se aproxima do “lugar intersticial”, classificação que Nascimento (2014) atribuiu aos deslocamentos entre cidades das travestis da Paraíba; e vão ao encontro dos deslocamentos travestis que espero ter demonstrado com base na etnografia realizada. Contudo, a discordância destas constatações contribui para argumentar que as travestis não têm consciência. Subjaz a

esse tipo de argumentação a fixação por um sujeito político uno e estável, que é impossível localizar na história.

Não pretendo e, honestamente, nem tenho competência para realizar uma análise como se deve sobre o sujeito<sup>44</sup>, porém, considero que a discussão sobre a produção do sujeito está capturada por uma maneira liberal moderna de fazer e pensar a política. Questões sobre como se formam os sujeitos em deslocamento e como formular estratégias de representação para esses mesmos sujeitos parecem procurar respostas que fogem do repertório existente da política institucional que reifica relações e necessita de estabilizações para operar seus programas.

Para encerrar, permito-me afirmar que as travestis podem colaborar para a sofisticação desse debate. Estas contribuem à medida que fornecem uma espécie de código, de uma fórmula não no sentido de um modelo, uma regra ou uma solução, mas como uma expressão concisa e clara, composta de símbolos, que condensa um certo número de dados, ou, melhor ainda, um tropo. Ou seja, as travestis fornecem uma figura de linguagem, na qual ocorre uma mudança de significado por associação de ideias. Dessa forma, assemelham-se à fórmula literal de Bartleby, personagem do conto de Herman Melville (2017).

Bartleby é um escrivão contratado por um advogado para trabalhar em um escritório em Wall Street que, em determinado momento, ao receber uma solicitação ou ordem de trabalho, responde com “Eu preferiria não”, e não executa mais absolutamente nada, inspirando e contaminando os outros funcionários do escritório com sua linguagem que não é moral, não é simbólica, mas literal, só quer dizer aquilo que diz: “Eu preferiria não”.

Quando colocado o argumento evolucionista da premissa da estabilidade, de um ser humano que era nômade, mas que, com a evolução, cessou os deslocamentos e criou casas fixas, aldeias e cidades, as travestis se apresentam sem parada, não estando presas a lugar nenhum,

---

<sup>44</sup> Para uma discussão sobre o sujeito e processos de subjetivação, ver Butler (1987) e Lazzarato (2014).

dizendo à sua maneira “Eu preferiria não”. Os deslocamentos travestis oferecem, dessa forma, um tropo da recusa, não como afronta, mas como uma preferência elegante, por não fazer.

O tropo travesti desarticula a afirmação “você é o seu trabalho”, a qual submete e organiza modos de viver e estar no mundo onde o trabalho produz uma identidade estável. Essa perspectiva ontológica, na qual o ser humano é aquilo que traz consigo e se expande com base no trabalho, não faz eco no contexto travesti. Em função disso, é um equívoco esperar qualquer reflexão ou proposição sobre trabalho sexual, seja a respeito da regulamentação, valorização e ressignificação da atividade. Não há moralização ou reivindicação sobre o assunto, tampouco uma preocupação associativista, não por ser irrelevante, mas porque não é um marcador ou definidor de identidade ou da pessoa travesti. Por isso, é empobrecedor pensar as viagens como tendo única finalidade o trabalho, mesmo que esse não seja apenas para ganhos materiais, mas também sociais e simbólicos.

O tropo fica evidente, outrossim, na criação de *linhas*, na maneira como os deslocamentos são realizados. As travestis não operam dentro do código da construção de redes e estruturas estáveis e referentes para realização das viagens. A condição de *não ter parada* orienta uma forma de se deslocar que ocorre ao longo de *linhas*, ao mesmo tempo que as cria. As *linhas* como metáforas de movimento possuem poder organizador e constitutivo da vida de travestis como uma exposição interpretativa dos sentidos, uma invenção autônoma das travestis, uma metáfora que é capaz de modelar o uso das convenções culturais para seus próprios fins que transforma e possibilita relações e deslocamentos de travestis.

A naturalização do corpo sexuado, o imperativo dos sentidos únicos dos órgãos genitais, das classificações de gênero e das categorizações de orientações sexuais também sofrem torções pelo tropo travesti. Essas torções escapam da discussão sobre transgredir ou não as normas de gênero, de desestabilizar ou reproduzir padrões hegemônicos. Isso porque, para contrariar, abalar ou dar continuidade a normas e padrões, é necessário, sobretudo, permanecer em algum

lugar por algum tempo considerável, seja no lugar da transgressão ou no da reprodução; e permanência ou constância é tudo que é evitado nesse contexto travesti. Portanto, dadas as sobreposições causadas pelos deslocamentos, somadas à *transição* que somente é iniciada pelas travestis, mas sem previsão de término, qualquer afirmação categórica sobre esse assunto diz mais respeito a quem se pretende um observador externo do que às próprias travestis.

O tropo travesti se apresenta quando, além de não se deterem em uma cidade, também não se prendem à convenção político-administrativa de cidade. As linhas travestis possibilitam que haja apenas a construção de cidades singulares manifestas em cada corpo que está em *transição* nos deslocamentos. Dessa forma, os deslocamentos travestis fazem com que elas não sejam necessariamente contra o Estado, mas, de alguma forma, essa preferência as coloca a-Estado.

O tropo travesti revela uma preferência não como uma cisão no tempo ou ruptura, mas um movimento e sem projeção para o futuro, sem alocação fixa. Uma preferência que recusa, talvez não intencionalmente, todas as formas de reprodução impostas, sejam elas relativas ao corpo sexuado, ao gênero, ao trabalho, ao Estado, fornecendo, assim, um código de fuga, uma espécie de medicina ou fármaco que desarma todo um sistema de inteligibilidade de reprodução de regimes unívocos. Ademais, isso nos força a pensar não em termos de “sujeitos”, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades; não em termos de instituições e representações, mas em ação direta.

O tropo travesti é uma fórmula agramatical que não afirma, nem nega; é apenas um fluxo constante. Preferem não ficar, mas ir. Entretanto, não há definição para onde ir, apenas o desejo de ir, inventando, de certo modo, outra linguagem, pragmática, da afirmação do ir, de não se prender. Não é resistência, rebeldia, transgressão, oposição, reprodução, mas uma lógica diferente, a lógica dos deslocamentos. É um problema sem resposta, sem apontar para um fim,



mas para um espaço que antecede a criação, a definição, um momento de caos como potencialidade máxima.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. 2007. **Borderlands/La frontera: The new mestiza**. 3. ed. Aunt Lute Books: San Francisco, Ca.
- APORTA, Claudio. 2004. Routes, trails and tracks: trail breaking among the Inuit of Igloodik. **Études/Inuit/Studies**, 28 (2), p.9-38.
- ASKABIDE. 2006. **Violência de gênero y prostitución: La violència de género contra El colectivo de mujeres que ejercen la prostitución**. Bilbao, Ed. Mensajero.
- ASSIS, G. O. 2007. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Estudos Feministas, 15(3), Florianópolis.
- BAKER, Sean. **Tangerine**. Magnolia Pictures, 2015
- BARNES, J.A. 1972. **Social Networks**. Cambridge: Module 26, p.1-29.
- \_\_\_\_\_. 1987. Redes Sociais e Processo Político. In.: FELDEMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas- Métodos**. São Paulo: Global.
- BATESON, Gregory. 2008. **Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. São Paulo: EDUSP.
- BARBOSA, B. C. 2015. **Imaginando trans: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BEAUVOIR, Simone de. 2009. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BENEDETTI, M. 2012. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. 2006. **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond.
- BHABHA, Homi K. 2010. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

BIONDI, Karina. *Etnografia no movimento: território, hierarquia e lei no PCC*. 2014. 336 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BROWN, Radcliffe. 1970. Sobre o Conceito de “Função” em Ciências Sociais, *Estrutura Social*. Extraído de: PIERSON, Donald. São Paulo. **Estudos de Organização Social** – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social.

BUTLER, J. P. 2016. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. 2006. **Deshacer el Género**. Barcelona. Editorial Paidós.

\_\_\_\_\_. 2019. **Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1 edições; Crocodilo Edições.

\_\_\_\_\_. 1987. **Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France**. Columbia University Press.

CALVINO, Ítalo. 1990. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras.

CARDOZO, Fernanda. 2009. **Das dimensões da coragem: socialidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Florianópolis, UFSC.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. 2006. “Tá lá o corpo estendido no chão”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro”. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, 16(2): 233-249.

CARRARA, Sérgio & SIMOES, Júlio Assis. 2007. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cad. Pagu** [online]. n.28, pp.65-99.

CARSTEN, J. 2000. **Cultures of relatedness: new approaches to the study of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press.

- \_\_\_\_\_. 2004. **After kinship**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CLASTRES, Hélène. 1978. **Terra sem Mal: O profetismo tupi-guarani**. São Paulo: Brasiliense.
- CLASTRES, Pierre. 1974. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac & Naify.
- CLIFFORD, James. 2000. Culturas viajantes. In: A. A. Arantes (org.), **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus.
- COLEMAN, Simon; VON HELLERMANN, Pauline (eds.). 2011. **Multi-sited ethnography: Problems and possibilities in the translocation of research methods**. New York: Routledge.
- DAMATTA, Roberto. 1991. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- DAVIDA. 2005. Prostitutas, “traficadas” e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero- Pagu/Unicamp, 2005, pp.153-184.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 2012. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997.
- DEWEY, Susan; ST. GERMAIN, Tonia. 2017. **Women of the street: how the criminal justice-social services alliance fails women in prostitution**. Nova Iorque: New York University Press.
- DOUGLAS, Mary. 1966. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva.
- DUQUE, Thiago. 2011. **Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume.
- EMAKUNDE. 2001. **La prostitución ejercida por mujeres en la C.A.E.**
- EVANS-PRITCHARD, E. 1978. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva.
- FABIAN, J. 1990. Presence and Representation: The Other in Anthropological Writings, in “**Critical Inquiry**”, 16, pp. 753-772.
- FACCHINI, Regina. 2005. **Sopa de letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond.

- FALZON, Mark-Anthony. 2009. **Multi-sited Ethnography: Theory, Praxis and Locality in Contemporary Research**. Farnham and Burlington: Ashgate.
- FAUSTO-STERLING, Anne. 2002. “Dualismos em duelo”. **Cadernos Pagu**, 17/18, p.9-79.
- FAVRET-SAADA, J. 2005. Ser afetado. In: **Revista Cadernos de campo n.13**: 155-161.
- FELDMAN-BIANCO, B. (org.) 1987. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: global.
- FERRARI, F., DULLEY, I., PINHEIRO, J., VALENTINI, L., SZTUTMAN, R., & MARRAS, S. 2012. “O Apache era o meu reverso” Entrevista com Roy Wagner. **Revista De Antropologia**, 54(2). <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.39652>
- FOUCAULT, Michel. 1997. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**, Rio de Janeiro: Edições Graal.
- \_\_\_\_\_.1994. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_.1985. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FRY, Peter. 1982. **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar.
- FLORENTINO, Cristina de Oliveira. 1998. **Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: etnografia sobre travestis em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado em Antropologia, Florianópolis, PPGAS/UFSC.
- FONSECA, Claudia. 1996. “A dupla carreira da mulher prostituta”. In: **Estudos feministas** N1.
- FRANÇA, M. 2014. Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 321-346, 2014
- GLICK SCHILLER, Nina. 2015. Diasporic cosmopolitanism: migrants, sociabilities and city-making. In N. Glick Schiller, & A. Irving (Eds.), **Whose cosmopolitanism?: critical perspectives, relationalities and discontents** (pp. 103-120). New York: Berghahn.

- GOLDMAN, Marcio. 1996. Uma Categoria Do Pensamento Antropológico: A Noção De Pessoa. **Revista De Antropologia** 39 (1), 83-109. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111620>.
- GUATARRI, Félix. 1985. Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade. In: **Espaço e Debates**, nº 16, São Paulo: NE RU.
- \_\_\_\_\_.1987. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_.1988. **O Inconsciente Maquínico**: ensaios de esquizo-análise. Campinas: Papyrus.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. 1996. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes.
- GUEDES, André Dumans. 2013. **O trecho, as mães e os papéis**: Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. Rio de Janeiro: Garamond.
- GUERRA, Verônica Alcântara. 2015. **“Sou salobra”**: travestilidade, lazer e sociabilidade no litoral norte da Paraíba. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, Universidade Federal da Paraíba.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. 2000. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio A. (Org.) O espaço da diferença. Campinas: Papyrus.
- HANNERZ, Ulf. 1994. Cosmopolitas e locais na cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- HARAWAY, Donna J., 2009. “A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century” In: Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature, New York, Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz, **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano, Belo Horizonte, Autêntica, 2009, 2a ed.)

HEILBORN, Maria Luiza. 1999. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

HERDT, Gilbert. 1993. **Third sex, third gender: beyond sexual dimorphism in culture and history**. New York: Zone Books.

HOLBRAAD, M. and PEDERSEN, M. A. 2017. **The ontological turn: an anthropological exposition**. Cambridge: Cambridge University Press.

INGOLD, Tim. 2015. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. 2007. **Lines: a brief history**. London: Routledge.

\_\_\_\_\_. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37**, p. 25-44, jan./jun.

JAYME, Juliana. 2001. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tese de Doutorado em Antropologia. Campinas, Unicamp.

JEANETTE, E. & STRATHERN, M. 2000. “Including our own.” In *Cultures of relatedness: New approaches to the study of kinship*, edited by Janet Carsten, 149–66. Cambridge: Cambridge University Press.

KEMPADOO, Kamala. 2005. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.55-78.

KULICK, D. 2008. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

LARAIA, Roque de Barros. 2006. Claude Lévi-Strauss, quatro décadas depois: as mitológicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 21(60), 167-169. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100010>

- LAQUEUR, Thomas. 2001. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LAZZARATO, M. 2014. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo; Helsinque: n-1 Edições; Edições Sesc São Paulo.
- LEITE JR., Jorge. 2011. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias travesti e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume.
- LÉVI-STRAUSS, C. 2004. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. São Paulo, CosacNaify.
- \_\_\_\_\_. 1981 **Tristes trópicos**, Lisboa/São Paulo, Ed. 70/Martins Fontes.
- LIMA, Aline Soares. 2009. **Quem sou eu**: autorrepresentações de travestis no Orkut. Dissertação de mestrado em Cultura Visual, UFG
- LIMA, Tânia Stolze. 2002. O que é um corpo? *Religião e Sociedade* 22 (1): 9-20.
- LIVINGSTON, Jennie. **Paris Is Burning**. Burbank: Miramax Home Entertainment, 2005.
- LUONGO, Michael. 2000. The Use of Commercial Sex Venues and Male Escorts by Gay Tourists in New York City. In **Tourism and Sex: Culture, Commerce and Coercion**. Stephen Clift and Simon Carter, eds. Pp. 109-130. London: Pinter.
- MACHADO, I. J. R. 2016. Migração, deslocamentos e as franjas do parentesco (2014, publicado em 2016)). **R@U** : Revista de Antropologia Social da UFSCAR, v. 6, p. 130-145.
- \_\_\_\_\_. 2014. Movimentos e Parentesco: Sobre as especificidades dos deslocamentos. **Campos**, vol. 15, Nº 2, 2014 (publicado em 2017). p. 27-42.
- MAGNANI, José Guilherme. 2000. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lílian de Lucca (orgs.). **Na metrópole**: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: Edusp.
- \_\_\_\_\_. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol.17, nº 49, pp. 11-29.



- \_\_\_\_\_.2012. **Da periferia ao centro:** trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- MARCUS, George E. 1995. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, California, vol.24, 1995, pp. 95-117.
- MARCUS, George E.; CUSHMAN, Dick. 1982. Ethnographies as texts. **Annual Review of Anthropoloy**. Vol. 11, p. 25-69.
- MAUSS, Marcel. 2003. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify.
- MAYORGA, Claudia. 2011. Cruzando fronteiras: prostituição e imigração. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37 ISSN 0104-8333.
- MEDEIROS, R. 1999. **Hablan las putas!** Sobre las practicas sexuales, prostitución y SIDA en el mundo de la prostitución de Barcelona. 2ª ed. Barcelona, Virus Editora.
- MOORE, Henrietta. 1997. “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed), **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres, Routledge.
- MELVILLE, Herman. 2017. **Bartleby, o escrivão:** uma história de Wall Street São Paulo: Ubu Editora.
- NASCIMENTO, Silvana. 2014a. “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. In: **Revista de Antropologia**, vol 57, n2.
- \_\_\_\_\_. 2014b. “Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba”. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII nº 1; jul-dez.
- \_\_\_\_\_. 2018. Desire-cities: a transgender ethnography in the urban boundaries. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, 15(1), e151501. Epub October 22, 2018.<https://doi.org/10.1590/1809-43412017v15n1a501>.

\_\_\_\_\_. 2019. Fugas e contrapontos na fronteira: reflexões etnográficas sobre transitividades corporais e de gênero no Alto Solimões/AM. *Revista de Antropologia da UFSCar*, 11 (1), jan./jun. 2019: 524-551.

OLIVAR, J. M. N. 2013. **Devir Puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Eduerj.

\_\_\_\_\_. 2014. Pesquisando prostituição e marcadores do sexo: contribuições, debates e novos desdobramentos. *Ártemis*, v. 18, n. 1, p. 3-11, 2014. <https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v18n1p3-11>.

OLIVEIRA, Marcelo. 1997. O lugar do travesti em desterro. Florianópolis: PPGAS/UFSC.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. 1994. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA.

OSBORNE, Raquel. 2004. **Trabajador@s del sexo** – Derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI. Barcelona, Bellaterra.

PATRIARCA, Letizia. 2015. **As corajosas**: etnografando experiências travestis na prostituição. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS – USP.

PELÚCIO, Larissa. 2009. Sin papeles pero con glamur: Migración de travestis brasileñas a España (Reflexiones iniciales). **Vibrant**, vol. 6, Brasília, 2009, pp.170-197.

\_\_\_\_\_. 2005. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.217-248.

\_\_\_\_\_. 2007. **Nos Nervos, Na Carne, Na Pele**. Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos.

\_\_\_\_\_. 2009. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo, Editora Annablume.

PERLONGHER, N.1987. **O Negócio do Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. 1993. Antropologia das Sociedades Complexas: Identidade e Territorialidade, ou como estava vestida Margareth Mead. **Revista Brasileira de Ciências**, n° 22: 137-144.

\_\_\_\_\_. 2005. Territórios Marginais. In GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Unesp, pp. 263-290.

PISCITELLI, A. G. 2013. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM.

\_\_\_\_\_. 2009. **Trânsitos**: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. *Horizontes Antropológicos*, vol 31, 2009, pp.131-137.

\_\_\_\_\_. 2004. Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A. et alii. **Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro, Garamond.

\_\_\_\_\_. 2014. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 159-199, 2014. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420159>.

POE, Edgar Allan. 1981. A Carta Roubada. In: **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Victor Civita.

PRADA, Monique. 2018. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta.

PRECIADO, Beatriz. 2014. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições.

PRECIADO, Paul Beatriz. 2018. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições.

RAGO, Margareth. 1989. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. **Os significados da amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV.

RODRIGUES, André Rocha. 2015. **“RUA DA FRENTE”**: Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos - SP. Dissertação, Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

\_\_\_\_\_. 2019a. A cidade das pessoas e as pessoas da cidade: notas sobre construções, transformações e apropriações do espaço público urbano em São Carlos/SP. In: **Mediações culturais e ressignificações simbólicas na cultura contemporânea**. Castro, A. L. & Paoliello, R. M. (org). São Paulo: Cultura Acadêmica.

\_\_\_\_\_. 2019b. “Tudo é rua”: apropriações, espaços e corpos no mercado do sexo em São Carlos/SP. **Revista de Antropologia da UFSCar**, 11 (1), jan./jun. 2019: 504-523.

RUBIN, Gayle. 2017. **Políticas do Sexo**. São Paulo: Ubu Editora.

SAHLINS, Marshall. 2013. **What kinship is — and is not**. Chicago: University of Chicago Press.

SALES, Ana Paula Luna. 2013. “Espaços de prostituição, espaços de dominação”. In: SIMÕES, S.S.; SILVA, H. R. S.; MORAES, A. F. (orgs). **Prostituição e outras formas de amor**. Rio de Janeiro: EdUFF.

SANTOS, Rafael F. G. 2012. **As aparências enganam?** O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes - RJ. Dissertação de Mestrado, UERJ.

SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1979. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". **Boletim do Museu Nacional**, 32.

SILVA, H. R. S. 1993. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Iser.

\_\_\_\_\_. 2007. **Travesti**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro:, Rocco,2007.

- SIQUEIRA, Monica Soares. 2009. **Arrasando horrores!** Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. Tese de Doutorado em Antropologia, Florianópolis, UFSC.
- SCHNEIDER, David. 1968. **American Kinship: a cultural account.** New Jersey: Prentice-Hall.
- \_\_\_\_\_. 1984. **A critique of the study of Kinship.** Ann Arbor: University of Michigan Press.
- SCHOLTE, B. 1974. Toward a Reflexive and Critical Anthropology, in HYMES, D. (ed), **Reinventing anthropology.** New York, Vintage Books.
- STRATHERN, M. 2006. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- STRATHERN, M. 1999. “No limite de uma certa linguagem”. **Mana, Rio de Janeiro, v. 5,** n. 2, Oct.
- \_\_\_\_\_. 2014. **O efeito etnográfico e outros ensaios.** São Paulo: Casac Naify.
- \_\_\_\_\_. 2015. **Parentesco, direito e o inesperado: Parentes são sempre uma surpresa.** São Paulo: Editora da UNESP.
- TEDESCO, Letícia da Luz. 2008. **Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS - NACI/UFRGS.
- TEIXEIRA, Flávia. 2008. “L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser europeia e o babado da prostituição”. **Cadernos Pagu, 31:** 275-308.
- \_\_\_\_\_. 2011. “Juízo e sorte: enrendando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras na Itália”. In: A. Piscitelli; G. Assis & J. Olivar (eds.), **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil.** Campinas: Coleção Encontros, Pagu/Unicamp. 225-262.
- VANCE, Carol. 1995. A Antropologia redescobre a sexualidade. In **PHYSIS – Revista de saúde coletiva, vol. 5,** n. 1.

VARTABEDIAN, Julieta. 2012. **Geografía travesti**: Cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro-Barcelona). Tesis Doctorals - Departament - Antropologia Cultural i Història d'Amèrica i d'Àfrica Universitat de Barcelona.

\_\_\_\_\_. 2014. Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. **Cadernos Pagu**, (42), 275-312. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420275>

\_\_\_\_\_. 2017. Travestis brasileiras trabalhadoras do sexo algumas notas além da heteronormatividade. **BAGOAS** n. 17. p. 63-92

VERAS, Elias Ferreira. 2017. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Editora Prismas.

VIANNA, A. C. M. 2010. **Os enleios da tarrafa**: etnografia de uma parceria transnacional entre ONGs através de emaranhados institucionais de combate à pobreza. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. São Paulo.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. O nativo relativo. **Mana**, 8(1), 113-148. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>

WAGNER, Roy. 2012. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify.

\_\_\_\_\_. 2013. A pessoa fractal. **Ponto Urbe** [Online], 8 | 2011, posto online no dia 15 maio 2013, consultado o 04 agosto 2020. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/173>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.173>

\_\_\_\_\_. 2017. **Símbolos que representam a si mesmos**. São Paulo: Editora Unesp.

\_\_\_\_\_. 2018. **The logic of invention**. Chicago, University of Chicago.